

# MARCHA DAS MARGARIDAS



TRABALHADORAS  
EM  
LUTA

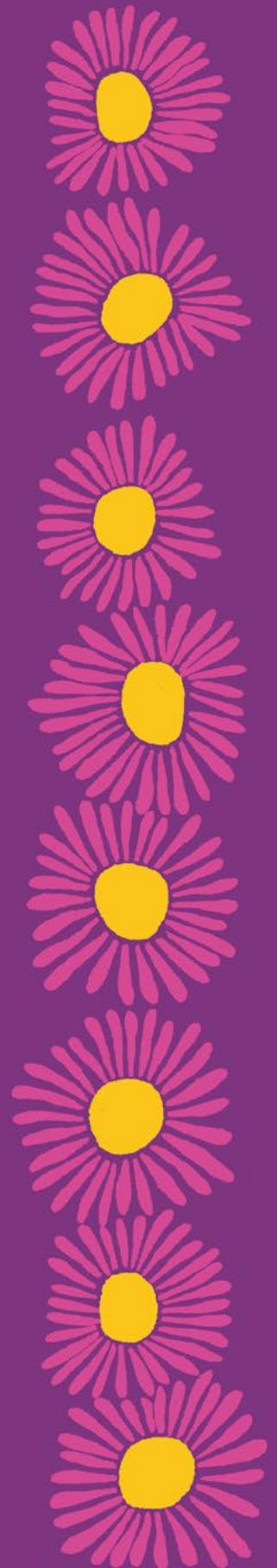
EM DEFESA  
da  
DEMOCRACIA

IGUALDADE,  
LIBERDADE  
e  
AUTONOMIA

CAMINHOS, MEMÓRIAS  
E REPERCUSSÕES

# MARCHA DAS MARGARIDAS:

CAMINHOS, MEMÓRIAS  
E REPERCUSSÕES



# MARCHA DAS MARGARIDAS: CAMINHOS, MEMÓRIAS E REPERCUSSÕES

**Organizadoras:** Marleide Barbosa Sousa Rios, Elza Flakembach,  
Anna Carolina Carvalho B. Teixeira e Raimunda de Oliveira Silva

**Autoras:**

Adviana Rodrigues da Silva Cavalcante	Maria Leycyane Gonçalves da Silva
Anna Carolina Carvalho B. Teixeira	Marleide Barbosa de Sousa Rios
Carine Lehnen	Mônica Silva Ramos de Souza
Carmem Silvia Maria da Silva	Raimunda de Oliveira Silva
Cláudia Pereira Farinha	Rosângela Uranga Gonçalves
Cláudia Regina Vieira Lima	Roseane da Silva Borcem
Edna Calabrez Martins	Rosiane da Silva Inácio Chicuta
Elisabete Ramos dos Santos	Sandra Silva Cardoso
Eryka Galindo	Thamy Frisselli
Elza Falkembach	Vilênia Aguiar
Larissa Aparecida Delfante	

*Esta publicação não seria possível sem o trabalho comprometido e ousado das Coletoras de Memórias que vivenciaram a Marcha das Margaridas 2019.*

**Revisora:**

Iolita Domingos Barbosa Campos

**Projeto gráfico, diagramação e ilustrações:**

Isabella Alves

Brasília, julho, 2023.

## Catálogo na Fonte

---

M315

Marcha das margaridas : caminhos, memórias e repercussões / org. Anna Carolina Carvalho B. Teixeira ... [et al.]. - Brasília: CONTAG, 2023. 188 p. : il. color. ; 30 cm.

ISBN: 978-85-63462-23-7

1. Movimento sindical. 2. Trabalhadoras rurais.  
3. Direitos - Mulheres. I. Teixeira, Anna Carolina Carvalho B.

CDU: 331.105.44

---

**Bibliotecária Responsável**

Eunice Passos Flores Schwaste  
CRB 10/2276





# APRESENTAÇÃO

Em Marcha, dizem as Margaridas: “Tecemos nossas experiências de vida e de resistência, unindo muitas bandeiras de luta em um só movimento”.

Temos a alegria de apresentar esta publicação sobre a sistematização da Marcha das Margaridas 2019. O desafio de sistematizar a Marcha foi assumido pelas secretarias de Formação e Organização Sindical e Mulheres. A Escola Nacional de Formação da CONTAG (ENFOC) coordenou essa produção coletiva do conhecimento com a intencionalidade de registrar a memória e a história da 6ª Marcha das Margaridas, realizada nos dias 12 e 13 de agosto de 2019, em Brasília, uma ação coletiva coordenada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG), por intermédio da Secretaria de Mulheres e um conjunto de organizações de mulheres do campo e da cidade,

A Marcha das Margaridas é lugar de memória, de experiência coletiva e de luta. É lugar de ousadia, de esperança e de SER Margarida, que envolve milhares de mulheres de todo canto e recanto desse imenso país. A Marcha tem reafirmado, em sua trajetória construída ao longo de uma história de 23 anos, a luta por direitos, cidadania e democracia. A Marcha é reconhecida como a maior ação latino-americana protagonizada por mulheres do campo, da floresta, das águas e da cidade.

Essa “boniteza” que chega até vocês foi um fazer de muitas mãos, com entusiasmo, diálogos, singularidades, sonhos, realidades, desejos, saberes, solidariedade que formaram um campo semeado de palavras vivas, de descobertas, de reflexões e vivências. Gratidão às autoras que acreditaram e vivenciaram esse fazer coletivo e que enfrentaram os desafios com ousadia, criatividade e engajamento.

Esperamos que o livro oportunize às mulheres reconhecerem-se, encontrarem-se, reconectarem-se e reviverem os momentos de lutas, sonhos e esperanças que a Marcha das Margaridas de 2019 proporcionou. Viva a Marcha das Margaridas!

Boa leitura!

**Mazé Morais**

*Secretária de Mulheres Trabalhadoras Rurais*

**Carlos Augusto Santos Silva (Guto)**

*Secretário de Formação e Organização Sindical*

# OLHA, BRASÍLIA ESTÁ FLORIDA, ESTÃO CHEGANDO AS DECIDIDAS...

Foto: Rafael Fernandes





**D**ia 13 de agosto de 2019, o Pavilhão do Parque da Cidade acolhe mulheres vindas de todo canto e recanto desse país. Os colchões, dispostos lado a lado, ocupam o único lugar que lhes cabe em meio a tantas malas, sacolas e objetos. Elas chegam em movimentos e ritmos próprios. E em pouco tempo, aquele espaço se tornou preenchido de cores, cantos, vozes e sons, faixas, painéis, trajes, tecidos, retalhos, chitas, pinturas, bordados, fuxicos, renda, imagens, chapéus e estandartes. Entre sons, batiques, cantos e danças, as Margaridas chegaram, anunciando um *Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência*.

Havia ali cumplicidade, solidariedade, um compartilhar, uma mistura de orgulho, vanta-

de, força e entusiasmo, que se revelavam na participação pulsante das mulheres nos painéis, nas oficinas temáticas, lúdicas e autogestionadas, nos saberes trocados e sabores experimentados naquele que era um espaço de saúde, vida e criatividade.

Banho de cheiro, estandartes, tambores, canto, discursos e poesia, expressões que já anunciavam o “querer das margaridas”.

**Dia 14 de agosto**, amanhece em Brasília dia claro, grande movimentação... Muita gente, muitas mulheres, jovens, crianças... Com chapéu na cabeça, bandeiras em punho, trajes singulares, carregando faixas e estandartes... Muitas vozes, falas, gestos e expressões. Um intenso burburinho! As Margaridas se prepararam para marchar e, em marcha, ocupam as ruas de Brasília.

*São elas mulheres da classe trabalhadora, mulheres rurais, urbanas, agricultoras familiares, camponesas, indígenas, quilombolas, assentadas, acampadas, sem-terra, assalariadas rurais, extrativistas, quebradeiras de coco, catadoras de mangaba, ribeirinhas, pescadoras, marisqueiras, caiçaras, faxinalenses, sertanejas, vazanteiras, caatingueiras, criadoras em fundos de pasto, raizeiras, benzedadeiras, geraizeiras, e tantas outras, negras na grande maioria. Exploradas e marginalizadas ao longo da história (CONTAG, 2019a, p. 4).*

Ao ocuparem as ruas da capital do país, elas ganham existência social como “mulheres do campo, da floresta e das águas”, expressando a sua pluralidade, a sua diversidade, seus diferentes “modos de ser”, utilizando uma linguagem que agrega as suas diferenças. Nesse lugar, elas se veem umas nas outras, interagem, dialogam e revelam a sua relação com o mundo. **A Marcha das Margaridas é experiência coletiva!**

Por meio dela, as mulheres compartilham lugar de ser “margarida”, esse termo mobilizador que carrega princípios e ideias que estimulam a ação coletiva: força, vida, sofrimento, luta, coragem e sonho, ideias escritas na leitura da história coletiva de mulheres trabalhadoras e inscritas nas suas falas, cantos, poesias, no toque dos tambores que são utilizados como forma de denúncia, mas também de motivação e encorajamento para animar o movimento e estimular outras mulheres a permanecerem na luta ou a vir fazer parte dela. **A Marcha das Margaridas é lugar de luta!**

Na busca por direitos, com uma história particular de opressão, discriminação, exploração e submissão, mulheres trabalhadoras rurais invocam Margarida Alves. A forma cruel como ocorreu a sua morte, ela, uma mulher trabalhadora rural e líder sindical, é apropriada pelas mulheres como um símbolo de coragem e força.

O rosto de Margarida estampado em camisetas, estandartes ou em enormes tecidos faz parte dos “rituais” diversos que apresentam a Marcha das Margaridas ao mundo, mediante narrativas visuais sobre a vida dessa líder sindical que, nas ruas, é engrandecida, exaltada e ganha vida, como símbolo inspirador da luta contra as injustiças. É como se Margarida Alves estivesse presente, acompanhando a Marcha.

**A Marcha das Margaridas é lugar de memória!** Através dela, a morte de Margarida Alves é ressignificada e, nas ruas, se traduz como reinvenção da vida que brota em inúmeras margaridas que, a cada 4 anos, marcham nas ruas de Brasília, convocadas que são a renovar o compromisso com a luta que travam diariamente contra todas as formas de desigualdade que afetam suas vidas. E, em marcha, dão continuidade à luta, e sinalizam a resistência das mulheres do campo, da floresta e das águas:

***Somos todas margaridas, de todas as cores, raças, credos, crenças. Usamos a nossa voz e a nossa garra de punhos fortes, de guerreiras, para fazer a nossa história. E nessa união de diversidades, culturas e belezas, evocamos e honramos a luta de Margarida Alves. Margarida, presente!***

A semente plantada por Margarida tem germinado. Por isso, a cada Marcha, mais margaridas brotam e se juntam para fazer a luta e semear um novo mundo.

**A Marcha das Margaridas é lugar da política!** Ela é, em si, questionamento da estrutura social e do lugar de subalternidade que as mulheres nela ocupam. Como uma ação coletiva

expressiva, ela é potencialmente transformadora em duplo sentido. Politicamente posicionada, ela é capaz de comunicar os fundamentos da sua plataforma política que propõe um projeto de transformação social. E como experiência coletiva, ela opera transformações subjetivas, inerentes às próprias mulheres. Esse potencial transformador a faz se repetir no tempo.





# **SUMÁRIO**

## **INTRODUÇÃO**

### **13 CAPÍTULO 1. SISTEMATIZAR É CONTAR UM CONTO DE FORMA COLETIVA**

A Marcha das Margaridas como tema da sistematização **p. 15**

Metodologia: como sistematizar? **p. 18**

O caminho percorrido – Antes do começo, um desejo: sistematizar a Marcha das Margaridas **p. 19**

A Educação Popular feminista na Marcha das Margaridas **p. 27**

### **31 CAPÍTULO 2. COLETORAS DE MEMÓRIAS**

O sentido e atuação das Coletoras de Memórias na Marcha **p.32**

Sistematização: o conceito que assumimos **p. 36**

Coletoras de Memórias em Ação **p. 39**

Aprendizagens e desafios do ato de sistematizar **p. 42**

### **45 CAPÍTULO 3. MARCHA DAS MARGARIDAS: TRAJETÓRIAS E REPERCUSSÕES**

Como marchamos durante 20 anos? **p. 47**

Marcha das Margaridas – 2000 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista **p. 48**

Marcha das Margaridas – 2003 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista **p. 54**

Marcha das Margaridas – 2007 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista **p. 59**

Marcha das Margaridas 2011 – Margaridas na luta por desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade **p. 66**

Marcha das Margaridas 2015 – Margaridas seguem em marcha por desenvolvimento sustentável com democracia, justiça, autonomia, igualdade e liberdade **p. 73**

Marcha das Margaridas 2019 – Margaridas na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência **p. 77**



**79** **CAPÍTULO 4. A MARCHA DAS MARGARIDAS 2019**  
**E O DESPONTAR DE OUTRO CICLO**

Os primeiros passos... **p. 81**

E as mulheres se organizam para semear margaridas... **p. 82**

O fazer coletivo da Marcha das Margaridas **p. 85**

A Marcha de 2019 é anunciada – lançamentos e chamamentos **p. 89**

Ir para a Marcha requer uma preparação: os desafios foram grandes, mas as mulheres não se intimidaram **p. 90**

Plataforma política das mulheres do campo, da floresta e das águas **p. 94**

A Marcha das Margaridas é Formação na Ação **p. 96**

**101** **CAPÍTULO 5. AS DECIDIDAS CHEGAM A BRASÍLIA**

O pavilhão do Parque da Cidade tornou-se espaço de aconchego das Margaridas **p. 104**

14 de agosto – é melhor morrer na luta do que morrer de fome **p. 138**

Estar em Marcha e ser Margarida – sentidos e significados **p. 146**

**157** **CAPÍTULO 6. ENTREVISTAR, “COLETAR MEMÓRIAS”, UM ESFORÇO RECOMPENSADOR!**

Como as mulheres se apresentam e se constroem como margaridas, a partir da marcha? **p. 159**

O que significa a Marcha das Margaridas, como afeta as vidas das mulheres que dela participam e os espaços onde atuam? **p. 165**

Como se expressa a luta das margaridas na Marcha 2019, na relação com as dimensões trazidas nos seus 10 eixos políticos e com suas utopias? **p. 169**

Que feminismo é esse que brota da Marcha das Margaridas? **p. 178**

**181** **CAPÍTULO 7. MARGARIDAS EM MARCHA. SEMPRE!**

Marchar é construir coletivamente. É ser ousada e decidida **p. 183**

Marchar é aprender **p. 185**

Marchar é esperar **p. 186**

**187** **REFERÊNCIAS**

# INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

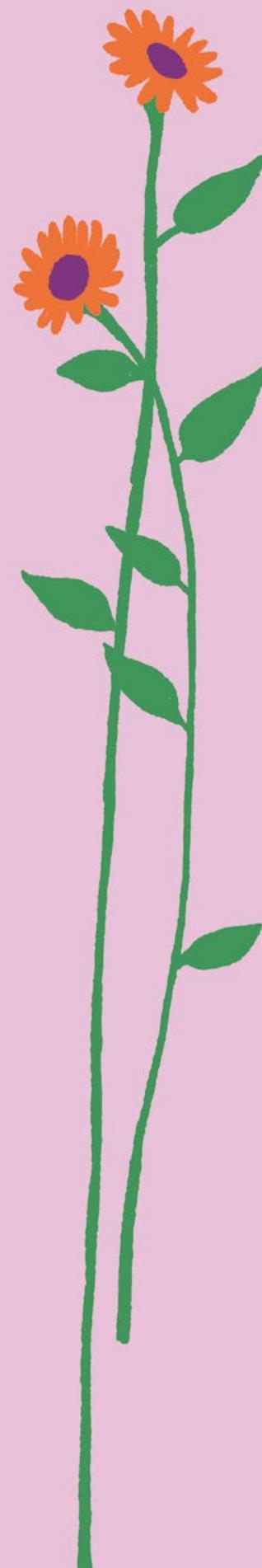
*Este texto pretende apresentar a sistematização da 6ª Marcha das Margaridas, uma ação coletiva coordenada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG), por intermédio de sua Secretaria de Mulheres, realizada nos dias 12 e 13 de agosto de 2019, em Brasília.*

O desafio de sistematizar a Marcha foi assumido coletivamente pelas Secretarias de Formação e Organização Sindical e de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Contag. A Escola Nacional de Formação da CONTAG (ENFOC) coordenou esse fazer coletivo de produção do conhecimento. Uma caminhada que envolveu as representações das Federações de Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (FETAGs) e organizações parceiras da Marcha.

**A proposta não é apenas fazer os registros de cada momento da Marcha das Margaridas 2019, mas conseguir, por meio dela, revelar o significado da experiência de estar e construir uma ação coletiva de mulheres do campo, da floresta, das águas e da cidade. Fazer também com que estes registros, acompanhados por depoimentos decorrentes das vivências nesse grande encontro que é a Marcha, sirvam como instrumento de fortalecimento da ação político-organizativa e formativa das mulheres trabalhadoras rurais agricultoras familiares. Igualmente, promover, mediante a sistematização, a comunicação dos acontecimentos, das vivências e dos sentimentos**

• • • • •

<sup>1</sup> Os trechos em itálico e negrito nesta introdução foram parafraseados do livro: *Encontro Nacional de Formação – ENAFOR – Um conto que encanta, 10 a 14 de novembro de 2014. Formação de base para quê?* / organizadores: Juraci Souto, Iara Lins, Elza Falkembach. – Brasília: Ed. Escola Nacional de Formação da CONTAG, 2015. – 120 p. (Série Organização e Prática Sindical). ISBN 978-85-63462-15-2.



**gerados durante a Marcha das Margaridas 2019 que, vivida como experiência concreta, é constitutiva dos sujeitos que a nomeiam.**

Sistematizar é construir um mosaico de fragmentos de contos que passam a entrelaçar-se quando chegam ao nosso pensamento, orientados por um eixo temático, aquele que dá sentido aos relatos, reflexões e à teorização. O eixo desta sistematização é:

**Como as mulheres do campo, da floresta, das águas e da cidade se revelam e se constroem como Margaridas, a partir da Marcha, na relação com seus direitos, com o trabalho, os territórios/maretórios, o Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), os movimentos sociais e a luta feminista?**

O mosaico construído como produto dessa sistematização pode ser lido e debatido aos poucos, nos sete capítulos que serão apresentados a seguir, sem necessariamente respeitar a sequência proposta. Cada um deles poderá ser lido separadamente e em qualquer ordem. O importante é que se constitua instrumento de formação.

O **capítulo 1** corresponde ao projeto da sistematização: o que, por que, para que e como sistematizar? Também está centrado nos conceitos e abordagens da Sistematização e da Educação Popular, e traz as representações das Coletoras de Memórias, responsáveis pela construção desta sistematização e a síntese da proposta teórico-metodológica de sistematização que a Enfoc/Contag vem utilizando em processos similares: *Sistematização, uma arte de ampliar cabeças*. Este é seguido pelo **capítulo 2**, que será dedicado a contar quem são as Coletoras de Memórias, como chegaram e assumiram a tarefa de construir registros sobre o desenrolar da Marcha das Margaridas 2019 e como suas responsabilidades se estenderam de forma a assumirem todo o processo da sistematização da Marcha.

No **capítulo 3**, iremos contar o processo que criou condições para que trabalhadoras rurais se apresentassem em Marcha e como esta vem se apresentando historicamente. São 20 anos de



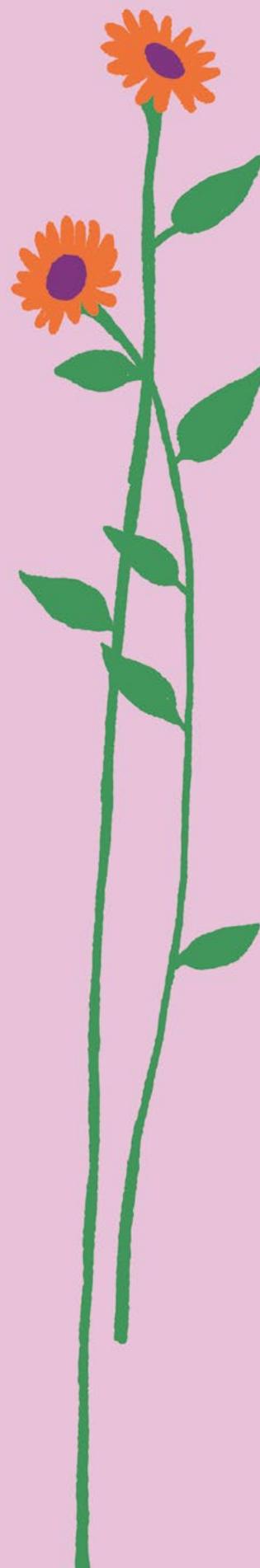
vivência intensa de um processo aqui sintetizado para ser lembrado e assumido.

**O capítulo 4** retrata a Marcha das Margaridas 2019 propriamente dita, esta que se constituiu objeto da sistematização: seu lançamento, o trabalho da coordenação geral, a preparação desde os municípios/sindicatos, estados/federações culminando com o grande acontecimento em Brasília nos dias 13 e 14 de agosto de 2019. O que aconteceu nestes dois dias será contado no **capítulo 5**.

**O capítulo 6** traz as vozes de algumas das diversas Margaridas que puderam dar testemunho de como viveram os grandes momentos da Marcha e como foram afetadas por essas vivências. Os depoimentos dessas mulheres trouxeram elementos fundamentais para que, no processo de sistematização, pudéssemos identificar e refletir sobre os feminismos que brotam no desenrolar dessa luta e ação estratégica: a Marcha das Margaridas.

**O capítulo 7** toma o caráter de considerações que “não são as finais”, pois queremos ver o texto chegar ao pé do ouvido de muitas Margaridas que não deixaram suas letras e frases neste texto registradas, mas que saberão dar continuidade a estes escritos, tendo ou não integrado as coloridas e vibrantes alas da Marcha de 2019.

***Esta sistematização intenciona proporcionar, a uma diversidade de mulheres, condições para que elas*** reconstruam sua própria experiência, por meio de relatos e narrativas daquelas que experienciaram ***toda a jornada de construção e realização dessa grande ação. Trata-se de sentimentos, expectativas, significados e percepções das mulheres que vivenciaram os diversos momentos que, no seu conjunto, deu forma e conteúdo à 6ª Marcha das Margaridas,*** experiência coletiva que, ao ser vivenciada subjetivamente, *revela como a força do coletivo, a reciprocidade e complementaridade da diversidade dos sujeitos é capaz de promover novas formas de viver, produzir vida e interagir com o mundo.*



## CAPÍTULO 1.



**SISTEMATIZAR  
É CONTAR UM CONTO  
DE FORMA COLETIVA**

# SISTEMATIZAR É CONTAR UM CONTO DE FORMA COLETIVA

**A** sistematização é uma prática pedagógica de construção coletiva do conhecimento referenciada na Educação Popular que, por sua vez, conforme Figueiredo (2009, p. 56), “[...] é enxergada enquanto movimento de tomada de consciência em direção a um pensamento crítico [...]”. Para Freire (1980), tomada de consciência é um processo que leva à conscientização, na medida em que o ser humano se defronta com o mundo, com a realidade concreta, de maneira refletida, crítica e transformadora.

Sistematizar é uma forma de promover processos formativos e educativos, de reflexão da própria prática, processos críticos que levam à tomada de consciência; é construção coletiva e partilha de saberes e fazeres.

Possibilita um olhar crítico sobre uma caminhada; reflete, constrói novas aprendizagens; produz conhecimentos valorizando os sujeitos de uma prática social; traça novos caminhos ao unir pessoas que se desafiam a escrever sobre suas encantadoras e conflituosas vivências formativas e militância.

**Levar para o pensamento as práticas sociais que realizamos é o grande feito que a sistematização possibilita a quem dela se ocupa. Dizemos: a sistematização é um processo coletivo de produção de conhecimentos; uma forma de pesquisar educando; um modo de problematizar uma prática social para melhor compreendê-la e desenvolvê-la; um jeito de identificar e conhecer temas que estão nos contextos das práticas e sobre elas também se cruzam, ajudando ou**



**atrapalhando o seu desenvolvimento segundo o que foi planejado. A sistematização é um modo de trabalhar com o conhecimento sem perder de vista a sua relação com uma fonte provocadora: uma prática social.<sup>2</sup>**

## MARCHA DAS MARGARIDAS EM SISTEMATIZAÇÃO

A Marcha das Margaridas é imensa! Ela tem uma história de mais de 20 anos construída a partir do envolvimento de muitas e diferentes mulheres, espalhadas por todo o Brasil. A Marcha das Margaridas, em sua expressão como movimento de mulheres, é uma das maiores ações de luta e resistência popular da história recente do Brasil, organizada em torno de uma plataforma política construída desde os territórios onde cada uma das suas integrantes vive. Tudo isso torna o processo de sistematização da Marcha bem desafiador, exigindo boas e coerentes escolhas que definam muito bem nosso objeto de trabalho na sistematização.

O tema da sistematização é um recorte, é a nossa escolha sobre que pedaços da Marcha a gente quer e tem condições de narrar e refletir. A nossa definição parte da pergunta: o que da Marcha das Margaridas temos condições de sistematizar? Isso, considerando as vivências que reunimos como grupo, os materiais, as condições objetivas e subjetivas disponíveis. Que dimensões dela queremos evidenciar, que possam revelar seu significado e processo de construção?

Definido o tema, ele passa a centralizar o nosso trabalho de sistematização e, com os muitos elementos que marcam a Marcha das Margaridas (na sua história), foi preciso fazer escolhas definidas coletivamente, pactuadas e acolhidas como horizonte comum.

.....

<sup>2</sup> *Encontro Nacional de Formação – ENAFOR – Um conto que encanta, 10 a 14 de novembro de 2014. Formação de base para quê? / organizadores: Juraci Souto, Iara Lins, Elza Falkembach. – Brasília: Ed. Escola Nacional de Formação da CONTAG, 2015. – 120 p. (Série Organização e Prática Sindical). ISBN 978-85-63462-15-2.*

## Marcha das Margaridas

Partindo dessas ideias, interessa-nos tomar como tema de sistematização a Marcha das Margaridas 2019, compreendendo-a como processo, não como evento limitado a local, data e programação. Ela envolveu em seu processo: 1) os momentos preparatórios vividos pelas mulheres do campo, da floresta, das águas e das cidades, desde o seu lançamento público; 2) o ato em Brasília durante os dias 13 e 14 de agosto de 2019.

Sem dúvida alguma, é preciso honrar a história, vivências e o acúmulo de forças construídos pelas Margaridas ao longo desses 20 anos e mais. Afinal, tais elementos criaram as condições para a realização da Marcha 2019. Entretanto vale destacar que esses antecedentes não são o centro do nosso esforço de sistematização. Eles serão acionados por nós para criar um pano de fundo de onde contaremos sobre a Marcha das Margaridas 2019, sua construção, ensinamentos e repercussões. Dessa forma, sobre os antecedentes, cabe apenas perguntarmos: como as Marchas anteriores inspiraram a Marcha 2019? E, nesse sentido, quais as condições que a possibilitaram acontecer.

Nosso mergulho profundo, aquele exigido pelo tema de sistematização, se inicia a partir do recontar os momentos preparatórios da Marcha das Margaridas 2019. Momentos que tiveram início já em 2018, com seu lançamento nacional em 08 de março deste mesmo ano. Iniciou-se a partir daí, mas deve-se considerar todo o processo de preparação, formação, organização e mobilização que se construiu país adentro, antes mesmo desse 08 de março, nos estados, municípios, comunidades, territórios e maretórios onde vivem, trabalham e lutam as Margaridas.

Nossa sistematização considera a Marcha um grande processo de construção protagonizado pelas Margaridas, e não como um evento que se esgota na Marcha em Brasília. Entretanto é preciso reconhecer a relevância do ato político na capital do Brasil, como parte importante desse processo. Assim, temos muito a falar das vivências experimentadas nos dias 13 e 14 de agosto de 2019, na capital federal, em meio a uma conjuntura de tom antidemocrático.

O ato político da Marcha das Margaridas em Brasília é um lugar simbólico. Reúne símbolos e sentidos que expressam a luta constante das mulheres do campo, da floresta, das águas e da cidade, para



ter assegurado o direito à produção e reprodução da própria existência. É um lugar que, acima de tudo, questiona as relações de poder vigentes, reforça as fileiras de luta pela reforma agrária, por uma vida digna no campo, e denuncia o desequilíbrio da natureza decorrente das práticas do agronegócio. Ressalta a Marcha como espaço político e cultural da igualdade, justiça e democracia. Denuncia veementemente a cultura patriarcal conivente com a violência contra as mulheres. Dessa forma, foi a partir desse lugar que se deu início à coleta de memórias da Marcha 2019.

E, como nunca paramos de marchar, é fundamental revelarmos o que marca esse nosso jeito de continuar marchando. Sistematizar também o pós-Marcha é alcançar as repercussões da Marcha na vida das mulheres. Por isso, devemos enxergar os desdobramentos da Marcha a partir dos diversos gestos e processos que se expressam, seja das iniciativas de formação, das transformações na vida das mulheres, seja das lutas que travam localmente (dentro e fora do cotidiano sindical), das ações, mobilizações, solidariedade, cuidado e autocuidado que vêm construindo (sobretudo, neste contexto de pandemia).

Destacamos que, em todo momento, devemos estar atentas ao tempo e ao espaço que marcam o nosso tema de sistematização e ao nosso próprio mergulho como sistematizadoras. Assim, lançar um olhar consciente sobre a conjuntura em que estes processos se realizaram, e o contexto em que nós mesmas mergulhamos na sistematização é fundamental.

Nos apoiam nessa caminhada de sistematização as nossas vivências, o nosso diálogo e cuidado recíproco umas com as outras, como também um valioso e rico material produzido por nós e por outras companheiras. Dessa maneira, tivemos e temos à disposição todo material produzido pelas Coletoras de Memórias, Cadernos de Debates, Revista, Cartas-Manifesto, Programação, Plataforma Política, Vídeos, Hino e demais materiais produzidos pela coordenação da Marcha 2019.

Ao sistematizar a Marcha das Margaridas 2019, objetivamos evidenciá-la como um movimento histórico de afirmação da resistência das mulheres diante do contexto de desmonte das políticas públicas, dos direitos e da democracia.



Com esta sistematização, queremos:

-  *Produzir um instrumento político-pedagógico para auxiliar as mulheres trabalhadoras rurais agricultoras familiares nos processos de formação, organização e lutas;*
-  *Compartilhar aprendizagens desde a Marcha das Margaridas 2019 como experiência coletiva às repercussões desta no cotidiano da vida das mulheres;*
-  *Produzir conhecimentos sobre os caminhos, temas, abordagens, papel e caráter da Marcha das Margaridas como formação na ação.*

## METODOLOGIA: COMO SISTEMATIZAR?

Conforme Falkembach (2006), a metodologia, na sistematização, corresponde a um jeito de encarar o objeto de sistematização e de lidar com ele. Considera-se a Marcha das Margaridas um conjunto de processos e vivências; uma prática social que as Margaridas (sujeitos dessa prática social) participantes da Marcha (organizando, coordenando, marchando e contando como foi) atribuíram e seguem atribuindo a ela significados, que variam conforme suas crenças, fazeres e querereres. Buscam-se as construções teóricas já existentes para subsidiar as análises e interpretações colhidas pela sistematização, construções necessárias para compreendermos o que aconteceu e por que aconteceu daquele jeito. Essas construções teóricas são discursos das ciências naturais e, principalmente, das ciências humanas que, além de nos ajudar a compreender as coisas, as ações e as relações, ajudam-nos a projetar o futuro, pois continuamos em Marcha.

Tudo isso pode ser considerado uma forma de produzir conhecimentos, situada numa prática social e que tem como intencionalidade aperfeiçoar o que vem depois do já vivido. Para isso, foram necessários procedimentos variados, e chamaremos a atenção a eles à medida que formos construindo nossas narrativas.

Cabem ainda alguns esclarecimentos sobre a metodologia de trabalhar na sistematização:



A metodologia vê as relações, numa prática social, como complexas e múltiplas: considera que relações raciais, de gênero, étnicas, de geração, parentais que atravessam as relações de classe marcam as pessoas. Considera também que há diferentes formas de perceber essas relações, e que o diálogo é fundamental para a manifestação e embate dessas percepções. “A realidade concreta nunca é apenas o dado objetivo, o fato real, mas também a percepção que dela se tenha” (FREIRE, 1984, p. 51, citado em BOUFLEUER, 2010, p. 151-152). Um diálogo solidário faz desse embate, de modos de ver a realidade, lugar de aprendizagem e mudanças. Não impõe constrangimentos aos saberes das pessoas sobre os objetos com os quais se relacionam. Tanto os saberes construídos nas vivências, que não se apresentam formalizados na linguagem acadêmica, quanto aqueles forjados no mundo acadêmico.

Ambos precisam estar presentes num processo de sistematização, pois são formas diversas de perceber o objeto em questão e contorná-lo com rigor, para compreendê-lo – seus problemas, potencialidades, tensões. Afirmar historicamente verdades. Identificar aprendizagens. E apontar sentidos e caminhos, aperfeiçoando os já vividos (consensos estratégicos e táticos). Com isso, a sistematização se coloca como um lugar dialógico de produção de conhecimentos, de formação de sujeitos e de orientação de práticas sociais. Por isso, para sistematizar, é preciso traçar um caminho que chamamos metodologia.

## O CAMINHO PERCORRIDO - ANTES DO COMEÇO, UM DESEJO: SISTEMATIZAR A MARCHA DAS MARGARIDAS

A ideia de sistematizar a Marcha das Margaridas surgiu quando a Coordenação, reunida em Brasília, refletiu sobre a importância da memória e dos registros do conjunto de atividades e momentos da mobilização da Marcha nos dias 13 e 14 de agosto, na capital federal. A essa altura, a chegada das mulheres a Brasília já se avizinhava. A Coordenação tinha consciência de que a Marcha é um movimento que faz reacender a chama da esperança, uma vez que essas mulheres trazem consigo a força, a coragem e muita disposição para construir um mundo livre de violências.



Ainda não se tinha ao certo o que fazer, mas era um desejo das mulheres que compunham a Coordenação da Marcha que o cuidado com os registros não ficasse restrito a um relatório apenas. Era preciso mais que isso. Era preciso criar espaços e construir caminhos para que as vozes das mulheres ecoassem e entrelaçassem sonhos, fazeres, saberes e, sobretudo, os quereres das mulheres.

### ***Mas como cuidar da memória de algo tão diverso e grandioso como a Marcha das Margaridas?***

Não haveria outra forma se não fosse através das próprias mulheres. E muitas mulheres! A partir dessas discussões, se decidiu envolver as próprias margaridas nessa empreitada. Foi aí que surgiu a ideia das Coletoras de Memórias e não de relatoras, porque o que se esperava delas era mais do que um relatório. Memória entendida como o “[...] fio da história que permite revisitar experiências, vivências e culturas que ajudam na construção da identidade coletiva e de um jeito de se apropriar da história, apoiando-se na criticidade como dimensão pedagógica que permite a construção de uma nova sociabilidade” (CONTAG, 2022, p. 90).

Esperava-se colher sentimentos, motivações, expressões, desejos que expressassem o que a Marcha de 2019 significaria para essas mulheres e o que provocou na vida delas, conforme as orientações pactuadas na própria reunião de Coordenação. Tomada a decisão, era preciso encontrar margaridas que se desafiassem a vivenciar essa empreitada.

A Secretaria de Mulheres da CONTAG enviou uma carta às Federações e às organizações parceiras da Marcha solicitando que cada organização escolhesse algumas mulheres, dentre as participantes da Marcha, para integrarem a equipe de Coletoras de Memórias. Com a equipe composta, o passo seguinte foi conversar com todas elas, o que só veio a acontecer quando a Marcha já havia chegado à Brasília. Foi no calor da chegada que a equipe de Coletoras de Memórias se reuniu pela primeira vez e se reconheceram como um coletivo que se constituiu a partir do desejo de ver a Marcha sendo “escrita” pelas mãos das próprias mulheres que a constrói desde os seus territórios de vida, organização e luta.



Cada uma recebeu um “Kit Coletora” contendo uma prancheta, uma caneta, o documento com as orientações e os formulários. Materiais que estiveram com essas mulheres ao longo dos dois dias da Marcha. Cada Coletora, no seu tempo, do seu jeito e com as condições que uma tarefa como essa pode proporcionar, vivenciou a Marcha de um lugar especial de diálogo com as outras, buscando captar o sentido da Marcha na vida dessas mulheres. Foi a partir da colheita cheia de emoções e afetos que este livro foi construído, cujos textos se entrelaçam com memórias das Marchas anteriores.

### **ORIENTAÇÕES PARA COLETAS DE MEMÓRIAS**

*Observação: haverá reunião com as coletoras de memórias dia 13/08, às 13h, no palco principal da Marcha para conversar sobre o roteiro e combinar a metodologia de coleta.*

#### **OBJETIVO**

*Assegurar que os acontecimentos, espaços, manifestações, conteúdos da Marcha e as expressões, singularidades e quereres das Margaridas sejam relatados, fotografados e documentados, inclusive como foi para as mulheres construírem as condições para chegarem à Brasília.*

#### **O QUE REGISTRAR?**

*Painéis temáticos, oficinas temáticas, lúdicas, autogestionadas, mostras, ato político cultural de abertura, atividades culturais, marcha (alas), ato de encerramento e iniciativas espontâneas, com atenção para conteúdo de falas, intervenções das mulheres, como também para as expressões e criatividade das mulheres.*

*As atividades listadas acima são prioridades para o nosso registro, pois integram a programação oficial da Marcha das Margaridas 2019.*

*Entretanto, as mulheres sempre nos surpreendem, (re)criando fazeres e práticas de forma muito genuína. Então, se algo, para além das atividades listadas, saltar aos olhos, fique à vontade para registrar.*

#### **COMO FAZER?**

*Deve-se, para cada atividade/momento, designar duas mulheres com a tarefa de coletar memórias da Marcha (o trabalho em dupla assegura melhores condições e cuidados com os registros que devem ser variados – fotografias, “entrevistas”, relatos). A dupla define solidariamente suas responsabilidades, com atenção para o objetivo proposto. Estamos prevendo ser necessário, no mínimo, 30 mulheres a serem indicadas pelas Coordenadoras de Mulheres das Federações, Movimentos e Organizações parceiras que estão na coordenação da Marcha. Podem ser pesquisadoras, educadoras, lideranças de base, enfim, mulheres abertas ao diálogo, à escuta atenta e ao registro atento e cuidadoso.*

## **1. PARA AS ATIVIDADES É IMPORTANTE:**

Relatar os conteúdos debatidos e contar como a atividade foi realizada. Ter atenção especial às falas das mulheres que farão intervenção na plenária, no sentido de registrar os saberes que elas aportaram aos temas e o que falaram sobre seus territórios de vida. Algumas perguntas que podem facilitar o registro:

- a) **Quais os temas/questões fortes presentes no debate?**
- b) **Quais os maiores ataques vividos pelas mulheres?**
- c) **Quais as práticas e fazeres coletivos produzidos pelas mulheres trabalhadoras do campo, da floresta e das águas?**
- d) **Quais são as formas de resistência construídas pelas mulheres em seus territórios e maretórios?**
- e) **O que falam sobre o seu lugar (territórios, maretórios, áreas rurais e urbanas)?**
- f) **O que falam sobre suas identidades como mulheres trabalhadoras do campo, da floresta e das águas?**

Ah, é importante destacar que estas perguntas não devem ser entendidas como camisas de força, mas como reflexões que nos animam à coleta! Não se apeguem ou fiquem presas a elas, combinado?!

## **2. EM RELAÇÃO ÀS EXPRESSÕES E CRIATIVIDADE DAS MULHERES É PRECISO:**

Fique à vontade para relatar/gravar/fotografar expressões, situações, acontecimentos que revelam a diversidade das mulheres presentes na Marcha, suas culturas, alegorias... Assim, uma possibilidade bem legal é buscar abordar mulheres, perguntando a elas, por exemplo, sobre:

- a) **Como foi para você chegar a Brasília?**
- b) **Como está se sentindo na Marcha?**
- c) **O que a motivou a vir à Marcha?**

### **COM QUE REGISTRAR?**

Serão disponibilizadas pranchetas com papel A4, roteiro, caneta, lápis com borracha. Recomenda-se que, para gravar (se for o caso) e fotografar, se utilize os próprios celulares, mas antes peça autorização da companheira. E atenção!! É importante disposição e atenção para perceberem a beleza do que irá acontecer ao longo dos dois dias da Marcha.



## ROTEIRO PARA COLETAS DE MEMÓRIAS

NOME DA COLETORA DE MEMÓRIA: \_\_\_\_\_ DATA DA COLETA: \_\_\_\_\_

MOMENTO OU ATIVIDADE: *(organizar uma ficha para cada momento/atividade)*

- 1. Sessão Solene em homenagem à Marcha das Margaridas
- 2. Marcha das Mulheres indígenas
- 3. Mostra de Saberes e Sabores das Margaridas
- 4. Painel 1: *Terra, Território, Maretórios e Bens Comuns*
- 5. Painel 2: *Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres*
- 6. Tribunal das Mulheres: *Previdência Pública, Universal e Solidária*
- 7. Espaço de Educação Popular em Saúde
- 8. Oficina Temática 1: *Soberania Alimentar e Agroecologia*
- 9. Oficina Temática 2: *Corpo e Sexualidade*
- 10. Oficinas Lúdicas:  *Confecção de Materiais*  *Teatro Político*  *Batucada*
- 11. Oficina Autogestionada 1: *Fundamentalismo: A perda no caminho da nossa liberdade e autonomia*
- 12. Oficina Autogestionada 2: *Sociobiodiversidade Panamazônia*
- 13. Oficina Autogestionada 3: *Não queremos esmola, queremos escola e aposentadoria*
- 14. Oficina Autogestionada 4: *Mobilização e Segurança para Ativistas*
- 15. Oficina Autogestionada 5: *Autocuidado e Cuidado entre Ativistas*
- 16. Ato - Abertura Política e Cultural
- 17. Atividades Culturais e Lançamento do Festival da Juventude
- 18. Marcha – organização por Alas e Eixos (se distribuir por Alas)
  - Nordeste – Eixos:** *Terra, água e agroecologia; por autonomia econômica, trabalho e renda; por uma vida livre de todas as formas de violência, sem racismo e sexismo; por uma educação não-sexista e antirracista e pelo direito à educação do campo.*
  - Sudeste – Eixos:** *Pela autodeterminação dos povos, com soberania alimentar e energética; pela autonomia e liberdade das mulheres sobre o seu corpo e a sua sexualidade.*
  - Norte – Eixos:** *Pela proteção e conservação da sociobiodiversidade e acesso aos bens comuns; por democracia com igualdade e fortalecimento da participação política das mulheres.*
  - Centro-Oeste e Sul – Eixos:** *Por previdência e assistência social pública, universal e solidária; por saúde pública e em defesa do SUS.*
- 19. Ato de Encerramento

**Relato das memórias**

---

---

---

---

**Observações/impressões/recomendações:**

---

---

---

---

As Coletoras de Memórias ofertaram os materiais desta sistematização, mas, por onde começar? Eis a primeira pergunta que nos vem à mente ao nos depararmos com o desafio de sistematizar uma prática social. É possível afirmar que começamos refletindo sobre o que queremos com a sistematização e definindo quais as pessoas que podemos juntar para levar a cabo um processo de produção de conhecimentos que problematiza e mantém essa prática social sob investigação. Processo que integra pessoas que, necessariamente, fazem parte dessa prática e se nutre com registros e informações para recuperar vivências e percepções sobre o então vivido. No entanto isso demanda preparação, ou seja, a construção de um projeto de sistematização. No presente caso, construímos o projeto da Sistematização da Marcha das Margaridas.

Buscando encontrar caminhos para responder à pergunta – por onde começar? – realizamos uma oficina no período de 02 a 04 de março de 2020, em Brasília, para planejar os caminhos políticos-metodológicos de sistematização da Marcha das Margaridas 2019. Desta oficina, participaram mulheres indicadas pelas federações e entidades parceiras da Marcha mediante os seguintes critérios:



*Ter participado ativamente da Marcha das Margaridas 2019;*



*Ter vivido alguma experiência com sistematização;*



*Ter atuado como Coletora de Memórias durante a Marcha das Margaridas 2019;*



*Manifestar disposição para as construções coletivas de conhecimentos com respeito aos ritmos e tempos das outras.*



Foto: Anna Carolina Carvalho



**Coletoras de Memórias durante Oficina realizada nos dias 03 e 04 de março de 2019.**

Durante a oficina, se refletiu sobre a importância de fortalecer a narrativa das mulheres que atuaram como Coletoras de Memórias e sobre o desafio de vivenciar a sistematização da Marcha a partir da troca de experiências e saberes que a construção coletiva proporciona. As equipes da Secretaria de Mulheres da Contag e da Escola Nacional de Formação da Contag – Enfoc assumiram solidariamente a reponsabilidade de coordenação, animação e reflexão teórica, juntamente com Elza Falkembach, buscando construir, com a equipe, as condições teóricas, metodológicas e materiais para o cumprimento da tarefa.

Vários significados foram trazidos a partir da vivência do grupo, os quais refletem sentimentos, histórias de luta, protagonismo, conjuntura, realização da Marcha. Ao sistematizar, buscamos considerar o sentimento de pertencimento, de identidade, de vivência, o amor, o compromisso, o encantamento, o ânimo e a força dessas Margaridas.

Durante a oficina, construímos o projeto de sistematização, contendo: o que sistematizar? Por quê? Como? Perguntas refletidas à luz dos referenciais teóricos-metodológicos da Educação Popular e dos feminismos.



**PARA ORIENTAR O NOSSO CAMINHO,  
CRIAMOS UM CONJUNTO DE PERGUNTAS  
PARA NÃO PERDERMOS O RUMO:**

**1**

Como as mulheres se constroem como Margaridas, a partir da Marcha?

**2**

O que a Marcha das Margaridas provocou na minha vida, na vida de outras mulheres e no espaço coletivo onde atuo?

**3**

Como se expressa a luta das Margaridas na Marcha 2019, na relação com as dimensões trazidas nos seus 10 eixos políticos?

**4**

Quais foram as repercussões geradas a partir do processo da Marcha 2019?

**5**

Que feminismo é esse que brota da Marcha das Margaridas?

**EIXOS POLÍTICOS**

**1** Por terra, água e agroecologia;

**2** Pela autodeterminação dos povos, com soberania alimentar e energética;

**3** Pela proteção e conservação da sociobiodiversidade e acesso aos bens comuns;

**4** Por autonomia econômica, trabalho e renda;

**5** Por previdência e assistência social pública, universal e solidária;

**6** Por saúde pública e em defesa do SUS;

**7** Por uma educação não sexista e antirracista e pelo direito à educação;

**8** Pela autonomia e liberdade das mulheres sobre seu corpo e sua sexualidade;

**9** Por uma vida livre de todas as formas de violência, sem racismo e sem sexismo;

**10** Por democracia com igualdade e fortalecimento da participação política das mulheres.



Cabe salientar que esse processo exigiu uma recriação no fazer investigativo e formativo diante do contexto da pandemia. Foi realizada apenas uma oficina presencial em que foram definidos o plano de ação e a abordagem metodológica. Nessa oficina, foi realizada uma prática para cadastro e introdução na Plataforma Moodle, momento no qual foi agregado ao ambiente virtual várias ferramentas para trabalho colaborativo, além dos fóruns de diálogo, configurados no ambiente. Desde então, as participantes realizaram leituras, diálogos e encontros online que possibilitaram a construção coletiva.

Portanto, após a oficina presencial, os encontros de trabalho foram virtuais, mantendo a construção a várias mãos. *Seguimos produzindo de forma coletiva e cuidando para que a diversidade do grupo responsável por este trabalho não se apagasse, e sim que levasse, à nossa produção, o princípio da complementaridade no trato com o conhecimento (Cf. ENFOC, 2014).* Um exercício desafiador e solidário para quem viveu e participou dos diversos momentos dessa sistematização.

## A EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA NA MARCHA DAS MARGARIDAS

A Marcha das Margaridas é uma construção permanente das mulheres do campo, das águas, das florestas e que conta com o apoio participativo de mulheres das cidades. As pessoas pensam que é apenas uma caminhada em Brasília com uma pauta de reivindicações, mas ela é muito mais do que isso. É, em si, um processo político-pedagógico de formação fundamentado na Educação Popular.

É político, porque nós estamos construindo, neste processo, o poder popular das mulheres, com nossas formas de nos expressar e lutar pelo que entendemos ser nossos direitos frente a uma sociedade que nos oprime e a um Estado que não nos garante condições de vida digna. E é pedagógico, porque nele aprendemos e ensinamos umas às outras, a partir de nossa luta, a interpretar o mundo e a lutar pela sua transformação. E, dessa forma, fazemos da Marcha um momento político-pedagógico de diálogo com a sociedade e com o Estado. Ao longo desse tempo de Marcha, temos aprendido que somos fortes e que temos ensinado a sociedade a reconhecer as mulheres e o poder executivo a efetivar nossas demandas. Foi assim no período dos go-



## Marcha das Margaridas

vernos democráticos populares. Entretanto, no momento do governo de extrema direita, foi uma conjuntura de forte denúncia e pressão.

O que alimenta esse processo é a Educação Popular Feminista. É uma concepção pedagógica que vincula os ensinamentos de Paulo Freire à experiência histórica do feminismo popular. Dessa forma, imaginamos e botamos em prática um jeito de construir a Marcha das Margaridas que articula o espaço local e nacional, o cotidiano de cada mulher e a situação de vida de nós todas, articula também as diferenças de cada território e cada identidade feminina, e nos permite elaborar, juntas, uma pauta de lutas ou uma plataforma política que faz desta ação a mais expressiva mobilização popular do país. É uma forma encarnada, vivencial, de fazer Educação Popular.

No percurso da Marcha das Margaridas, temos construído também processos educativos específicos à luz da Educação Popular feminista. São cursos nacionais, estaduais, regionais e atividades locais que nos incentivam a resgatar conhecimentos ancestrais e os colocar em diálogos com novas reflexões que se propõem a enfrentar o patriarcado e o racismo. Refletimos sobre nossos modos de trabalhar em casa e no roçado, de conservar as sementes e as fontes de água, de produzir e comercializar alimentos saudáveis, e debatemos como estes nossos modos de vida são contrários ao sistema capitalista. São atividades educativas nas quais partilhamos saberes de nossas vivências, agregamos reflexões de outras pessoas desenvolvidas em outros espaços que nos chegam em forma de teoria, e construímos nossas próprias elaborações, coletivamente.

A Educação Popular feminista que construímos na Marcha das Margaridas diz respeito ao cotidiano da vida das mulheres em diferentes fases da vida e às atividades formativas que partem das dimensões materiais, objetivas, sem deixar de lado a percepção de nossas subjetividades, nossa forma de construirmos a nós mesmas como mulheres e militantes sindicais. As ações são feitas de um jeito prazeroso, que envolvem razão e emoção, que permitem a expressão e o reconhecimento de nossos corpos, que fomentam a escuta ativa entre nós, que fazem com que reconheçamos umas nas outras mulheres que vivem, mesmo que de formas diferentes, a exploração e dominação do sistema capitalista e patriarcal. Estas atividades nos ajudam, a partir de várias linguagens e processos pedagógicos, a reconhecer que entre nós, mulheres, também existem desigualdades



Foto: César Ramos



**3ª turma:  
Curso  
Nacional de  
Formação  
Político-  
Sindical de  
Mulheres  
do MSTTR,  
2018.**

raciais, étnicas, de renda, escolaridade, geração, e que, apesar disso, temos lutas em comum que nos unificam. Por isso, estamos juntas na Marcha das Margaridas, conscientes de quem somos e o que queremos para nós mesmas, para as futuras gerações e para nosso país.

As questões que orientam nossos momentos pedagógicos são aquelas que emergem de nossa prática. Elas são objeto de nossa crítica, nossa reflexão coletiva, e nossa re-elaboração. E elas são novamente discutidas e multiplicadas em nossos territórios, dando lugar a novas experiências políticas e organizativas, além de solidez à nossa construção política. Entendemos Educação Popular como um processo de construção coletiva do conhecimento, como a Sistematização; processo de organização do trabalho de base e da ação política que parte da prática e retorna a ela para transformá-la.

O feminismo tem sido um campo de conhecimento e de experiência prática que tem iluminado essa trajetória. Ele nos ajuda a vermos todas nós, mulheres, como sujeitos políticos da transformação de nossas próprias vidas e da transformação do mundo. A articulação do feminismo com a Educação Popular, na nossa vivência, nos ajuda a compreender a relação entre o individual e o coletivo, a dimensionar a relação entre subjetividade e objetividade e a entender o nosso movimento como um sujeito político coletivo. A Marcha das Margaridas é a demonstração disso.



## CAPÍTULO 2.



# COLETORAS DE MEMÓRIAS

# COLETORAS DE MEMÓRIAS

**A**lgumas de nós, integrantes da Marcha, fomos Coletoras de Memórias, enquanto outras compartilharam suas memórias. De todos os movimentos que compõem a coordenação da Marcha, foram indicadas mulheres para a equipe de Coletoras. Juntas com outras mulheres, também assumimos o desafio de sistematizar a Marcha das Margaridas 2019. Um desafio bom!

## O SENTIDO E A ATUAÇÃO DAS COLETORAS DE MEMÓRIAS NA MARCHA

*“Quando vim para Brasília, não sabia muito bem o que eu teria que fazer como coletora, pois não tinha participado de todo o processo da Marcha das Margaridas 2019, mas tenho experiência, vivência de resistência e luta na base como quebradeira de coco babaçu.”*

SANDRA

*“Participei ativamente do Comitê DF/Entorno que ajudou a receptionar e divulgar a Marcha das Margaridas 2019. Fui Coletora de Memórias, tarefa que muito me honrou e me emocionou. Por isso estou aqui.”*

CLÁUDIA REGINA

*“Sempre estou pronta para desafios! Quando recebi o convite da FETAG/RS para ser uma das Coletoras de Memórias do nosso estado, confesso que me assustei por não saber ao certo do que se tratava. Ainda mais sendo a primeira Marcha da qual iria participar. Mas, como dizia Margarida Maria Alves: ‘Da luta não fujo’.”*

CARINE

*“Chego à equipe de Sistematização com muita vontade de aprender e partilhar o pouco que sei. Sou encantada pela Marcha das Margaridas desde a primeira vez que participei, em 2011. A partir daí, participei de todas as outras edições. Aceitei esse “Desafio Bom” de sistematizá-la. Me sinto honrada em poder contribuir para esse grandioso trabalho.”*

MÔNICA RAMOS





*“Eu cheguei à coleta de memórias na Marcha das Margaridas e à sistematização pelo caminho da Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB, parceira na coordenação da Marcha das Margaridas. Na marcha de 2019, as manas jogaram na roda a missão de organizar um grupo de militantes da AMB pra entrar junto na ação de conversar com as mulheres durante a Marcha e reunir suas lembranças, sentimentos, reflexões sobre o processo de construção da Marcha das Margaridas. E assim foi. Daí agora as “compas” da CONTAG ligaram pra uma de nós da AMB somar no trabalho de sistematização. Calhou pra mim.”*

CARMEN

*“Fui Coletora de Memórias da Marcha das Margaridas 2019 a convite do STTR de São Francisco do Guaporé/RO, onde resido. O STTR sempre foi uma base para meu aprendizado. É minha primeira Marcha da qual participo. Cheguei à sistematização das coletas de memórias por um convite realizado pela Federação, mediante o contato de minha irmã Rosiléia Inácio, Sec. de Formação, e Isabel Soares, Sec. de Mulheres. Fiquei muito feliz por esse convite, pois amo trocar informações e com isso estou fortalecendo meus conhecimentos.”*

ROSIANE

*“Gosto de desafio, e fazer parte dessa sistematização foi um prazer. Sei o quanto foi importante resgatar a memória da Marcha das Margaridas 2019. E, com muito amor, confiança, fazer parte do protagonismo de lutas e conquistas das Mulheres. Obrigada, FETAGRI/PA, pela confiança.”*

ROSEANE

*“No ano passado, em meio à realização de ações e mobilização para a Marcha das Margaridas, recebi uma ligação da Rosa, assessora de formação da FETRAECE, convidando para fazer parte da coleta de memória e participação na Oficina de Sistematização da Marcha. Eu aceitei meio angustiada, porque estava com uma delegação grande do município para coordenar. Fiquei muito feliz, pois esse era um sonho antigo que tinha de uma sistematização da Marcha.”*

LEYCYANE

*“Fui coletora na Marcha das Margaridas 2019, escolhida pela Secretaria de Mulheres da FETAG/PI, para participar da sistematização. Foi mais um aprendizado que levarei para toda a minha vida.”*

ADVIANA

**“O MMTR-NE me indicou para compor o grupo de Coletoras de Memórias da Marcha das Margaridas 2019 e o grupo de sistematização. Fiquei muito feliz em fazer parte desse grande desafio.”**

GESSICA

**“Aproximadamente uma semana antes da Marcha, veio o convite para fazer a coleta de memórias e, mesmo sem saber como funcionaria, me ofereci para ajudar. Todo o aprendizado deste período de construção no DF e tudo que vivenciei nos dias 13 e 14 de agosto me conectaram ainda mais à luta feminista.”**

ROSÂNGELA

**“Acompanhei tanto o processo estadual quanto o regional e nacional. Estive nas duas Caravanas da Marcha no meu estado (Espírito Santo) em cinco regionais, construindo processos de formação, mobilização e organização. Estive nos dois dias da Marcha, acompanhei oficinas e marchei pelas avenidas de Brasília. Cheguei à sistematização por um convite da Coordenadora Regional Sudeste da CONTAG, por ter acompanhado a organização da Marcha das Margaridas 2019.”**

EDNA

**“A minha trajetória, o trabalho construído ao longo dos anos, em parceria com mulheres do campo e da cidade, me possibilitou estar nesse espaço. O desafio foi grande. Mas, juntas, pudemos gestar e parir a primeira Sistematização da Marcha das Margaridas 2019.”**

CLÁUDIA FARINHA

**“Cheguei à equipe de coletoras enquanto realizava um trabalho de relatoria pela CONTAG e acabei me interessando em contribuir com esse momento.**

**Participei da primeira marcha em 2015 como observadora e, em 2019, tive a oportunidade de integrar a equipe de apoio da CONTAG durante a marcha.”**

MARIE

**“Esta é a minha terceira Marcha. A primeira da qual participei foi em 2011, e contribuí no espaço saúde. Em 2015, fui como Margarida, junto com as mulheres da Frente Feminista Periférica de Samambaia. Em 2019, como funcionária da Contag, atuei na equipe de mística, cerimonial, atos políticos e na equipe de metodologia. Achei fantástica a ideia de sistematizar a Marcha e fiquei feliz em participar dessa construção.”**

LARISSA





**“Participei efetivamente do Comitê DF/Entorno na construção da Marcha das Margaridas 2019 pela CONTAG. Atuei na coleta de memórias, na qual tive o privilégio de entrevistar em média 50 Margaridas de vários estados e fui convidada pela companheira Cláudia Farinha para participar da sistematização da Marcha das Margaridas 2019. Para mim foi uma participação inédita que me encheu de emoção e muita energia. Fiquei muito feliz e disposta a aprender e a contribuir na construção deste processo.”**

**ELISABETE RAMOS**

**“Não integrei a equipe de Coletoras de Memórias, minha contribuição à Marcha das Margaridas 2019 foi como assessora da Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais Agricultoras Familiares da Contag. As memórias que reúno da Marcha 2019 foram sentidas a partir desse lugar, mas venho marchando junto desde a Marcha 2003, quando cheguei pela primeira vez em Brasília com as mulheres da Mata, Agreste e Sertão de Pernambuco... o que marcaria minha vida. Fazer parte da equipe de sistematização era um desejo antigo. Que bom que chegou a hora!”**

**ERYKA**

**“Minha experiência na CONTAG iniciou como secretária da Diretoria, e depois pelas secretarias de Assalariados, Finanças e Administração; e Formação e Organização Sindical, trabalhando na ENFOC. A experiência da ENFOC me transformou em educadora popular. Na última Marcha/2019, fiz parte da equipe de metodologia e da organização da ação das Coletoras de Memórias. Essa foi minha primeira experiência com sistematização.”**

**MARLEIDE**

**“Fui convidada pela CONTAG para compor a equipe de sistematização da Marcha e fiquei em ‘transe’, pois foi mais uma experiência de realização pessoal incrível.”**

**THAMY**

**“Desde 2009, venho contribuindo como assistente na Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais Agricultoras Familiares e, para além de trabalhar, me sinto uma Margarida! A Marcha 2019 foi a 3ª Marcha da qual participei trabalhando na Contag e foi na qual me senti mais entusiasmada. Embora não tenha participado como Coletora de Memórias, a oportunidade de estar na equipe de sistematização foi algo como ‘semear o sonho, desafio bom!’”**

**ANNA CAROLINA**

Ao nos assumirmos como protagonistas da sistematização, sentimos a responsabilidade de trazer, no registro, a história das Margaridas em luta no presente. Uma história que vem sendo construída há 20 anos, e que traz conquistas significativas a partir de cada organização, cada história vivida e presenciada. Nos sentimos honradas e emocionadas em fazer parte dessa construção coletiva, em contribuir nas entrevistas, na coleta de momentos singulares, assumindo mais um lugar de prática social, o de *Coletoras de Memórias*. Esse aprendizado nós levaremos para toda a vida!

## SISTEMATIZAÇÃO: O CONCEITO QUE ASSUMIMOS

Discutimos, na Oficina de Planejamento da Sistematização da Marcha das Margaridas, que a sistematização é uma dinâmica de produção coletiva de conhecimentos situada sobre práticas sociais. Para Falkembach (2006, p. 38 citada em VILAR et al., 2020, p. 129), a sistematização ocorre mediante diálogo entre vivências, reflexão e teoria e promove aprendizados desde essas práticas.

Essa sistematização tem se constituído em um instrumental criado e utilizado por estudiosas e estudiosos latino-americanos para problematizar e conhecer, “desde práticas sociais concretas”, fenômenos, relações e sujeitos em “recortes” (espaço e tempo, ou seja, contextos) de uma história movida por subordinação, mas também por resistência.

**A sistematização mobiliza e possibilita ao sujeito condições de expressão; contribui para o desenvolvimento de sua visão crítica quando situa suas vivências (desde uma prática social) em um contexto e historicamente. Favorece o desenvolvimento de uma atitude reflexiva e provoca a ação. Sistematização é, portanto, uma forma de investigar, educando.**



A sistematização tem recebido, especialmente da “pedagogia-problematizadora-libertadora” de Paulo Freire (Brasil) e da “investigação-ação-participativa” de Orlando Fals Borda (Colômbia), subsídios para o reconhecimento crítico dos problemas de nossa época. E também para alimentar atitudes e práticas “antineoliberais” fundadas na “superação” do sentimento de impotência, decorrente da expressão da matriz de colonialidade sobre nossa gente, sobre nossa relação com o conhecimento, sobre nossa vida.

**A colonialidade engendrada no colonialismo se diferencia deste último por ser mais profunda e duradoura, agindo ao nível da intersubjetividade. Trata-se da forma atualizada e desterritorializada da relação de dependência e subalternidade. Em síntese, enquanto o colonialismo tem claras ligações geográficas e históricas, a colonialidade atua sobre uma matriz subjacente ao poder colonial que seguiu existindo após as independências políticas de nossos países, e que hoje se perpetua pelas variadas formas de dominação do Norte sobre o Sul (STRECK; ADAMS, 2014, p. 36).**

Hoje essa dominação Norte/Sul tem disseminado um sentimento de impotência histórica em nossa gente e cria impedimentos à produção dos conhecimentos que apontamos como necessários para subsidiar as tarefas que se impõem como pautas políticas em nossos países.

Reconhecemos, na sistematização, um grande potencial para dar visibilidade às formas conjunturais de expressão dessa matriz. Por que e como?

Porque os processos investigativos que a sistematização desencadeia tornam transparentes as iniciativas e práticas de indivíduos e coletivos sociais para eles mesmos e para aqueles com quem se comunicam, ao transformá-las em tema de reflexão. Para que isso aconteça, além de relatá-las, situam-nas historicamente e percorrem com o pensamento as condições externas associadas ao seu surgimento e desenrolar.

**A sistematização transforma, portanto, práticas sociais em tema de investigação, isto é, em questões para o pensamento. Com isso, possibilita aos sujeitos que a realizam, sem se distanciarem da singularidade do seu mundo cultural, que as vejam historicamente e se deem conta da relação delas com o exterior. Permite, outrossim, perceberem que a complexidade dos elementos com os quais se debatem para realizar ações, produzir conhecimentos e aprendizagens advém também do pertencimento a algo mais amplo.**

A discussão que se tem feito em torno da produção de conhecimentos na sistematização a vincula aos campos da política como também da ética e estética que, por sua vez, se fazem presentes nas pedagogias das práticas sociais que a demandam e que regulam as interações dos sujeitos e relações deles consigo mesmos e com o social.

A sistematização proporciona o ato constante de pensar, gera curiosidade quanto às coisas, às relações, aos fatores que as provocam. É a criticidade na curiosidade que leva à curiosidade epistêmica: “[...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica [...]” (FREIRE, 1996, p. 13). E possibilita a formação continuada dos sujeitos que reúne.

Há concordância entre o que dizemos e nos propusemos a fazer com a Sistematização da Marcha das Margaridas e o que as estudiosas e estudiosos latino-americanos vêm tratando sobre esses processos de produzir conhecimentos.

A Proposta de Sistematização com a qual trabalhamos, *Uma arte de ampliar cabeças*, contempla essa perspectiva investigativa/educativa. Pressupõe oito momentos para percorrermos a prática social a ser sistematizada.



### Momentos da Sistematização:

1. aproximação dos sujeitos;

2. elaboração do projeto;

3. viabilidade da sistematização;

4. construção de registros e informações;

5. construção de narrativas;

6. reflexão e informações;

7. reconstruções e

8. produtos para a comunicação.

## COLETORAS DE MEMÓRIAS EM AÇÃO

Você tem ideia do trabalho que tiveram as Coletoras de Memórias para registrar o que ocorreu durante a Marcha das Margaridas? Pode imaginar como foi desafiante participar das atividades da Marcha, que foram muitas, e ainda produzir registros sobre o que aconteceu naqueles dias 13 e 14 de agosto? Colher depoimentos reunidas com pessoas que não puderam acompanhar a Marcha? Pois bem, nos acompanhe que vamos contar um pouco desse desafio bom!

Durante a Marcha das Margaridas 2019, nós, Coletoras de Memórias, buscamos conhecer histórias e culturas que se revelaram naquele momento inédito, com registro fotográfico e relatoria de di-

## Marcha das Margaridas

álogos com as Margaridas presentes. Procuramos saber o que as motivou a chegar até Brasília, mesmo em uma conjuntura adversa, como a que vivíamos.

Tivemos a oportunidade de dirigir um olhar profundo sobre a Marcha, de fazer um mergulho nos sentimentos e emoções das mulheres que estavam ali, fotografando, filmando, conversando com muitas Margaridas, ouvindo o que traziam e o que preparavam para levar em suas bagagens, para suas casas, comunidades, sindicatos, federações. Muitas histórias, reflexões, sentimentos e disposições foram partilhados enquanto andávamos de um lado a outro, observando, perguntando e registrando o que acontecia para cumprir a tarefa assumida.

Foi uma experiência incrível. No meio daquela multidão, e inúmeras coisas acontecendo ao mesmo tempo, encontrávamos uma mulher, sentávamos juntas e começávamos a conversar. Muitas histórias sobre o que acontece em cada povoado nesta construção, nas viagens nos ônibus, no enfrentamento com os maridos para sair de casa, nas batalhas dentro do sindicato para ter apoio para organizar na base, enfim, histórias de Margaridas.

Nos dispusemos a entrevistar Margaridas de vários estados, de variadas idades, meninas, moças, mães e avós que estavam compartilhando os mesmos objetivos. Fizemos isso durante os dois dias da Marcha. Ficamos sabendo como foi a organização para chegar até Brasília e marchar pela vida, mesmo em meio à turbulência de um governo autoritário. Algumas viajaram um, dois, até três dias de ônibus.

Ouvimos histórias contadas pelas Margaridas presentes na Marcha, que revelaram as mais diferentes culturas e dificuldades de cada região do nosso país, histórias de arrepiar. Mergulhamos de cabeça para compreender as vidas de diversas mulheres dos mais variados lugares, as suas formas de produção e reprodução de vida.

***“Apesar de me disponibilizar como coletora de memórias, fiz pouquíssimos registros. Fiquei deslumbrada com a organização e com tantas atividades acontecendo ao mesmo tempo. Ainda assim consegui trocar experiências e aprender muito sobre a força e a coragem das mulheres do campo, da floresta,***



*das águas e das cidades, que hoje inspiram minha caminhada como militante.” ROSÂNGELA URANGA*

Entramos num mundo tão vasto, atentas, ouvimos histórias que revelam as mais diferentes culturas, as potencialidades e dificuldades de cada região do nosso país (um Brasil que não conhecíamos), lembranças e sentimentos, reflexões sobre o processo em construção da Marcha das Margaridas, a dor e a delícia de ser mulher.

*“Entrevistei mulheres com realidades diferentes da minha. Fotografei, filmei, conversei e pude entrar um pouco nesse mundo tão vasto. Algumas só queriam trocar ideias, sem se “expor”. As ouvi atenta e com o coração cheio de histórias de luta.”*

THAMY FRISSELLI

*“Entrevistar, coletar memória, que tarefa complicada, mas que esforço recompensador! Nem sempre conseguimos prever os momentos e as possibilidades de realizá-la.*

*Eu havia assumido com cuidado o meu papel de coletora de memórias, preenchendo os formulários conforme as orientações recebidas ao me preparar para a tarefa: observações anotadas, entrevistas registradas, impressões e sentimentos passados para o papel, com a velocidade exigida pelo momento. Desse modo, eu me dei conta de que a grande mobilização estava encerrando. Os ônibus abriam suas portas para a entrada das Margaridas que deviam voltar para suas casas depois desses dias de tanta emoção, aprendizado e manifestação de alegria na luta. Não posso perder este momento, pensei, é hora de estender a conversa. Foi então que passei a filmar, a gravar as falas e fotografar os rostos daquelas companheiras que se dispuseram a seguir em diálogo.” ELISABETE RAMOS*

As histórias da vida dessas mulheres, a vivência com as dificuldades, as lutas de cada uma nos encorajam a prosseguirmos sempre, em Marcha, com a diversidade das Margaridas, cuja luta é a mesma por esse Brasil afora.



## **NÓS, COLETORAS DE MEMÓRIAS, VIVEMOS EM DISTINTOS LUGARES E ATUAMOS EM VÁRIOS MOVIMENTOS**

*Na região Norte, nos estados do Pará (PA), Rondônia (RO) e Tocantins (TO). Na região Sul, no Rio Grande do Sul (RS) e Santa Catarina (SC). No Sudeste, em São Paulo (SP) e Espírito Santo (ES). Na região Nordeste, no Ceará (CE), Maranhão (MA), Piauí (PI), Pernambuco (PE) e Sergipe (SE) e na região Centro, por Goiás (GO) e Distrito Federal (DF).*

*Há, entre nós, Coletoras de Memórias que vivem no campo e as que vivem nas cidades, em municípios como: Santa Maria do Herval (RS), São Domingos do Capim Só (PA), Aracaju (SE), Russas (CE), São Francisco do Guaporé (RO), Brasília (DF), Samambaia (DF), Ceilândia (DF), Porto Alegre (RS), Nazaré (PI), Esperantina (PI), Vitória (ES), Goiânia (GO), Recife (PE), Santa Luzia do Itanhhy (SE).*

*Somos militantes de movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos: Movimento da Mulher Trabalhadora Rural, Fórum das Mulheres Negras, Comitê da Marcha das Margaridas DF, Fórum das Mulheres de Pernambuco, Articulação das Mulheres Brasileiras na Marcha Mundial das Mulheres, Movimento de Quebradeiras de Coco Babaçu, MSTTR, Central Única dos Trabalhadores e Partido dos Trabalhadores. Portanto, levamos para a Marcha e trazemos para esta sistematização olhares de diversos cantos do Brasil e formas diversas de militância.*

## **APRENDIZAGENS E DESAFIOS DO ATO DE SISTEMATIZAR**

Ao sistematizar, testemunhamos experiências vividas pelas Margaridas na construção da Marcha, a dedicação, as dificuldades para organização da viagem para Brasília, o antes, o durante e o depois. São 20 anos de uma história que, de 4 em 4 anos, se realimenta, quando as Margaridas desse imenso Brasil vão a Brasília mostrar



quem são, suas lutas, suas reivindicações por direitos e demandas das mulheres do campo, da floresta, das águas e das cidades.

***Sistematizar a Marcha é colocar a memória viva dentro de um livro e arquivá-la para a próxima geração. É resgatar cada dia, momento, experiência e poder transmitir isso de forma fiel ao que vivenciamos. É missão de dever cumprido! Dever para com nós mesmas, mulheres.*** THAMY FRISSELLI

A sistematização é uma experiência ímpar que vai mostrar o protagonismo das Margaridas na transformação da sociedade para um mundo melhor. Com esta sistematização, esperamos mostrar as experiências vividas pelas mais diversas mulheres que participam deste momento, desde a primeira Marcha no ano 2000, focando principalmente nas memórias colhidas durante a Marcha de 2019, e reforçando nossas ações para o futuro.

***Sistematizar a Marcha das Margaridas é deixar a alma falar mais alto, é enxergar nossa luta para além dos nossos territórios. É o desafio bom de olhar-se para dentro, sem esquecer de olhar para os lados, das mulheres que pegam em nossa mão e nos ajudam a seguir em frente. É a oportunidade de refletir coletivamente um processo transformador, que vem dando certo, de tirar as mulheres da invisibilidade e as colocar em um novo espaço/patamar social, com voz e poder.*** MÔNICA RAMOS

Sistematizar a Marcha das Margaridas é, sem dúvida, mostrar a face das mulheres do campo, da floresta e das águas, que protagonizam uma história de luta e resistência devido à escassez de políticas públicas para o desenvolvimento rural sustentável. Se olharmos para algumas regiões do país que são afetadas, vemos mulheres resistindo e acreditando na mudança e outras apenas vivendo aquilo que lhes foi imposto.

A Marcha, desde os anos 2000, busca mudar essa realidade. Há depoimentos que revelam o quanto foi significativa essa mobilização das mulheres trabalhadoras rurais, que transbordou para além do campo.

*Sistematizar a Marcha é uma forma de trazer presente aqueles momentos de luta, aperfeiçoando o aprendizado; é valorizar a mulher e sua função na sociedade, bem como resgatar e registrar as transformações que ocorreram a partir das lutas de tantas Margaridas, para ficarem arquivadas na história estas transformações e para que não se percam momentos incríveis – vistos, vividos e sentidos por diversas pessoas de estados e culturas diferentes, em busca por um mesmo ideal. Sistematizar a Marcha é um aprendizado incomparável, é registrar nossa história.*

ROSIANE (RÔ)

Ao sistematizar a Marcha, a gente registra a nossa luta. As mulheres defendem, com firmeza, o direito à fala e à representação nos mais diversos domínios políticos e intelectuais. A sistematização possibilita refletir sobre tudo isso e oportuniza outras mulheres a conhecerem a Marcha das Margaridas. Sistematizar é refletirmos juntas sobre o significado da Marcha das Margaridas na história dos movimentos de mulheres no Brasil.

*Sistematizar a Marcha é um aprendizado coletivo, um despertar para um outro jeito de fazer, para troca de saberes, para exercitar a paciência pedagógica. É criar oportunidades para dar voz e protagonismo às mulheres do campo, da floresta e das águas. É registrar uma história linda, tecida ao longo de 20 anos: um bordado a várias mãos.*

MARLEIDE



## CAPÍTULO 3.



# MARCHA DAS MARGARIDAS: TRAJETÓRIAS E REPERCUSSÕES



**C**ada Marcha das Margaridas é única, é singular! Ergue-se a partir de processos de luta próprios, marcados pelas condições e contradições vividas pelas mulheres naquele momento da história.

Mesmo marcada por suas singularidades, é preciso acessar cada Marcha honrando as histórias, o legado político e as aprendizagens dos processos anteriores. Queremos dizer com isso que não existe a sexta Marcha sem a primeira... Elas não

se constroem isoladamente! Foi a partir do acúmulo dessas forças, construído ao longo de uma história de 20 anos, que a Marcha das Margaridas passou a ser reconhecida como a maior ação latino-americana protagonizada pelas mulheres do campo, da floresta e das águas.

Num país marcado por profundas desigualdades, é fundamental demarcar que uma das maiores ações de luta e resistência popular da história recente vem das mãos das mulheres que trabalham e vivem nos rincões dos roçados, das florestas, dos alagados, dos rios e mares. Sim, estas são suas protagonistas, mas em nenhum momento marcham sozinhas. Fortalecem o passo unindo suas mãos às das mulheres das cidades, das trabalhadoras das periferias urbanas e, agora, das indígenas. Dessa mistura, vão afirmando sua diversidade para construir um mundo melhor.

Desde 2000, em marcha, essas mulheres buscam conquistar visibilidade, reconhecimento social, político e cidadania plena. Sua construção se firma a partir de processos formativos, de debate, proposição, nego-

ciação, ação e pressão política, vivenciados nas comunidades, municípios e estados, e que culmina, a cada quatro anos, na realização de um ato público que ocupa as ruas da capital do País. Coordenada pelas mulheres da Confederação Nacional de Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (Contag) de 27 Federações e mais de 4 mil Sindicatos filiados, a Marcha das Margaridas se constrói em aliança com os movimentos feministas e de mulheres trabalhadoras, centrais sindicais e organizações internacionais.

## COMO MARCHAMOS DURANTE 20 ANOS?

Você já parou para pensar sobre quais motivos levaram as mulheres trabalhadoras rurais a organizarem uma marcha? Já refletiu sobre os desafios que tiveram que enfrentar para continuar marchando ao longo de 20 anos? A partir dessas e de outras perguntas, queremos compartilhar um pouco das memórias e do legado construído por tantas e tão diferentes mulheres em marcha! Vamos juntas?

## MARCHA DAS MARGARIDAS: 2000 RAZÕES PARA MARCHAR CONTRA A POBREZA E A VIOLÊNCIA SEXISTA



Cartaz da  
Marcha das  
Margaridas  
2000.

Eita, caminhos movimentados esses que conduziram à realização da primeira Marcha. Por eles, é possível enxergar estradas que cruzam o outro lado do mundo, longas e cansativas subidas, mas também cursos de água re- vigorantes, que mais parecem o mar, um mar de Margaridas!

Nessa jornada, lá pelo final dos anos 90, vimos um importante encontro de caminhos: um deles percorrido dentro do sindicalismo rural, no qual as trabalhadoras rurais lutaram pelo fortalecimento de sua organização política, reivindicando seu reconhecimento como trabalhadoras e sua participação como dirigentes; o outro foi trilhado no estrangeiro, a partir das articulações e movimentações de mulheres feministas de diferentes partes do mundo,

que fizeram ecoar gritos contra a opressão neoliberal.

Dentro do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), nesse período, as mulheres trabalharam duro na criação das Coordenações e Comissões de Mulheres em vários Sindicatos, Federações e na Contag. Conquistaram, de forma habilidosa, a aprovação e implementação, em 1998, da cota de participação de, no mínimo, 30% de mulheres nos espaços deliberativos, inclusive na direção executiva da Contag. Foi preciso muita ousadia e sabedoria das mulheres lideranças sindicais para forçar as portas e, com isso, abrir novas possibilidades de participação, mas não nos enganemos: mesmo diante dessas conquistas essenciais, as

trabalhadoras rurais organizadas dentro do sindicalismo seguiam sendo alvos de práticas machistas e racistas. Para citar alguns exemplos dessa dura realidade, via-se (vê-se ainda hoje) comentários destinados a desqualificar posições políticas, falas e até comportamentos das mulheres, ou ainda, concedia-se às mulheres dirigentes menores gratificações em comparação às destinadas aos homens. Por esses e muitos outros motivos, crescia entre as trabalhadoras rurais a intenção de realizar uma ação potente que mostrasse ao MSTTR e à sociedade toda a força política das mulheres.

Paralelamente, ganhava corpo um movimento puxado por feministas de diferentes partes do mundo que visava construir uma grande aliança feminista internacional a partir da constituição de uma ação, que veio a tornar-se o movimento denominado Marcha Mundial das Mulheres. O objetivo era expressar publicamente, desde a perspectiva feminista, o posicionamento das mulheres contra o neoliberalismo, que vinha banhando o planeta e os corpos das mulheres de fome, pobreza e violência. Vale lembrar que esta iniciativa foi inspirada pela Marcha Pão e Rosas, ocorrida

em junho de 1995, no Canadá, quando cerca de 850 mulheres percorreram 200 quilômetros – saindo de Quebec e chegando a Montreal, onde foram recebidas por 15 mil pessoas –, movidas pela defesa de mais direitos para as mulheres, sobretudo, as imigrantes, e por uma economia de base solidária, oposta à lógica do mercado comum com os Estados Unidos.

Algumas mulheres dirigentes e lideranças da Contag, também militantes de outros espaços políticos como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT), participaram diretamente das reuniões preparatórias, ocorridas em 1999, à realização da agenda global da Marcha Mundial das Mulheres. Foi a partir daí que se juntou a fome com a vontade de comer: as trabalhadoras enxergaram que, desde essa articulação com os movimentos de mulheres feministas e da intenção das trabalhadoras rurais realizarem uma grande ação de visibilização das suas questões, aglutinavam-se mais força política e melhores condições de concretizar esse projeto.

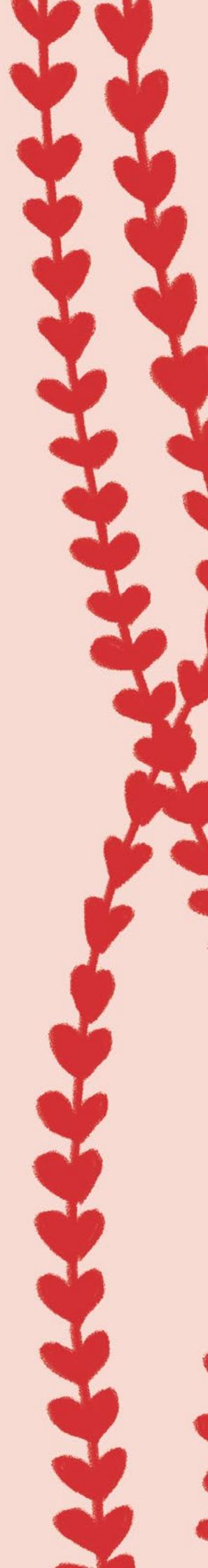
Diante desses antecedentes, em 2000, em várias partes do mundo, foram realizadas ações que integraram a agenda de

mobilizações da Marcha Mundial das Mulheres, tomando por base o chamado: **2000 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista**. A agenda de lutas teve início no Dia Internacional da Mulher, 8 de Março, e terminou em 17 de outubro – Dia Internacional de Combate à Pobreza.

As trabalhadoras rurais, lideranças sindicais da Contag, definiram que essa ação em adesão à Marcha Mundial das Mulheres seria uma grande marcha, e deram a ela o nome de Marcha das Margaridas, em homenagem à líder sindical Margarida Maria Alves, primeira presidenta do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande na Paraíba, que foi brutalmente assassinada na porta de sua casa, em 1983, a mando de latifundiários da região incomodados com a luta intransigente desta mulher em defesa dos direitos trabalhistas e do direito à terra para trabalhadoras rurais. Por meio desse nome, a Marcha ressignifica a história de Margarida Alves, tornando-a um símbolo de resistência para a luta das mulheres – Margarida Alves, semente que fecundou o chão com seu sangue, fazendo brotar milhões de outras Margaridas.

Assim, no Brasil, uma das ações que integrou a 1ª agenda global da Marcha Mundial das Mulheres foi a primeira Marcha das Margaridas, que reuniu 20 mil mulheres, tornando-se a maior de todas as ações realizadas em nosso país, naquele ano. Isso evidencia que a Marcha das Margaridas já nasce comprometida com a luta feminista e amplia alianças com o movimento autônomo de mulheres, movimentos populares e sindical, do campo e da cidade, e organizações feministas. Desse modo, estiveram à frente dessa Marcha as mulheres da Contag, com suas Federações e Sindicatos, em parceria com outros sete movimentos, além, logicamente, da Marcha Mundial das Mulheres, sendo eles: Central Única dos Trabalhadores (CUT), Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR/NE), Conselho Nacional de Seringueiros (CNS), Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), União Brasileira de Mulheres (UBM) e Movimento de Luta pela Terra (MLT) – este último se desfez anos depois.

A primeira Marcha das Margaridas foi realizada durante o segundo governo do presidente Fernando Henrique Cardoso,



de evidente orientação neoliberal. Marcado por políticas de privatização das empresas brasileiras, de aumento expressivo da dívida pública e de profunda dependência dos empréstimos do Fundo Monetário Internacional, o governo dedicou mais atenção aos interesses do mercado, do empresariado e suas corporações, do que à garantia de direitos e políticas para as trabalhadoras e o conjunto da população, assim como reza a cartilha neoliberal.

É nesse cenário que em 10 de agosto de 2000, em Brasília, as Margaridas marcham pela primeira vez, ocupando as ruas da capital federal com seus símbolos e reivindicações. Elas se organizaram em alas, por meio

das quais expressavam o seu lema e suas lutas, empunhando seus cartazes e faixas, suas painéis vazios – que denunciavam o cenário de fome e pobreza; suas cruces – a demandar medidas de enfrentamento à violência contra as mulheres e aos conflitos agrários; e seus balões brancos – na busca por um mundo de paz.

A estratégia de ação da Marcha incluiu a elaboração de Texto-Base direcionado aos Três Poderes da República. Nele, as Margaridas buscaram evidenciar, expondo dados e análises, o efeito nocivo da ausência de políticas de desenvolvimento sustentável no meio rural, principalmente para a vida das trabalhadoras rurais. Num passo



Foto: Jossonhir Britto

**Marcha das Margaridas 2000.**

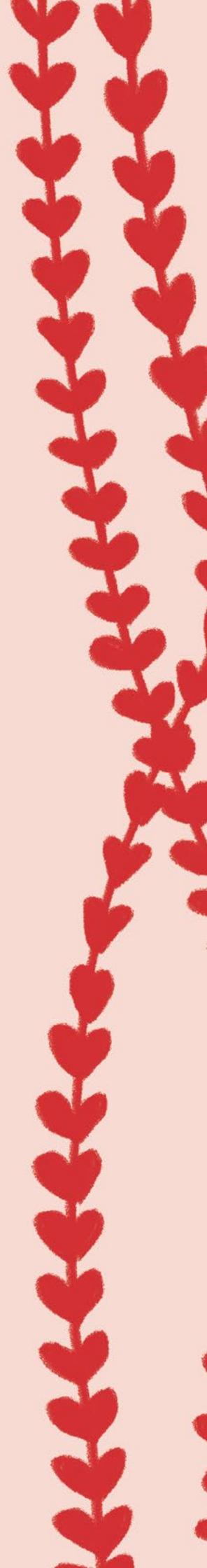
ainda mais largo, as Margaridas incluíram suas reivindicações, desde a perspectiva das mulheres, quanto à garantia de reforma agrária, previdência social, política agrícola, emprego e renda, combate à violência sexista, dentre outros temas.

Foi também pela primeira vez que as trabalhadoras rurais estiveram à frente dos processos de negociação da pauta política junto aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Audiências com os presidentes da República, da Câmara dos Deputados, do Senado e do Supremo Tribunal de Justiça marcaram as primeiras agendas de negociação, que se desdobraram em reuniões técnicas com gestores dos ministérios.

É notória a força que emerge desse processo. As mulheres coletivamente saíram muito fortalecidas dessa Marcha: inauguraram a ação política mais importante do Brasil e da América Latina, protagonizada por elas. Provaram sua capacidade mobilizadora, posta em dúvida por inúmeros comentários machistas proferidos por muitos companheiros no espaço sindical; consolidaram uma expressiva aliança com um conjunto de movimentos feministas, autô-

nomos, populares e sindicais; e conquistaram importantes compromissos por parte do poder público, alguns deles até permaneceram sem respostas, mesmo constituindo-se demandas recorrentes presentes na pauta de reivindicações das edições do Grito da Terra Brasil (ação coordenada também pela Contag).

No âmbito do judiciário, foi, sem dúvida, a pressão exercida pela Marcha que ajudou a tirar do esquecimento o caso do assassinato de Margarida Alves. Até aquele momento, os mandantes do crime permaneciam impunes. Um ano após a Marcha, em 2001, finalmente, um dos acusados como mandante deste crime bárbaro, Zito Buarque, foi levado ao banco dos réus, ainda assim resultando em veredicto inacreditável: sua absolvição, por falta de provas. O resultado do julgamento indignou as mulheres do Brasil e do mundo. Sobre isso, Raimunda de Mascena (Raimundinha), Coordenadora de Mulheres da Contag e Coordenadora da 1ª Marcha das Margaridas, afirmou à época: “Estando dentro daquele Tribunal, nós assistimos a um verdadeiro escândalo, principalmente para a justiça brasileira. Eu esperava tudo nesse país, menos a absolvição



de Zito Buarque. Acho que eles não têm dimensão do que significou esse julgamento para um país que se diz democrático” (CFEMEA, 2001). É por esta e por tantas outras expressões da injustiça que afetam as mulheres, que a Marcha das Margaridas trava lutas indissociáveis da busca por justiça social.

Do ponto de vista das reivindicações encaminhadas ao executivo e legislativo, foram assumidos alguns compromissos por parte do governo federal, que não incorporaram plenamente as demandas estruturais das Margaridas, sendo eles:

- **a redução da taxa de juros para o custeio agrícola;**
- **o acesso das mulheres à linha de crédito do PRONAF, Grupo B, prioritariamente às regiões Norte e Nordeste;**
- **o indicativo de revisão da nova Norma de Execução, para assegurar que as terras da reforma**

**agrária sejam destinadas em nome do casal ou no nome da mulher quando esta for solteira;**

- **aceitação por parte do Ministério da Previdência e Assistência Social de que a Declaração do Sindicato servisse como prova plena para comprovação da atividade rural.**

Embora não se colocasse originalmente nos planos, depois de todo o vivido, ficou evidente que esta seria a primeira de muitas outras marchas. Toda a força política reunida nesta ação irradiou entusiasmo e novos sentidos para a luta, sentimento que arrebatou as trabalhadoras rurais e urbanas mobilizadas, que já anunciavam, ao tomarem seus assentos na viagem de volta: “Ano que vem nós estaremos aqui novamente!” E, três anos depois, em 2003, realiza-se a segunda Marcha das Margaridas.

## MARCHA DAS MARGARIDAS: 2003 RAZÕES PARA MARCHAR CONTRA A FOME, A POBREZA E A VIOLÊNCIA SEXISTA



Cartaz da Marcha das Margaridas 2003.

Sem dúvida, a realização da primeira Marcha contribuiu com a pavimentação dos caminhos por onde as Margaridas marcharam em 2003. Mesmo assim, a tarefa não se apresentou menos desafiadora. A decisão de realizar a segunda Marcha posicionou-a num outro patamar, como uma ação política contínua, cabendo firmar, com criatividade, as estratégias e os sentidos políticos que sustentariam este permanente marchar ao longo do tempo.

Para enraizar a Marcha, construindo-a como processo continuado, define-se as ações

na base como caminho essencial de mobilização. No entanto, ações de base para quê? O que conduziam as atividades locais? As Margaridas partem do que denominam ser sua Plataforma Política, que reúne os pilares do modelo de desenvolvimento que defendem para o Brasil. Assim, organizam seus materiais – textos-base, cadernos de textos, cartilhas – para facilitar que as ações de base partam de pilares políticos comuns. Desse modo é que se deflagra o processo: debate descentralizado (comunitário, municipal, regional, estadual), que se estende por mais



ou menos um ano, preparando o caminho para a manifestação pública realizada a cada quatro anos em Brasília. Assim, o processo vai se renovando! A cada quatro anos, vive-se um ciclo da Marcha, que vai sendo avaliado, atualizado e reinventado para instalar um novo início. Logicamente, o ano que antecede a realização do ato em Brasília é o mais intenso de todos eles, mas os desdobramentos desse momento tornam pulsante outras formas de marchar.

As ações de base, deste novo ciclo da Marcha, iniciaram-se no 8 de março de 2003. Foram reuniões, assembleias, encontros, bingos, audiências públicas, dentre outras atividades, que, além do cunho formativo, tinham caráter mobilizador das participantes e dos recursos financeiros que apoiariam o deslocamento das mulheres. Reafirma-se, nesse processo, as alianças, que marcaram o surgimento da Marcha em 2000, reunindo os mesmos movimentos e organizações feministas, autônomos e sindicais.

Nesse caminho, foi elaborado o *Texto-Base da Marcha das Margaridas 2003*, que teve objetivo um pouco distinto do documento produzido na Marcha de 2000: sua intenção passava por animar e apoiar os debates e atividades locais. Organizou-se como um material pedagógico, um subsídio para o debate local, tendo por referência cinco eixos prioritários: 1) Acesso das Mulheres à Terra; 2) Meio Ambiente com Foco na Sustentabilidade do Manejo das Águas e Agroecologia; 3) Política Permanente de Recuperação do Salário-Mínimo; 4) Saúde Pública, com Assistência Integral à Mulher; 5) Combate à Violência Sexista e Outras Formas de Discriminação e Violência no Campo.

Ah, vale nos perguntarmos: em que conjuntura marcharam as Margaridas pela segunda vez? Era o primeiro ano de governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Nunca antes na história do país, um representante da classe trabalhadora – retirante nordestino, metalúrgico e sindicalista – tinha chegado

## Marcha das Margaridas

à Presidência da República. A candidatura de Lula teve grande apoio popular, e foi abraçada por muitas das Margaridas, que construíram juntas a campanha desde os espaços das comunidades, sindicatos e tantos outros.

O combate à fome, pauta tão cara às mulheres, ocupou o centro da agenda política do novo governo. Diante disso, as mulheres sabiam que era preciso aproveitar esse momento histórico, agregando mais potência aos processos de reivindicação, negociação e incidência. Assim, reafirmando o chamado da primeira Marcha, as Margaridas seguiram orientadas pelo lema **2003 razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista.**

*A Pauta de Reivindicações* – elaborada a partir dos registros dos debates realizados nas comunidades, municípios e estados, e enviados à Contag – foi composta por 140 propostas fundamentais à vida das trabalhadoras rurais e à luta feminista. Além de demandas concretas relacionadas às lutas históricas das trabalhadoras/es rurais, como o direito à terra pela reforma agrária, às políticas de fomento à produção e comercialização, à previdência rural etc., teve lugar pautas caras ao movimento feminista. Até aí nenhuma novidade, uma vez que a primeira Marcha incluiu em suas reivindicações medidas de enfrentamento à violência contra as mulheres e de garantia de



Foto: Augusto Coelho

Marcha das Margaridas 2003.

uma educação não sexista. Entretanto, coube à segunda Marcha pautar, pela primeira vez, a descriminalização do aborto, questão que mobiliza muita polêmica na sociedade, até mesmo nos dias de hoje. A ousadia das trabalhadoras rurais em não fugir dessa discussão, a despeito de todos os tabus, recoloca esta e outras importantes pautas feministas a cada novo processo de atualização da Plataforma Política da Marcha.

Além das audiências de apresentação da pauta aos presidentes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, o processo de negociação de 2003 foi marcado por um momento de devolutiva do governo, quando Lula, reunido com 40 mulheres lideranças da Marcha das Margaridas, em novembro daquele ano, respondeu item por item a pauta apresentada. Uma das maiores vitórias das mulheres trabalhadoras rurais foi a publicação, ainda em 2003, da Portaria nº 981 do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que tornou obrigatória a titulação conjuntada das terras da reforma agrária em nome do casal, ou seja, a partir daquele momento, no título da terra, teria que constar os nomes da mulher e do homem.

O processo de negociação permitiu concretizar outras propostas apresentadas pelas Margaridas:

- **a implementação da campanha Nenhuma Trabalhadora Rural sem Documentos;**
- **a criação do Pronaf-Mulher, demanda fortalecida pelas mobilizações do Grito da Terra Brasil;**
- **a assinatura de convênio estabelecido entre a CONTAG e Ministério da Saúde para a implementação do Projeto de Formação de Multiplicadoras/es em Gênero, Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos;**
- **a criação da Coordenadoria de Educação do Campo no âmbito do Ministério da Educação.**

Mas nem só de respostas à pauta de reivindicações vivem as conquistas da Marcha das Margaridas! É igualmente importante reconhecer como as mulheres, ao fazerem a Marcha, vão se afirmando como sujeitos políticos, apropriando-se do seu poder e potência individual e coletiva. Vão exercitando habilidades, se autorreconhecendo e exigindo reconhecimento dentro da comunidade, do sindicato, enfim, da sociedade. Por isso, entendemos que os resultados vão além da matemática, mas se expressam no fazer político cotidiano, nas subjetividades, nas convergências das mãos.

Dessa força, nasce a **Pauta Interna da Marcha das Margaridas**, documento elaborado pelas mulheres e endereçado às entidades do Movimento sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR. A Pauta Interna simboliza um bas-

ta ao machismo, às relações injustas e práticas desiguais contra as mulheres, reproduzidas dentro do MSTTR. Reúne várias proposições possíveis de serem implementadas no cotidiano sindical. Mais que possíveis: necessárias e urgentes. Com isso, as Margaridas evidenciam que a luta contra o patriarcado e as práticas machistas que dele derivam estabelecem-se em todos os âmbitos da sociedade, desde a casa, a comunidade, o sindicato, o congresso federal, reque-rendo construir a relação entre homens e mulheres a partir de bases justas, solidárias e igualitárias. Desde esse momento, as Pautas Internas passaram a integrar o caminho político das Margaridas. Nenhuma outra Marcha aconteceu sem que fossem atualizadas e reapresentadas as proposições das mulheres para concretizar relações mais justas dentro do MSTTR.



## MARCHA DAS MARGARIDAS: 2007 RAZÕES PARA MARCHAR CONTRA A FOME, A POBREZA E A VIOLÊNCIA SEXISTA

Cartaz da  
Marcha das  
Margaridas  
2007.



**MARCHA**  
**das Margaridas**

2007 RAZÕES PARA MARCHAR  
21 e 22 de Agosto de 2007 - Brasília-DF

"Contra a fome, a pobreza e a violência sexista"

- ☀ Terra, água e agroecologia;
- ☀ Valorização do salário mínimo;
- ☀ Soberania e segurança alimentar;
- ☀ Trabalho, renda e economia solidária;
- ☀ Garantia de emprego e condições de trabalho das assalariadas;
- ☀ Saúde pública, Direitos Previdenciários e Educação do Campo.

Promoção: **CONTAG - FETAGs - STTRs - CUT!**  
filial da CUT

Parceria: MMTR/NE | MIQCB | CNS | MAMA | REDELAG  
Marcha Mundial das Mulheres | COOPROFAM

A realização da 3ª Marcha das Margaridas comprovou a força, ousadia, organização e amadurecimento político que vinha das mulheres, reunindo, em 2007, cerca de 50 mil manifestantes em Brasília, mantendo como lema **2007 Razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista**.

Até aqui, expressavam-se nos textos da Marcha e nas falas políticas a identidade como trabalhadoras rurais, agricultoras familiares, mulheres da

roça, do meio rural. Entretanto, esses conceitos, um tanto genéricos, omitiam uma diversidade de modos de vida que marcam a existência das Margaridas. Assim, em 2007, as mulheres que faziam a Marcha acumularam o entendimento de que era preciso chamar-se a partir de uma identidade aglutinadora da diversidade que as marcava. Esse era um importante ato político, era um jeito potente de se colocar na luta. Desde então, denominam-se mulheres do campo

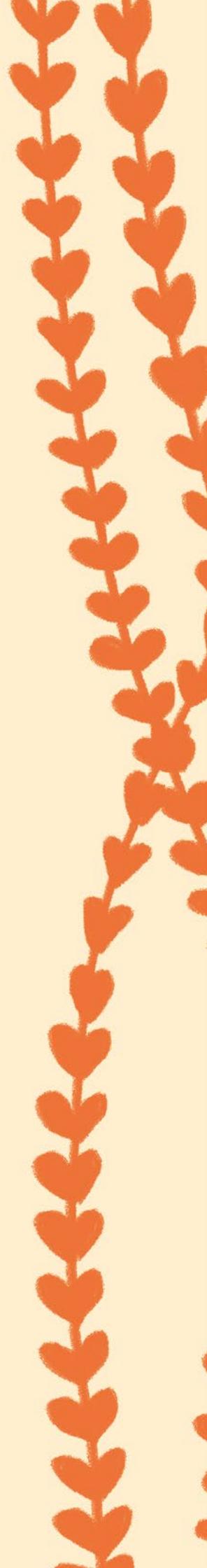
e da floresta. Anos depois, em 2015, dão mais um passo na afirmação da autoidentidade, construída de maneira dinâmica no mundo. Dessa forma, incorporam as “mulheres das águas”. Por isso, hoje, as Margaridas se reconhecem e reivindicam reconhecimento como mulheres do campo, da floresta e das águas; querem evidenciar sua diversidade como agricultoras familiares, camponesas, sem-terra, acampadas, assentadas, assalariadas, trabalhadoras rurais, artesãs, extrativistas, quebradeiras de coco, seringueiras, pescadoras, ribeirinhas, quilombolas, indígenas e tantas outras espalhadas pelo Brasil.

Nesse momento, evidenciaram não só a diversidade de identidades, modos de vida e relação com a terra dada pela denominação de mulheres do campo e da floresta, como também a variedade de formas e espaços de organização que se ocupam da luta pelos direitos das mulheres nesses territórios. Dessa maneira, somaram-se à organização da Marcha 2007 três outros movimentos regionais, tanto de mulheres quanto mistos, a saber: o Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia (MAMA), a Rede Latino-Americana e Caribenha

de Mulheres Rurais (Rede LAC) – esta última já figurava como entidade apoiadora na Marcha anterior – e a Confederação de Organizações de Produtores Familiares do Mercosul Ampliado (COPROFAM).

O trabalho de base ganhava mais peso a cada novo processo de construção da Marcha, consolidando-se, a essa altura, como ‘metodologia’, como ‘jeito de fazer’ das Margaridas, tendo por ferramentas centrais as cartilhas com orientações sobre a ação, o Caderno de Texto de aprofundamento da Plataforma Política, através de seus eixos, a Pauta de Reivindicações aos poderes, Cartas à sociedade e a Pauta Interna ao MSTTR. Destarte, o ato político em Brasília não era toda a Marcha, era parte do seu processo, que envolvia o conjunto de iniciativas formativas, de mobilização e de atualização da Plataforma Política, conduzindo aos atos em Brasília e todo o desdobramento da negociação com os poderes Executivo e Legislativo.

Vale destacar ainda que a Marcha das Margaridas 2007 aconteceu no ano que inaugurou o segundo mandato do governo Lula, mesmo ano em que ocorreu a 2ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulhe-



res (realizada entre os dias 17 e 20 de agosto, em Brasília). Indiscutivelmente, a articulação das mulheres em função da Marcha permitiu maior e mais qualificada incidência das trabalhadoras rurais sobre as etapas municipais, estaduais e nacional da Conferência, reforçando, na prática, a importância de metodologias de participação social para o próprio fortalecimento da democracia no Brasil e assimilação das demandas políticas das mulheres do campo, da floresta e das águas na agenda de governo.

Foi também em 2007 que as Margaridas, pela primeira vez, firmaram que a agenda de lutas em Brasília teria duração de dois dias (não só de um dia). Interessadas em construir uma



**Presidente Lula na Marcha das Margaridas 2007.**



agenda de dois dias que promovesse a formação, a troca de experiências, a visibilização da produção das Margaridas e outros canais de interlocução com a sociedade, gestoras/es governamentais e pesquisadoras/es, definiu-se por uma programação robusta, que envolveu as 70 mil mulheres participantes da Marcha, durante os dias 21 e 22 de agosto de 2007, no Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade – Brasília/DF.

Todo o dia 21 de agosto de 2007 foi dedicado à realização de conferências, mesas de debates, apresentações culturais e uma feira solidária. A feira se alinhava à estratégia de valorização e visibilização dos grupos produtivos de mulheres, tão cara à luta feminista e tão presente no eixo “Terra, água e agroecologia”. Era a primeira vez que a Plataforma das Margaridas anunciava o eixo terra, água e agroecologia, defendendo a concepção de que a terra e a água são direitos e meios fundamentais para produzir alimentos saudáveis, desde uma concepção agroecológica, oposta à lógica predatória e exploradora das pessoas e do meio ambiente. Além disso, vale destacar que, desde então, estimuladas por esta primeira feira,

ganhou força as iniciativas de mapeamento dos grupos produtivos, o que levou, em 2008, à criação do Programa Organização Produtiva de Mulheres Rurais, coordenado pela Diretoria de Políticas para as Mulheres do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Voltando à programação da Marcha em Brasília, podemos dizer que o dia 22 de agosto de 2007 se ocupou da manifestação pública, a marcha pelas ruas de Brasília. Integrou a programação do dia um ato de encerramento com a presença do presidente Lula, que respondeu a alguns dos pontos da Pauta de Reivindicações, dentre os quais, estão:

- **a criação do Programa de Apoio às Atividades Produtivas de Mulheres Trabalhadoras Rurais;**
- **a constituição do Fórum Nacional voltado à Elaboração de Política de Enfrentamento à Violência Contra as**

**Mulheres do Campo e Floresta;**

- **destinação de verba extra (11,5 milhões de reais) para a compra de 24 unidades móveis de atendimento para o Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural;**
- **a destinação de 1 bilhão de reais para a criação de juizados especiais, fortalecimento das delegacias especializadas no atendimento à mulher vítima de violência e aumento do número de casas-abrigo e centros de reabilitação.**

Outro elemento essencial que marca a Marcha 2007 são os desdobramentos do processo de negociação com o governo federal. A luta por um modelo de desenvolvimento rural sustentável e solidário, com justiça

social e igualdade de gênero requeria um processo continuado de monitoramento dos avanços das ações negociadas e, mais que isso, de pressão para conquistar as proposições ainda travadas. Foi daí que as trabalhadoras resolveram realizar as Jornadas das Margaridas nos anos de 2008 e 2009, iniciativas que seguem integrando o fazer político da Marcha até hoje, mesmo com algumas descontinuidades, dadas as mudanças da conjuntura.

As Jornadas cumpriam o papel de atualizar e monitorar a implementação da *Pauta de Reivindicações de 2007*, retomando os acordos firmados, sua execução, e pautando demandas prioritárias não respondidas. Cada Jornada assumiu um formato próprio. A Jornada de 2008, por exemplo, desenvolveu, durante cinco dias, uma agenda de atividades que punham em diálogo as mulheres lideranças do MSTTR e das organizações parceiras, engajadas na coordenação da Marcha, junto com gestoras/es e técnicas/os dos ministérios e parlamentares. Assim, foram realizadas audiências, seminários e sessões solenes para tratar dos pontos integrantes da Pauta da Marcha.

**Seminário Nacional “Mulher, Participação, Poder e Democracia”.  
Jornada das Margaridas 2008.**

Foto: César Ramos



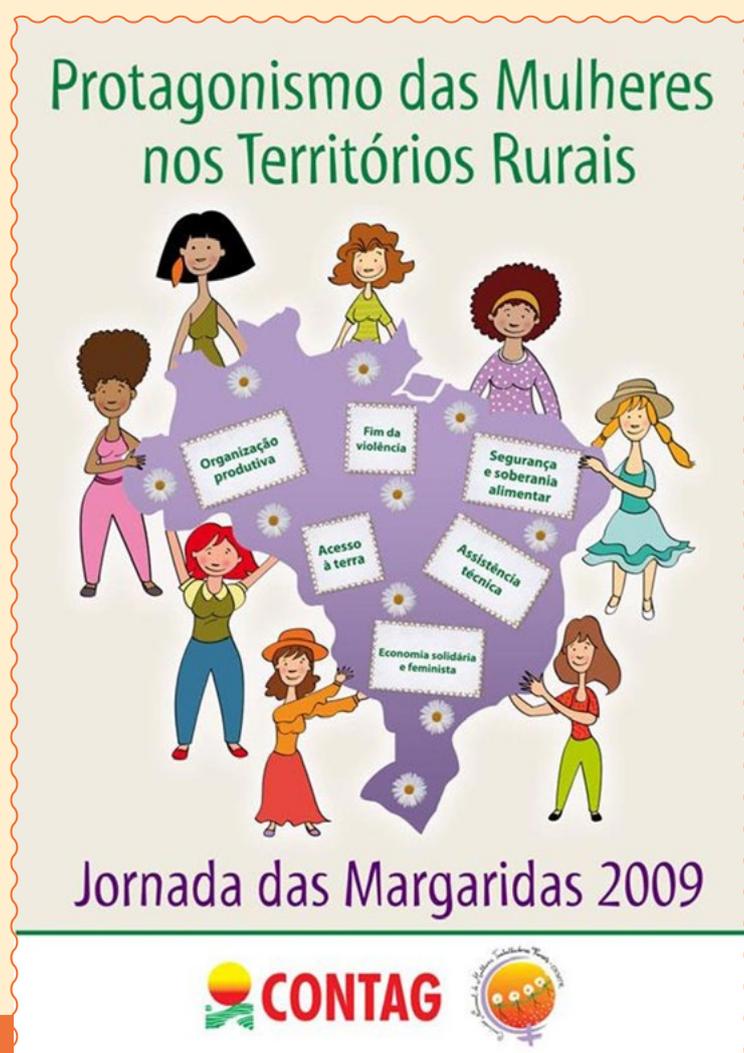
**Audiência com o Ministério do Desenvolvimento Social. Jornada das Margaridas 2008.**



Foto: Arquivo CONTAG

A Jornada de 2009 centrou-se na realização de um Seminário Nacional sobre o Protagonismo das Mulheres nos Territórios Rurais, como forma de reafirmar o papel político das mulheres nos territórios e a indispensabilidade das políticas públicas para romper com a cultura de desvalorização do trabalho produtivo exercido por

elas. Este seminário partiu dos relatos das experiências de organização produtiva das mulheres trabalhadoras em seus territórios, como forma de materializar as questões pautadas pela Marcha, dando sentido às trocas estabelecidas entre as participantes e gestores públicos presentes na atividade.



Cartaz da Jornada das Margaridas 2009.

## MARCHA DAS MARGARIDAS 2011: MARGARIDAS NA LUTA POR DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COM JUSTIÇA, AUTONOMIA, IGUALDADE E LIBERDADE



Cartaz da  
Marcha das  
Margaridas  
2011.

O processo de construção da 4ª Marcha das Margaridas foi vivido num contexto que marcou profundamente a história política nacional: o Brasil tinha eleito a primeira mulher presidenta da república, nossa querida Dilma Vana Rousseff. A trajetória de Dilma foi forjada na resistência ao golpe militar de 1964. Uma mulher de coração valente que, mesmo sofrendo as dores da tortura, nunca desistiu de defender o estado democrático de direito no nosso país. Mesmo diante de todas as

contradições e desigualdades que afetam as mulheres, ter Dilma à frente do cargo mais alto da administração do país fortalecia a percepção de que a luta das mulheres valia a pena. O ato em Brasília selaria um compromisso coletivo: as mulheres do campo, da floresta e da cidade abraçavam a presidenta, deixando nítido que, se por um lado ela não estaria só, por outro, confiavam na resposta que seu governo poderia trazer para melhorar as condições de vida das mulheres.



Presidenta  
Dilma na  
Marcha das  
Margaridas  
2011.



Outras mudanças marcaram a Marcha de 2011, uma delas foi a definição de um novo lema: ***Margaridas na luta por Desenvolvimento Sustentável com Justiça, Autonomia, Igualdade e Liberdade.*** Era

preciso intensificar o debate e a disputa na sociedade sobre que modelo de desenvolvimento melhor representa o povo trabalhador e, principalmente, como as questões das mulheres do campo, da floresta e das cidades se

## Marcha das Margaridas

evidenciam nele. Orientadas por este caminho, as Margaridas definiram sete eixos políticos como as bases do debate sobre o modelo de desenvolvimento que defendem para o meio rural e o Brasil:

- **Biodiversidade e Democratização dos Recursos Ambientais;**
- **Terra, Água e Agroecologia;**
- **Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional;**
- **Autonomia Econômica, Trabalho e Renda;**
- **Educação não Sexista, Sexualidade e Violência;**
- **Saúde e Direitos Reprodutivos;**
- **Democracia, Poder e Participação Política.**

**Marcha das Margaridas 2011.**

Foto: César Ramos





Foto: César Ramos

### 1ª turma: Curso Nacional de Formação Política para Mulheres, 2010.

A realização do 1º Curso Nacional de Formação de Mulheres Dirigentes Sindicais instaurou um importante caminho formativo que vem se repetindo até hoje nos processos preparatórios das Marchas. O curso foi pensado para favorecer a compreensão, atualização e ampliação da perspectiva feminista, construída pelas mulheres do campo e da floresta, que sustenta a Plataforma Política da Marcha, orientada pela visão de desenvolvimento sustentável defendida pelas Margaridas. O curso, dividido em 3 módulos, orienta-se pelo eixo temático *feminismo, gênero e ação sindical* e forma, até hoje, educadoras populares feministas que atuam como multiplicadoras dos debates e processos locais que integram as ações das Marchas

das Margaridas. Nesse espaço formativo, muitas mulheres se reconheceram e se assumiram feministas, o que demonstra as tensões e desqualificações que persistem na sociedade sobre o feminismo, especialmente, no movimento sindical, lugar onde a maioria das participantes do curso constroem sua militância. O curso construído a partir da pedagogia da ENFOC, agregou inúmeras contribuições aos caminhos das Margaridas. Destacam-se três dimensões essenciais: produz abordagens teóricas, práticas e metodológicas que dão sustentação à defesa do projeto de sociedade proposto pelas mulheres; potencializa o trabalho de base, reflete e afirma o feminismo que se expressa da luta construída a partir da Marcha das Margaridas.

## Marcha das Margaridas

Também marca esta Marcha a ousadia de construir um processo de mobilização que fizesse chegar até Brasília, entre os dias 16 e 17 de agosto de 2007, 100 mil mulheres. Nessa construção, as mulheres do MSTTR, à frente da coordenação da Marcha, reafirmaram o caminho não só de fortalecimento das parcerias existentes, mas também de ampliação dessas alianças. Além dos movimentos que vinham juntos desde as primeiras Marchas das Margaridas, passaram a compor este espaço a Central dos Trabalhadores do Brasil (CTB); a Articulação de Mulheres do Brasil (AMB) e União Brasileira de Mulheres (UBM) – esta última chegou a integrar o colegiado da primeira Marcha, mas não esteve nas subsequentes. O que demonstra a importância de fortalecer e ampliar para responder aos desafios da conjuntura, agregando mais força política, e revela como a Marcha se consolidava como referência de ação e pressão política coletiva que conseguia mobilizar novas aliadas/os.

Em 2011, as atividades em Brasília reafirmaram o processo inaugurado na Marcha anterior: dois dias de atividades, o primeiro dedicado aos espaços formativos de trocas e debates

entre as Margaridas, pesquisadoras, gestoras e gestores públicos, parlamentares. Nesse sentido, foram realizadas Conferências Temáticas e Oficinas Formativas para aprofundamento dos temas que integram a Plataforma Política da Marcha, além da realização da 1ª Mostra Nacional da Produção das Margaridas, estratégia que tinha por objetivo dar visibilidade à produção das mulheres trabalhadoras do campo e da floresta desde os princípios da economia feminista e solidária.



**Arte da Mostra Nacional da Produção das Margaridas.**

Vale destacar que a Mostra despontou como mais uma linguagem possível, para dar continuidade ao processo de



Marcha das Margaridas 2011.

Foto: César Ramos

construção da Marcha. Nessa perspectiva, entre os dias 22 e 24 de março de 2013, realizou-se a 2ª Mostra Nacional da Produção das Margaridas em Brasília. Três dias intensos de feira destinados à exposição, visibilização e comercialização dos produtos gerados pelo trabalho das mulheres do campo e da floresta de todo o Brasil, com espaços reservados à valorização da cultura popular, protagonizada pelas mulheres, e ao debate sobre as políticas públicas voltadas à organização produtiva, que mostrou a importância das mulheres para produção de

alimentos e, ao mesmo tempo, os condicionantes à sua participação e autonomia econômica.

Também teve lugar como parte dos desdobramentos políticos da Marcha 2011 a realização das Jornadas das Margaridas nos anos de 2012 e 2013. Seguiu firme a estratégia de dar continuidade às negociações e monitoramento da execução das políticas públicas negociadas com o governo.

Entre a Marcha de 2007 e a de 2011, houve um nítido salto em torno das análises, proposições e incidência política por

parte do campo, de movimentos e organizações engajadas na defesa da agroecologia, tendo as mulheres e suas lutas como referências fundamentais. A Pauta da Marcha das Margaridas 2011 apontou como uma de suas proposições prioritárias “a criação de um programa que promova a massificação da transição agroecológica nas unidades familiares de produção”. Em resposta a esta reivindicação, a Presidenta da República, Dilma Rousseff, anunciou a criação de um grupo de trabalho com a participação de movimentos sociais e organizações de mulheres, para elaborar um Programa Nacional de Agroecologia, que daria origem à criação do *Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO)*. Assim, um intenso processo participativo do grupo de trabalho criado a partir da Marcha das Margaridas de 2011 resultou na instituição, em 20 de agosto de 2012, da PNAPO, tendo como uma de suas diretrizes a “contribuição na redução das desigualdades de gênero, por meio de ações e programas que promovam a autonomia econômica das mulheres”.

Outros compromissos foram assumidos pelo executivo federal com relação às demandas da *Pauta de Reivindicações da Marcha 2011*, dentre os quais: i) Criação de um grupo de trabalho interministerial com a finalidade de discutir critérios para implantação de creches no campo; ii) implantação de 10 unidades móveis em 2011, com serviços de atendimento às mulheres do campo e da floresta em situação de violência, culminando, em 2014, a ampliação desse compromisso com a entrega de 54 unidades móveis.

Nessa altura da discussão, é importante atentar para o fato de que nenhuma conquista é estável e perene. A conjuntura se transforma, a correlação de forças ora se expande, ora se contrai. Nada é permanente, sobretudo, ante às desigualdades que marcam a vida e os corpos das mulheres. O que exige uma constante vigília e reinvenção das práticas, para que possam seguir em marcha.



## MARCHA DAS MARGARIDAS 2015: MARGARIDAS SEGUEM EM MARCHA POR DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COM DEMOCRACIA, JUSTIÇA, AUTONOMIA, IGUALDADE E LIBERDADE



Cartaz da Marcha das Margaridas 2015.

A corrida eleitoral de 2014 à Presidência da República valeu-se de toda misoginia e ódio enraizado numa sociedade patriarcal e racista. Ainda assim, Dilma é eleita pelo voto popular, assumindo o seu segundo mandato em 2015, sob forte tensão vinda do empresaria-

do e de setores do legislativo, judiciário e da mídia que, não satisfeitos com o resultado das urnas, queriam destituí-la do cargo por meio de um golpe político, para elevar ao poder seu vice, representante dos interesses do mercado, típico mandatário antipovo.

## Marcha das Margaridas

Frente a esse cenário, um dos principais desafios do processo de construção da Marcha das Margaridas 2015 foi denunciar a misoginia, o desmonte do estado democrático e os interesses eleitoreiros da elite brasileira, que estava por trás do processo de impedimento em curso contra a presidenta.

Diante de tamanha ameaça, a defesa da democracia colocou-se de forma ainda mais enfática na condução da 5ª Marcha, integrando explicitamente o seu lema: ***Margaridas Seguem em Marcha por Desenvolvimento Sustentável com Democracia, Justiça, Autonomia, Igualdade e Liberdade.***



Foto: Rafael Fernandes

**Marcha das Margaridas 2015.**

Depois de todo o processo de debate de base, com o objetivo de desmascarar o golpe político em curso no Brasil, 100 mil Margaridas chegaram a Brasília. Chegaram com a força de uma rede de alianças ainda mais ampla, necessária para enfrentar o cenário e defender a democracia. Duas novas organizações uniram-se ao colegiado organizador da Marcha: Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de

Agroecologia – GT Mulheres da ANA e a União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária – Unicafes, além das mulheres dos movimentos sociais da agricultura familiar e camponesa, articulados no âmbito dos movimentos do campo unitário, que construíram carta de apoio à Marcha das Margaridas, reafirmando sua importância frente à resistência política necessária naquela conjuntura.



**Marcha das Margaridas 2015.**

Foto: Rafael Fernandes

Nas ruas, as Margaridas reafirmavam, por meio dos seus gritos, cartazes, performances e palavras de desordem: “Não vai ter golpe” e exigiam o “Fica, Dilma”, “Fora, Cunha”, evidenciando, com essas palavras, as manobras ardilosas do presidente da Câmara Federal (Eduardo Cunha) na condução do impeachment.

No ato de encerramento, que coroou as ações dos dias 11 e 12 de agosto de 2015, em Bra-

sília, a Presidenta Dilma falou às Margaridas, não só anunciando os compromissos do seu governo com alguns dos pontos da Pauta de Reivindicações daquele ano, mas, principalmente, reconhecendo como os ataques que vinha sofrendo representava a ofensiva contra os avanços democráticos e de direitos que se dirigia ao povo e, inclusive, a investida conservadora contra a autonomia e liberdade das mulheres.

Foto: Roberto Stuckert

**Presidenta Dilma Rouseff na Marcha das Margaridas 2015.**



Dentre as principais respostas anunciadas pela presidenta às Margaridas estão:

- **Disponibilização de recursos e articulação junto ao poder público municipal para construção de 1.200 creches no meio rural entre 2015 e 2018;**
- **Implantação de política de fortalecimento dos quintais agroecológicos;**
- **Criação da Patrulha Maria da Penha Rural;**
- **Formação de 10 mil Promotoras Legais Populares do Campo, das Florestas e das Águas. Entretanto, o cenário de desmonte no qual o Brasil foi mergulhado, com Michel Temer à frente da Presidência, fez com que nenhum desses compromissos firmados por Dilma saíssem do papel.**

A conjuntura política exigiu que as redes e coletivos de mulheres permanecessem articulados e vigilantes, denunciando os desdobramentos do golpe. Em todo o Brasil, a mulherada, incluindo as Margaridas, permaneceram mobilizadas construindo atos, cartas e posicionamentos nas ruas e nas redes, protagonizando diferentes formas de resistência à sanha golpista. Consumado o impeachment da presidenta Dilma, em agosto de 2016, milhares de mulheres foram recebê-la ao descer a rampa do Palácio do Planalto, símbolo profundo de que continuar marchando só faz sentido seguindo juntas, em resistência, por onde o caminho levar.

## MARCHA DAS MARGARIDAS 2019: MARGARIDAS NA LUTA POR UM BRASIL COM SOBERANIA POPULAR, DEMOCRACIA, JUSTIÇA, IGUALDADE E LIVRE DE VIOLÊNCIA

Cartaz da  
Marcha das  
Margaridas  
2019.



O desmonte do Estado democrático de direito aprofundou-se desde o golpe político, que conduziu Michel Temer à presidência, guiado por uma agenda política de retirada de direitos, enxugamento do papel do Estado e dependência aos interesses do mercado. Conquistas históricas e caras às lutas da classe trabalhadora foram gradualmente sendo destruídas, e um dos principais exemplos foi a aprovação da Reforma Traba-

lhista, que flexibilizou as leis que protegia os empregos e as condições laborais de trabalhadoras/es; e a promulgação da Emenda Constitucional 95, conhecida como emenda da morte, que autoriza o congelamento dos gastos públicos – leia-se direitos sociais como educação e saúde – por 20 anos.

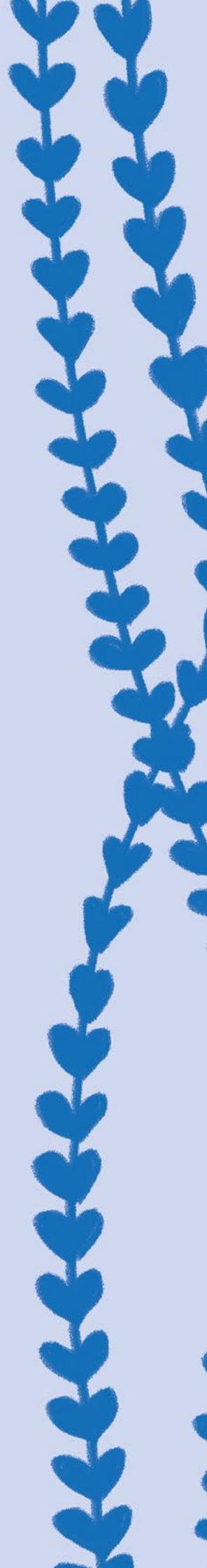
Este contexto exigiu (e ainda exige) muita resistência e mobilização dos setores e movimentos progressistas da sociedade e, frente a ele, a Marcha das Margaridas se reorganiza, atualiza a leitura de cenário e, de forma coletiva, reorienta mais um ciclo de ações. Reunida em novembro de 2017, as organizações que integram a coordenação ampliada da Marcha debatem sobre a possibilidade de antecipação da 6ª Marcha. Havia a proposta de realizá-la em agosto de 2018, de forma a dar respostas à conjuntura e influenciar eleições presenciais de 2018, que carecia de um debate qualificado.

Entretanto, as discussões levaram à manutenção da data do ato em Brasília, agosto de 2019, mas tendo como horizonte intensificar e iniciar mais cedo o trabalho de base, de maneira forte e descentralizada, de forma a influenciar a corrida eleitoral. Era preciso construir dentro dos territórios reflexões sobre o projeto de país defendido pelas mulheres, disputando as narrativas conservadoras que ganhavam terreno. Foi dessa forma que o novo ciclo da Marcha das Margaridas 2019 pôs-se no campo, na floresta, nas águas e na cidade desde o ano anterior, iniciado a partir de um Manifesto Lançamento, no dia 08 de março de 2018.

Por meio de chamadas, caravanas, reuniões, encontros, seminários, atos, oficinas, marchas locais e uma infinidade de ações, as Margaridas reinventaram seu marchar. Enfrentaram e ainda enfrentam um momento ultraconservador da nossa história, personificado na figura do atual presidente, Jair Bolsonaro. Contra o representante da ditadura, tortura, racismo, misoginia, fascismo, mulheres do Brasil e do mundo gritaram “Ele não!”, bradaram e bradam até hoje o “Fora Bolsonaro!”.

A Marcha das Margaridas 2019 levou a Brasília 100 mil mulheres. Deu visibilidade à diversidade de corpos/territórios/mulheres/margaridas forjados na produção e reprodução da vida, ao ocupar o espaço público num contexto em que a democracia, no Brasil, já começava a ser destruída. Era agosto de 2019! Corpos que revelam o cuidado, a solidariedade, o trabalho, a criação e são a expressão do campo, da floresta, das águas e da cidade apresentam-se então com alegria, afirmando que nada é definitivo, a vida é movimento. Esperança e coragem podem reconstruir seu sentido, quando a união se faz.

Há tanta coisa para dizer sobre os processos de construção das Marchas, sobretudo, da Marcha das Margaridas 2019, que ainda está tão recente, marcada em nossas memórias e corpos militantes. É nesses caminhos que vamos continuar a nos jogar. Estimulemos nossos sentidos, ativemos nossa visão e reflexão e pisemos firmes esse chão... Isso é mais que um pedido, é um convite! Vamos juntas?



## CAPÍTULO 4.



# A MARCHA DAS MARGARIDAS 2019 E O DESPONTAR DE OUTRO CICLO

# A MARCHA DAS MARGARIDAS 2019 E O DESPONTAR DE OUTRO CICLO

**A** Marcha das Margaridas 2019 foi realizada num cenário desfavorável para as manifestações de massa, as questões socioeconômicas e políticas que afetam nossas vidas, a conjuntura política de retirada de direitos, o aumento da violência contra as mulheres, o corte no orçamento das políticas públicas, as perseguições e assassinatos de lideranças. Desta vez, a Marcha não chegou para negociar. Chegou expondo uma forma de vida solidária, alegre, mas em permanente posição de luta. Chegou denunciando “o aumento das desigualdades sociais, pautadas nas relações de classe, gênero e raça, as desconstruções e violações de direitos, o corte no orçamento de políticas de assistência social, de saúde, educação, moradia, de incentivo à produção de alimentos” (MORAES, 2019, p. 2), enfim, denunciando o desmonte de um Estado democrático de direitos e a tomada de poder por um aparato insensível à fome, à dor, à beleza, à emoção. Chegou para mostrar que é possível ser diferente.

Foto: Divulgação



Marcha das Margaridas 2019.





***Olha, Brasília está florida  
Estão chegando as decididas  
Olha, Brasília está florida  
É o querer, é o querer das Margaridas.***

***Somos de todos os cabelos  
De todo tipo de cabelo  
Grandes, miúdas, bem erguidas  
Somos nós as Margaridas.***

***Nós, que vem sempre suando  
Este país alimentando  
Tamos aqui para lembrar  
Este país tem que mudar!***

## **OS PRIMEIROS PASSOS ...**

Era 2017, quando a Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais e as organizações parceiras se reuniram para tomar as primeiras decisões sobre a realização da 6ª Marcha das Margaridas, vivíamos um momento de consolidação do golpe, por meio dos desmontes realizados pelo governo Temer. Então a primeira questão que se colocava era em relação ao ano em que a Marcha deveria ocorrer: 2018 ou 2019? No ano pré ou pós-eleitoral?

Desde 2003, a Marcha das Margaridas ocorre a cada quatro anos, coincidindo com o primeiro ano de governo do/a presidente/a eleito(a), de modo a permitir um acompanhamento e monitoramento dos pontos negociados a partir da pauta de reivindicações apresentada. No entanto, a conjuntura recolocou essa questão, de modo que as discussões em relação à estratégia de ação para realização da 6ª Marcha não se referiram apenas à escolha do ano mais viável, e sim ao impacto político que se pretendia agregar.

Considerou-se então que, mantida a sua realização em 2019, haveria um tempo maior para construir processos mais aprofundados de debate, dando mais força, no âmbito da construção e mobilização da Marcha das Margaridas, aos processos de debate e formação de base, ao aprofundamento das discussões sobre a conjuntura nacional junto às mulheres, a partir das comunidades e municípios. Além disso, se teria um tempo maior para executar estratégias de captação de recursos. E assim, foi decidido pela realização da Marcha das Margaridas 2019.

## **E AS MULHERES SE ORGANIZAM PARA SEMEAR MARGARIDAS...**

Desde a Marcha de 2000 (primeira Marcha), os processos de construção exigem espaços e articulações próprios para responder às demandas, realidades e contextos, de modo a potencializar o alcance das ações de cada Marcha. De modo geral, os espaços próprios responsáveis pela organização e realização da Marcha das Margaridas são: coordenação geral que vem sendo exercida, desde a primeira Marcha, pela Secretaria de Mulheres da Contag como representação da Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (CNMTR), com função de coordenar e orientar as ações da Marcha em âmbito nacional, subsidiando as secretarias/coordenações de mulheres dos estados e as organizações parcerias da Marcha, que, por sua vez, subsidiam as mulheres nos municípios, com materiais informativos, de divulgação e de aprofundamento político.

A Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (CNMTR), por sua vez, é composta pelas mulheres que fazem parte da direção da Contag e pelas secretarias (ou coordenações) de mulheres das federações, é quem coordena as ações da Marcha em âmbito estadual, junto às suas respectivas comissões estaduais de mulheres trabalhadoras rurais. Nos municípios, essa atribuição deve ser das secretarias ou coordenações de mulheres dos sindicatos, juntamente com as comissões municipais de mulheres.

Desde a sua origem, a forma organizativa da Marcha não se restringe ao espaço sindical, ela se amplia ao acolher as “organizações



parceiras”. Existem, além da Coordenação Geral, mais dois espaços importantes: a Coordenação Ampliada e a Coordenação Executiva da Marcha das Margaridas.

A Coordenação Ampliada envolve a Secretaria de Mulheres da Contag, a CNMTR e as organizações parceiras, e se constitui um espaço de discussão, debate e decisões que incidirão sobre a construção da Marcha. Nesses espaços, são discutidos e definidos os objetivos, as metas, o caráter, o lema, os eixos temáticos da Marcha das Margaridas e até mesmo a arte que irá estampar os materiais gráficos; aí são definidas as ações e construído o conteúdo dos cadernos de debate e da plataforma política da Marcha (Cf. AGUIAR, 2015, p.139-141). São as definições consensuadas nesse espaço que orientam as ações nos estados.

A Secretaria de Mulheres representa a Contag na Coordenação Ampliada, fazendo a mediação entre esta Coordenação e o conjunto da direção da Contag, nas quais são apresentadas, debatidas e negociadas as decisões ali tomadas.

A Coordenação Executiva, por sua vez, é composta pela Secretaria de Mulheres da Contag, por uma representante de cada uma das cinco regiões do país, e por uma representante de cada uma das organizações parceiras. As representantes regionais são indicadas pela CNMTR e a representa na Coordenação Executiva, de modo que cada região é representada por uma coordenadora regional, com exceção da Região Nordeste, que possui duas coordenadoras regionais, devido ao número de estados envolvidos. À Coordenação Executiva cabe coordenar a execução das ações durante o processo de construção da Marcha das Margaridas

Nos estados e municípios, as Secretarias (ou Coordenações) de Mulheres das federações e sindicatos procuram seguir essa mesma lógica organizativa na medida do possível, adaptando-a às suas realidades e respeitando a autonomia da entidade sindical da qual fazem parte. Nesse sentido, buscam construir diálogos e articulações com as “organizações parcerias” locais, embora nem sempre elas estejam articuladas em âmbito nacional. A elas cabem também a atribuição de fazer o debate político, nos seus respectivos estados e municípios, das estratégias acordadas na Coordenação Ampliada, a partir das

## Marcha das Margaridas

quais são realizadas as ações visando a divulgação da Marcha das Margaridas, a mobilização política e a obtenção de recursos materiais e financeiros, a fim de viabilizar a participação qualificada das mulheres na Marcha.

Alguns estados, por intermédio da Secretaria/Coordenação de Mulheres das federações criam Comitês Estaduais, espaço em que se articula a CEMTR e as “organizações parceiras” para planejar e realizar as ações em preparação à Marcha das Margaridas. No Distrito Federal, formou-se o Comitê das Margaridas com várias organizações e movimentos de mulheres, que tiveram uma importante atuação na organização da Marcha em Brasília.

É importante registrar que os espaços organizativos específicos da Marcha (na sua composição e formato) vão sendo redefinidos à medida que as mulheres compreendem ser importante readequá-los aos desafios de realização da Marcha, conforme o contexto e as metas estabelecidas em cada Marcha.



## O FAZER COLETIVO DA MARCHA DAS MARGARIDAS

A Marcha das Margaridas, em suas diversas edições, se constrói em aliança com outros movimentos sociais, seja movimentos mistos, feministas ou de mulheres, com coletivos diversos representativos da agricultura familiar, centrais sindicais e organizações internacionais, expressando uma capacidade incrível de articulação das mulheres trabalhadoras rurais agricultoras familiares, que ultrapassa as fronteiras que limitam o espaço sindical.

Esses movimentos e coletivos são referidos e se autorreferem como “organizações parceiras” da Marcha das Margaridas. Cada uma dessas organizações (movimentos e coletivos) possui identidade institucional variada no seu formato organizativo, e desenvolve atividades próprias, resguardando assim a sua especificidade como “parceira” e, enquanto tal, essas organizações são convidadas a integrarem a Coordenação Ampliada.

Foto: César Ramos



**Bandeiras das Federações e das organizações parceiras da Marcha das Margaridas 2019.**

Em 2019, somaram-se a essa coordenação mais quatro novas organizações parceiras: Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas Costeiras e Marinhas (CONFREM), Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras Assalariados e Assalariadas (CONTAR) e Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), totalizando 16 organizações. São elas:

- **Marcha Mundial das Mulheres (MMM)**
- **Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB)**
- **União Brasileira de Mulheres (UBM)**
- **Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE)**
- **Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB)**
- **Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS)**
- **Movimento Articulado das Mulheres da Amazônia (MAMA)**
- **GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia**
- **União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária (UNICAFES)**
- **Confederação Internacional de Organizações de Produtores Familiares, Campesinos e Indígenas do Mercosul Ampliado (COPROFAM)**
- **Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras Assalariados e Assalariadas Rurais (CONTAR)**
- **Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas Costeiras e Marinhas (CONFREM BRASIL)**
- **Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ)**
- **Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)**
- **Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB)**
- **Central Única dos Trabalhadores (CUT)**



Além das organizações parceiras, se uniram à Marcha das Margaridas em 2019: a Marcha das Mulheres Indígenas, as organizações do Campo Unitário, organizações de mulheres caiçaras, de pescadoras, de mulheres do cerrado e várias outras organizações e sindicatos urbanos.

Foto: Cecília Figueiredo



### **Mulheres Indígenas na Marcha das Margaridas 2019.**

Assim como nos anteriores, a Marcha das Margaridas 2019 expressou toda sua força social e política, revelando-se uma ação consolidada na trajetória de mobilização e luta das mulheres do campo, da floresta e das águas. A ampliação de parcerias e alianças deu mais peso político à Marcha, demonstra a força política que a Marcha possui, ao se consolidar como movimento de referência para a pressão política necessária ao enfrentamento do cenário atual de combate ao neofascismo e de defesa da democracia.

O trabalho conjunto com as 16 organizações parceiras garantiu a grande representatividade da Marcha das Margaridas, percebida na admirável diversidade de mulheres que ocuparam as ruas de Brasília.

Essa capacidade de articulação e composição de alianças fez com que grandes frentes, como a Frente Brasil Popular e Povo Sem Medo abraçasse a Marcha das Margaridas como uma importante ação naquele ano de 2019. Também fez com que estivessem presentes e em marcha 54 representantes de organizações sindicais e de defesa dos direitos das mulheres de 20 países de todos os continentes. E as vozes da Marcha das Margaridas ecoam pelo mundo!



**Delegação Internacional na Marcha das Margaridas 2019.**

Falando espanhol, inglês, francês e até nepalês, Margaridas da Colômbia, Uruguai, Argentina, Peru, Chile, Bolívia, Panamá, El Salvador, Guatemala, Honduras, Barbados, República Dominicana, Gana, Uganda, Congo, Camarões, Quênia, Nigéria, Níger, Chade, Inglaterra, Espanha, Bangladesh e Nepal compartilharam suas impressões e foram unânimes em dizer que a Marcha despertou nelas a consciência do poder mobilizador das mulheres, assim como a capacidade do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais brasileiro de unir organizações de diversas categorias em prol de uma luta comum (Revista da Marcha das Margaridas, 2019, p.18).

## A MARCHA DE 2019 É ANUNCIADA - LANÇAMENTOS E CHAMAMENTOS

A partir do manifesto *Margaridas na luta por democracia e garantia de direitos*, lançamento no dia 8 de março de 2018, a 6ª Marcha das Margaridas 2019 do campo, da floresta, das águas e da cidade é anunciada para todos os cantos do Brasil e do mundo, um chamado à mobilização e realização.

Foram realizadas ações descentralizadas e atos unificados em todo o país, desde as nossas localidades até as capitais, fortalecendo a unidade dos movimentos feministas, denunciando e reivindicando o direito à previdência social pública universal e solidária, à democracia participativa, com a presença igualitária das mulheres; e uma sociedade livre de violência.

Foto: Arquivo CONTAG



Caminhada durante ato público do 4º Encontro Nacional de Agroecologia, em Belo Horizonte/MG.

Além dessas ações, aconteceram, ao longo de 2018, outras chamadas às Margaridas, tornando-se ferramenta de mobilização e animação da Marcha nos diferentes territórios e espaços políticos. Marcadas por diferentes linguagens políticas, culturais e formativas, as chamadas tinham como objetivo convidar as mulheres a marcharem juntas, pela vida das mulheres e por outras agendas comuns, propostas pela Marcha das Margaridas 2019. Chamadas como as que ocorreram no Fórum Social Mundial (março 2018), no Fórum Alternativo Mundial das Águas (FAMA – março 2018), na Plenária de Mulheres no Acampamento Lula Livre (abril 2018), no Encontro Nacional de Formação da CONTAG (ENAFOR – maio 2018), no 4º Encontro Nacional de Agroecologia (4º ENA – junho 2018), fizeram ecoar vozes de mulheres pelos diversos recantos do nosso imenso Brasil e também dos vários continentes.

## **IR PARA A MARCHA REQUER UMA PREPARAÇÃO: OS DESAFIOS FORAM GRANDES, MAS AS MULHERES NÃO SE INTIMIDARAM**

**“Seguimos em Marcha pelas que nos antecederam, pelas que aqui estão e por aquelas que virão”.**

Os quereres das Margaridas tecidos nos estados mostraram a força e capacidade de mobilização das mulheres. Mas isso requer preparação!

A preparação da Marcha é discutida em âmbito nacional, em dois espaços: na Comissão Nacional de Mulheres da Contag, composta pelas secretárias estaduais de mulheres das federações, Comissão esta coordenada pela Secretaria de Mulheres da Contag; e na Coordenação Ampliada da Marcha. Nos estados e municípios, a preparação obedece a uma lógica semelhante.

E assim, as Margaridas em marcha com beleza, ousadia e criatividade realizaram nos estados, municípios, comunidades uma va-



riedade de ações preparatórias para participação da mobilização em Brasília. Afinal, “**ir para a Marcha**” **requer uma preparação** que inclui atividades conjuntas de divulgação, sensibilização, organização, formação política, mobilização e captação de recursos. Com as ações desde os municípios e estados, foi possível compor um mosaico de diversidades que representa esse imenso país.

Foto: Arquivo CONTAG



### Lançamento da Marcha das Margaridas 2019 na ilha de Marajó (PA).

Para as mulheres que coordenam as ações da Marcha, seja em âmbito nacional, estadual ou nos municípios, “mobilizar” apresenta significados variados *podendo estar relacionados à mobilização de recursos financeiros, à mobilização de mulheres para ir a Brasília, ao engajamento de pessoas numa ação pró-Marcha e à sua divulgação* (Aguiar, 2015, p. 262).

A secretária de mulheres da Contag, assim como cada uma daquelas que representa o seu estado na CNMTR, atua na divulgação

da Marcha dentro do próprio movimento sindical e fora dele, o que implica, para além de anunciar a sua realização, afirmar o seu objetivo, falar e convencer da sua importância, dar a conhecer, levar informações. Elas também se fazem presentes nos eventos promovidos pelas mulheres nos estados, municípios, nos polos, nas regionais, nas microrregionais, desde uma reunião até comemorações festivas. Além disso, promovem encontros, oficinas, reuniões com objetivos diversos, desde aqueles envolvendo a preparação da Marcha propriamente dita até a discussão da plataforma política e dos seus eixos. Elas são “animadoras” do processo e empenham-se em incentivar outras mulheres dirigentes/lideranças a se envolverem na organização da Marcha (AGUIAR, 2015).

Foi intensa a participação da Secretaria de Mulheres em atividades desenvolvidas pelos Sindicatos por meio de cursos, oficinas de formação, discussão dos cadernos temáticos, reuniões e pelo apoio e planejamento da Marcha em municípios, no estado e nacional com intenso comprometimento e empenho. Aconteceram fortes manifestações pela democracia, pelo fim da violência, por uma sociedade justa, livre e igualitária, reforçando o propósito de seguir em marcha.

A conjuntura apontava a importância de se construir um processo potente de formação e debate nos territórios rurais a partir da Marcha, para fortalecer a resistência em defesa da democracia, dos direitos e do projeto de sociedade feminista, antirracista e agroecológico que orienta a luta das Margaridas. Assim, 2018 foi todo dedicado às ações de formação e mobilização, que culminariam em agosto de 2019 no ato da Marcha das Margaridas, em Brasília. Daí então, seguiram-se várias reuniões que traçaram importantes rumos para avançarmos em nossa Marcha.

Por meio de chamadas, reuniões, encontros, seminários, atos, oficinas, marchas locais e uma infinidade de ações, as Margaridas reinventaram seu marchar, deixando um legado formativo significativo que, mesmo com limites, permitiu disputar as narrativas sobre a realidade do país, incidir sobre as eleições de 2018, e debater os desafios do fazer sindical, num contexto de retrocessos profundos.

Nesses espaços, foram discutidos os eixos políticos e construídas ações de multiplicação, para dar visibilidade à agenda política das mulheres trabalhadoras rurais agricultoras familiares no contexto



da construção da Marcha das Margaridas 2019 (Revista da Marcha das Margaridas 2019, p. 8).

Com as Caravanas das Margaridas, várias ações, em âmbito estadual, foram realizadas para debater sobre a conjuntura nacional e seus impactos sobre as vidas das mulheres, e as estratégias de incidência sobre o processo político eleitoral de 2018, de forma a fortalecer a defesa da democracia.

Em janeiro de 2019, aconteceu a Oficina Nacional para construção dos seis cadernos de debate da Marcha das Margaridas 2019, a partir dos temas orientadores dos 10 Eixos Políticos que dão sustentação à Plataforma Política e que pautaram os processos de formação e debates durante a preparação da Marcha.



Diante do cenário político, a estratégia foi ampliar as redes de diálogo. Então, por meio de uma Campanha de Financiamento Coletivo, as Margaridas entraram em outros canais, chegando às pessoas que não conheciam a Marcha, mas que são defensoras das

causas das mulheres do campo, da floresta e das águas. Enfim, a Campanha foi um sucesso de divulgação e mobilização... E ainda alcançamos nossa meta de 80 mil reais, ou melhor, ultrapassamos a meta, chegando a mais de 130 mil reais! Ah... Até a atriz e ativista Leticia Sabatella abraçou nossa campanha e divulgou a Marcha das Margaridas para todo o mundo

**Os desafios financeiros foram grandes, mas as mulheres não se intimidaram.** Pelo contrário: elas se empenharam em suas rifas, bingos, venda de produtos e articulações políticas, além, claro, da enorme solidariedade que prevaleceu em todo o processo. A conquista de um objetivo tão grande só foi possível porque elas se deram as mãos para contornar obstáculos e encontrar soluções.

Só por meio da luta e da ampla mobilização que se fez acontecer a Marcha nas comunidades, municípios e estados, levantando os caminhos que levaram as Margaridas até Brasília, em agosto de 2019, somando a coragem e a ousadia das mulheres do campo, florestas e águas à bravura de todas as mulheres mobilizadas pelo mundo.

## PLATAFORMA POLÍTICA DAS MULHERES DO CAMPO, DA FLORESTA E DAS ÁGUAS

*“A Plataforma Política revela os nossos sonhos, os nossos quereres e a utopia que nos move em direção à transformação da sociedade”* Mazé Morais

A decisão por não elaborar uma pauta de reivindicações para apresentar ao governo federal deu lugar à elaboração de uma Plataforma Política da Marcha. Num cenário em que o governo ataca e precariza a vida das mulheres, não havia possibilidade de negociação. Foi construído um documento (plataforma) que, articulado à conjuntura vivenciada, afirmou as grandes questões nacionais, ao mesmo tempo que não deixou de defender pautas históricas para as mulheres do campo, da floresta e das águas, no que diz respeito às políticas públicas.

A Plataforma Política da Marcha das Margaridas 2019, orientada pelo lema **Mulheres na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência** é fundamentada em 10 Eixos Políticos por meio dos quais são apresentadas





Foto: Regina Santos

### É o querer das Margaridas.

proposições para a construção de um Brasil em que as relações sociais sejam pautadas pela ética, solidariedade, reciprocidade, justiça e respeito à natureza. Por intermédio dela, as Margaridas se dirigiram a toda sociedade brasileira para denunciar a violência, o aumento das desigualdades sociais, regradas nas relações de classe, gênero e raça, as desconstruções e violações de direitos, o corte no orçamento de políticas de assistência social, de saúde, educação, moradia e de incentivo à produção de alimentos, enfim, denunciar o desmonte do Estado Democrático de Direito.

A Plataforma foi elaborada mediante um processo de escuta, diálogos e discussões estabelecidos com pelo menos 30 organizações e movimentos sociais, em encontros e reuniões realizados em âmbito nacional, regional, estadual e na base dos movimentos, envolvendo milhares de mulheres do campo, da floresta, das águas e da cidade, por todo o Brasil, desde os seus locais de vida e atuação. Ela é um instrumento de luta que sintetiza e anuncia o conjunto de proposições defendidas pelas mulheres do campo, da floresta e das águas para a consolidação de um projeto de desenvolvimento rural sustentável e solidário que tenha por base o bem viver.

A Plataforma Política da Marcha das Margaridas 2019 é a expressão de um projeto de sociedade enraizado em princípios feministas. Um feminismo anticapitalista, antirracista e antipatriarcal, que reflete cada uma de nossas realidades, evidenciando a afirmação de nossas tantas identidades. Um feminismo que pauta a igualdade de gênero, a orientação sexual, a autonomia das mulheres, o seu direito de decidir, inclusive sobre o próprio corpo, e de exercer os seus direitos sexuais e reprodutivos e que questiona a centralidade

do mercado sobre nossas vidas. Um feminismo que é construído a partir da reflexão crítica sobre o que vivenciamos como mulheres do campo, da floresta e das águas e que reconhece e valoriza o saber por nós acumulado. Um feminismo que traz a auto-organização e participação política das mulheres como condição para a superação da violência em suas diversas faces e, sobretudo, que valoriza a vida, vinculando a defesa da agroecologia, dos territórios, dos bens comuns e da soberania e autodeterminação dos povos.

É olhando para as contradições, para a violência, a opressão e o racismo que vivenciamos, pelo simples fato de sermos mulheres, que construímos nossas formas de resistência, e a Marcha das Margaridas é uma das suas mais fortes expressões.

Mazé Moraes, Coordenadora Geral da Marcha, nos fala:

*Esta Plataforma é orientada pelo lema da 6ª Marcha das Margaridas e o seu fundamento é expresso em 10 eixos políticos, através dos quais apresentamos proposições relevantes para a transformação do país. Estamos com o coração cheio de esperança e convencidas da nossa contribuição para a construção de um país justo, igualitário e livre de violência (Plataforma Política..., 2019, p. 2).*

## **A MARCHA DAS MARGARIDAS - FORMAÇÃO NA AÇÃO**

A formação político-sindical sempre se apresentou como uma das estratégias fundamentais na organização e luta das mulheres trabalhadoras rurais agricultoras familiares. A conquista da política de cotas e a formação política e sindical caminharam juntas, marcando a trajetória dessas mulheres na luta pela democratização das relações sindicais.

O processo de organização das mulheres no interior do MSTTR e as ações coletivas vindas desse processo, particularmente a Marcha das Margaridas 2000, fomentou o debate sobre a formação política das mulheres como estratégia de organização e avanço das suas lutas e capacitação do quadro de dirigentes, incluindo temáticas e conteúdos como produção, organização político-social, construção



da agroecologia, conquista de autonomia econômica, organização produtiva, comercialização, entre outros.

**Foi nesse contexto que se deu o debate na Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais e comissões estaduais sobre a proposta de uma escola de formação política para as mulheres. Assim, em 2004, durante a 3ª Plenária Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, que antecedeu o 9º Congresso Nacional de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, foi aprovada a proposta de criação da Escola Nacional de Formação da Contag (ENFOC), efetivada dois anos após, em 2006. Desde sua criação, o protagonismo das mulheres na atuação da ENFOC tem sido notável (CONTAG, 2020, p. 17).**

Essas decisões têm significativos reflexos na Marcha das Margaridas. Tanto que a Secretaria de Mulheres Trabalhadoras Rurais, junto com a ENFOC desde a 4ª Marcha das Margaridas, realizam o Curso Nacional de Formação Política para Mulheres, em Brasília, um ano antes da realização do Ato Político da Marcha. Cada estado indica as mulheres que irão participar em cada turma, levando em conta a necessidade de respeitar a diversidade, a participação de mulheres da terceira idade, adultas e jovens, cumprindo a política de cotas.

De lá para cá, já aconteceram três cursos nacionais (2010, 2014 e 2018), realizados em três módulos, em Brasília. Coordenado pela Secretaria de Mulheres e pela ENFOC, o curso, que teve seu projeto político-pedagógico avaliado e aperfeiçoado, orienta-se pelo objetivo geral que é partir do Itinerário Formativo específico das mulheres, alinhado com a construção da Marcha das Margaridas – orientado pelas perspectivas da Educação Popular, feminista, classista e pelos processos de multiplicação criativa – para fortalecer processos que promovam entre as participantes seu autoconhecimento e busca de autonomia como mulheres, cidadãs, dirigentes sindicais e militantes. E ainda potencializar a ação coletiva das mulheres, a participação política autônoma e a construção de práticas sindicais mais democráticas e comprometidas com a igualdade entre homens e mulheres.

O curso é guiado por temas pertinentes às mulheres e ao universo sindical, e segue o processo pedagógico-metodológico da ENFOC. Leva a um olhar para nós, mulheres, enquanto ser humano, mãe,

filha, agricultora, artesã, dirigente sindical, a nos descobriremos nesses espaços que ocupamos na sociedade. Promove uma reflexão profunda sobre nossas vidas e a realidade, quais as nossas alegrias, marcas e dores. O que ao longo da história estamos construindo e como estamos dirigindo as nossas vidas e se, de fato, esse é o caminho que queremos percorrer.

Além disso, dirige um olhar para o universo sindical para melhor conhecermos a história do MSTTR e a participação das mulheres nesta história. É também oportunidade de reflexão sobre a Marcha das Margaridas, sobre o seu planejamento em nível nacional e os desafios que as mulheres terão que enfrentar ao programarem as estratégias de divulgação, parcerias e apoios da Marcha em seus estados e municípios.

Orientado pelo eixo temático “Feminismo, Gênero e Ação Sindical”, o Itinerário Formativo de 2018 articula, atualmente, os três módulos que desenvolvem as unidades temáticas do curso e, entre um módulo e outro, as atividades do tempo comunidade.

- **Unidade Temática I: Sociedade, Patriarcado e a Luta das Mulheres.**

Percurso: Eu com as outras – questionamos as dominações e somamos forças para potencializar as resistências e o agir coletivo.

- **Unidade Temática II: Mulheres, Modos de Vida no Campo e Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.**

Percurso: Nós, mulheres, reafirmamos os nossos modos de vida e somamos força na construção de um Brasil soberano, democrático, justo, igualitário e livre de violência.

- **Unidade Temática III: Mulheres, Vida Sindical, Conquistas, Perspectivas e Desafios.**

Percurso: Nós, mulheres trabalhadoras rurais, agindo coletivamente, reafirmamos o nosso lugar como sujeitos políticos na sociedade e como força política no MSTTR (Bases Político-Pedagógicas do 3º Curso Nacional de Formação Política das Mulheres do MSTTR).



A formação, nesse universo da Marcha das Margaridas, leva ao reconhecimento do ser mulher, de corpos vivos e de subjetividades historicamente silenciadas.

É um espaço amplo de debate que trata de diversos temas entrelaçados como dominação de classe, feminismo, gênero e raça, e possibilita o aprofundamento de conceitos históricos. Antecedendo a 6ª Marcha das Margaridas, o Itinerário Formativo, orientado pela perspectiva de formação na ação, inclui e ressalta:

- **fortalecimento/construção da identidade coletiva dos sujeitos da ação;**

- **a apropriação da ação em sua historicidade e processo;**

- **diálogo sobre as problemáticas abordadas pela Marcha das Margaridas embasadas nos conceitos das unidades temáticas de cada módulo;**

- **elaboração de acordos para o agir no processo de construção da Marcha 2019 (Bases Político-Pedagógicas do 3º Curso Nacional de Formação Política das Mulheres do MSTTR).**

A formação em preparo à Marcha das Margaridas não se dá somente no curso nacional. Acontece de várias maneiras, na base sindical e nos movimentos sociais e instituições parceiras. As Margaridas idealizam, criam, organizam, conforme suas realidades, a melhor maneira de fazer formação de base e divulgação do maior ato de mobilização das mulheres do campo, da floresta e das águas.

**[...] A Marcha das Margaridas é um espaço de formação na ação que apresenta uma dimensão pedagógica feminista. A ela é agregada uma atividade de formação programada: o “Curso de Formação Política para Mulheres” que ajuda na construção de estratégias. A Marcha expressa essa relação intrínseca entre ação-organização-formação nos seus processos formativos (CONTAG, 2020, p. 18).**

É também uma oportunidade para estimular a autocrítica sobre as relações do cotidiano, procurando perceber em que medida essas relações reproduzem o pensamento hegemônico e como lidamos com esse pensamento – reproduzindo ou questionando. Esta formação possibilita a construção de ações e estratégias que integram o processo de mobilização da Marcha das Margaridas 2019.



## CAPÍTULO 5.



# AS DECIDIDAS CHEGAM A BRASÍLIA

# AS DECIDIDAS CHEGAM A BRASÍLIA<sup>3</sup>

**O**s dias que antecedem a Marcha são de muito movimento e cheios de aventuras para as mulheres, pois muitas delas começam a preparar a farofa, galinha caipira, frutas, água, as coisas pessoais, colchonetes e barracas para enfrentar uma viagem de dois a três dias até chegar a Brasília. Muitas delas saem de casa, na comunidade, no assentamento, em vilas, ruas, ribeiras, nos lugares onde moram, pegando barco, carona, alugando carro, levadas até a cidade por familiares e vão pegar o ônibus com destino a Brasília. **É uma semana que movimenta de um jeito diferente as estradas do país.**

A caravana das Margaridas já está conhecida nas BRs do Brasil. As mulheres pensam em “tudo”, por ser uma viagem longa, cuja rota, muitas vezes, é em estradas com pouco movimento, pelas quais passam horas andando sem encontrar uma casa, cidade ou restaurante. Por isso, o cuidado em preparar a alimentação para satisfazer a fome na viagem. Porém o mais importante é a animação dentro dos ônibus, pois as mulheres levam violão, tambores, CDs de filmes ou clipes para animar a turma e o tempo passar com rapidez. Tem aquelas que gostam de contar piadas, recitar um verso, fazer orações, ler livros, enfim, tudo que possibilite uma boa viagem.

Em Brasília, na noite do dia 12, começam a chegar os primeiros ônibus, que estacionam no Parque da Cidade, este todo sinalizado indicando o percurso até onde as mulheres deverão descer com suas bagagens (incluindo os colchonetes), para irem até o alojamento descansar da viagem e renovar as forças para enfrentar um novo dia cheio de atividades. A noite foi muito movimentada, pois não paravam de chegar os ônibus. As pessoas que iam chegando eram orientadas a se dirigirem para o alojamento, recebiam uma pulsei-

• • • • •

<sup>3</sup> Alguns textos da *Revista da Marcha das Margaridas/2019* aqui reproduzidos foram em parte modificados.

rinha que dava acesso ao pavilhão central, conseqüentemente, se “constituindo” em participantes da Marcha das Margaridas.

Os ônibus chegavam sem parar ao Pavilhão do Parque da Cidade. Desde a noite do dia 12 de agosto, delegações vindas de todos os estados começavam a tomar conta do espaço que, ao longo do dia 13, ferveria com agitação de cerca de trinta mil mulheres em diversas atividades planejadas para acontecer até a hora da caminhada por Brasília, no dia seguinte, para a qual ainda se juntariam mais de 70 mil Margaridas que estavam a caminho da capital federal.

Uma grande estrutura atendeu as necessidades de todas e todos, com simplicidade, mas contando com muita colaboração, criatividade e carinho. As mulheres se alojaram e puderam renovar as energias com alimentação saudável, banheiros e local para carregar celulares e outros aparelhos eletrônicos.

Em respeito ao meio ambiente, não foram disponibilizados copos descartáveis, apenas canecas personalizadas para beberem água potável nas torneiras instaladas na caixa d’água com 50.000 litros, que estava sempre cheia (Revista da Marcha das Margaridas, 2019, p. 15).

Foto: Rafael Fernandes



**Chegada das delegações, Marcha das Margaridas 2019.**

## O PAVILHÃO DO PARQUE DA CIDADE TORNOU-SE ESPAÇO DE ACONCHEGO DAS MARGARIDAS

Os dias 13 e 14 de agosto de 2019 foram aguardados com muita expectativa pelas Margaridas. Esses dias se desenharam ao longo de uma caminhada, e se efetivaram com a chegada, credenciamento e acomodação das Margaridas, desde as primeiras horas da manhã. A chegada de ônibus continuava e aumentava. Por vezes eram 3, 4, 5 de uma vez só; ônibus do Nordeste, Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte.

Durante a tarde do dia 13, as atividades se multiplicaram, algumas simultâneas e, no início da noite, houve a abertura política da Marcha. A cor lilás e o chapéu de palha deram cor e vida ao ambiente! E o olhar atento sobre esse momento, no grande espaço em que as Margaridas se espalharam, significou ver a diversidade cultural, a força e determinação das mulheres do campo brasileiro. O dia todo foi assim: chegada de delegações e logo as pessoas se envolviam com as atividades. **O Pavilhão tornou-se, naquele dia, espaço de aconchego** e muita vibração, de muita troca de experiências, de reencontros e reafirmação da luta.

No dia 14, muitas mulheres, que não puderam estar no dia anterior, vieram de avião, carros pequenos ou micro-ônibus. Um grupo de mulheres do Distrito Federal, integrantes de movimentos sociais, sindicatos e de instituições parceiras se envolveu desde a preparação da Marcha e fortaleceu a caminhada.

Uma das preocupações da coordenação da Marcha das Margaridas era em relação à segurança. Diante do atual cenário político, no qual o presidente se declara inimigo das organizações da sociedade civil, quando há uma permanente incitação à violência pelo próprio presidente, Jair Bolsonaro, e sua base contra específicos segmentos da população – mulheres, indígenas, quilombolas e outros – gera um ambiente de legitimação de atos de violência pela população contra estes grupos, e de insegurança. Neste sentido, foi necessário criar condições para que as mulheres marchassem na capital do País em segurança, articulando e construindo alianças políticas pela segurança da Marcha com o envolvimento da Rede Nacional de

Foto: Rafael Fernandes



### **Chegada das delegações, Marcha das Margaridas 2019.**

Advogados/as Populares (RENAP), de várias/os parlamentares do campo democrático e popular. Além de construir estratégias com as mulheres de autocuidado e segurança, com a elaboração de guia de segurança/manual de orientações.

Criar condições para que as mulheres marchassem em segurança, sobretudo em um cenário político de incitação e legitimação de atos de violência, foi um aprendizado importante.

A orientação para o dia 14 era para que as mulheres, já bem cedo, organizassem suas coisas e as levassem para os ônibus, porque, quando terminasse o ato na Esplanada dos Ministérios, iriam almoçar e receber um lanche para voltar às suas casas.

# PROGRAMAÇÃO

## 13 DE AGOSTO DE 2019 (TERÇA-FEIRA)

**A partir das 03h:** Chegada das delegações

**05h às 10h:** Café da manhã

**06h às 18h:** Credenciamento, alojamento e entrega de materiais

**09h:** SESSÃO SOLENE EM HOMENAGEM À MARCHA DAS MARGARIDAS

Local: Plenário Ulisses Guimarães – Câmara dos Deputados

**09h:** MARCHA DAS MULHERES INDÍGENAS

**11h às 13h:** MONTAGEM DA “MOSTRA DE SABERES E SABORES DAS MARGARIDAS”

**11h30:** Almoço

### 14h às 16h30: ATIVIDADES DE CARÁTER FORMATIVO

**Painel temático 1**

**TERRA, TERRITÓRIOS, MARETÓRIOS E BENS COMUNS** Local: Concha Acústica

**Painel temático 2**

**ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES**

Local: Arquibancadas (próximo ao refeitório)

**Tribunal das Mulheres**

**POR PREVIDÊNCIA PÚBLICA, UNIVERSAL E SOLIDÁRIA** Local: Box 1

**Oficina temática**

**SOBERANIA ALIMENTAR E AGROECOLOGIA** Local: Box 2

**Oficina temática**

**CORPO E SEXUALIDADE** Local: Box 3

**Oficina lúdica 1**

**CONFECÇÃO DE MATERIAIS PARA A MARCHA** Local: Box 11

Responsável: Comitê DF da Marcha das Margaridas

**Oficina lúdica 2**

**TEATRO POLÍTICO**

Local: ao ar livre (embaixo das árvores perto do estacionamento 1)

Responsável: Madalenas Teatro da Oprimida

**Oficina lúdica 3**

**BATUCADA**

Local: ao ar livre (embaixo das árvores perto do estacionamento 2)

Responsável: Comitê DF da Marcha das Margaridas

**Oficina autogestionada 1**

**FUNDAMENTALISMO: A PEDRA NO CAMINHO DA NOSSA LIBERDADE E AUTONOMIA**

Local: Box 7 / Responsável: Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB)

**Oficina autogestionada 2**

**SOCIOBIODIVERSIDADE NA PANAMAZÔNIA**

Local: Box 8 / Responsável: Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB)

**Oficina autogestionada 4**

**NÃO QUEREMOS ESMOLA, QUEREMOS ESCOLA E APOSENTADORIA**

Local: Box 10 / Responsável: União de Mulheres Brasileiras (UBM)

**Oficina autogestionada 6**

**MOBILIZAÇÃO E SEGURANÇA PARA ATIVISTAS**

Local: Miniáuditorio / Responsável: Banana Terra

## 13 DE AGOSTO DE 2019 (TERÇA-FEIRA)

### **MOSTRA SABORES E SABERES DAS MARGARIDAS**

Local: área de entrada do Pavilhão do Parque da Cidade

14h às 14h40 **Roda de conversa 1 Vamos conversar sobre as coisas bonitas do seu lugar?**  
15h às 15h40 **Roda de Conversa 2 Vamos conversar sobre o que você tem a contar sobre a Marcha?**

15h40 **Lançamento da Cartilha da Mulher Trabalhadora Rural, com a participação da Deputada Distrital Arlete Sampaio.**

### **ESPAÇO EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE**

Local: Box 6

10h30 às 12h **Roda de Conversa 1 Saúde e Democracia – Defesa do Sistema Único de Saúde – SUS**

13h às 14h **Roda de Conversa 2 Saúde Mental: Pensamento positivo – paz na mente e saúde no corpo**

14h15 às 15h15 **Roda de Conversa 3 Ecofeminismo**

15h30 às 16h30 **Roda de Conversa 4 Terapia Comunitária Integrativa – Práticas Integrativas Complementares**

17h às 18h **Roda de Conversa 5 Corpo, Sexualidade e Prazer**

### **19h ABERTURA POLÍTICO-CULTURAL DA 6ª MARCHA DAS MARGARIDAS**

Local: Palco Principal

### **PLENÁRIAS ORGANIZATIVAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E FEMINISTAS**

21h **ATIVIDADES CULTURAIS** (Apresentações musicais e lançamento do 4º Festival da Juventude Rural)

## 14 DE AGOSTO DE 2019 (QUARTA-FEIRA)

04h **Delegações começam a organizar a bagagem nos ônibus**

05h **Café da manhã**

6h **CONCENTRAÇÃO DA MARCHA DAS MARGARIDAS 2019**

Local: Pista em frente ao Pavilhão do Parque da Cidade

7h **SAÍDA DA MARCHA EM DIREÇÃO AO CONGRESSO NACIONAL**

9h **ENCONTRO DAS MARCHAS DAS MARGARIDAS E DAS MUHERES INDÍGENAS**

11h **ATO DE ENCERRAMENTO** (próximo ao Congresso Nacional)

12h30 **Retorno das delegações para almoço no Pavilhão do Parque da Cidade**

## O 13 DE AGOSTO DE 2019

### CHEGADA DAS DELEGAÇÕES, CAFÉ DA MANHÃ, CREDENCIAMENTO, ALOJAMENTO E ENTREGA DE MATERIAIS



Fotos: Rafael Fernandes

Na manhã do dia 13, logo cedo, começou o credenciamento no espaço junto às barracas que ficavam fora do Pavilhão do Parque da Cidade, com equipes que faziam a inscrição das/os participantes e entregavam o material do evento, orientando as/os coordenadoras/es das delegações sobre a programação e para que mantivessem um bom convívio durante os dois dias do ato.

### CAFÉ DA MANHÃ



## ALMOÇO



## CRENCIAMENTO, ALOJAMENTO E ENTREGA DE MATERIAIS

Pavilhão do Parque da Cidade – Brasília (DF)



Fotos: Rafael Fernandes



## SESSÃO SOLENE EM HOMENAGEM À MARCHA DAS MARGARIDAS

Plenário Ulisses Guimarães/Câmara dos Deputados – Brasília/DF

No dia 13 de agosto de 2019, foi realizada uma Sessão Solene em homenagem à Marcha das Margaridas no Plenário Ulysses Guimarães, na Câmara Federal. A sessão foi requerida pelas deputadas federais Érica Kokay (PT/DF) e Talíria Petrone (PSOL/RJ) e contou com falas que celebraram a importância da participação de 100 mil margaridas na maior mobilização conjunta de mulheres da América Latina. Elas fizeram duras críticas ao atual momento político vivido no país.

Dezenas de parlamentares, assim como diversas líderes de movimentos sociais feministas destacaram a força da mobilização das mulheres rurais, fundamental à atual conjuntura de desmontes de políticas públicas e perda de direitos.



Sessão Solene na Câmara dos Deputados.



Fotos: Luiz Fernandes

Participaram da Sessão Solene a Secretária de Mulheres da Contag e Coordenadora Geral da 6ª Marcha das Margaridas, Mazé Moraes; a Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais; organizações parceiras da Marcha das Margaridas; a coordenadora da APIB e da Marcha das Mulheres Indígenas, Sônia Guajajara; as Deputadas Federais Érika Kokay (PT-DF), Talíria Petrone (PSOL-RJ), Joênia Wapichana (Rede-RR), Benedita da Silva (PT-RJ), além de várias deputadas e deputados que fazem parte da luta pelos direitos das mulheres trabalhadoras rurais.

Sessão Solene  
na Câmara dos  
Deputados.



Fotos: Luiz Fernandes

Mais de 500 mulheres participaram da sessão. Fazia tempo que o Plenário da Câmara, a ‘Casa do Povo’, não recebia a presença popular. Entre os momentos mais emocionantes foi a entrada das mulheres indígenas nas galerias do Plenário, com seus chocalhos e sons de guerra. Outro momento de grande intensidade foi quando as participantes levantaram suas bandeiras de luta, colorindo o espaço com as demandas e quereres das mulheres do campo, floresta e águas. Na oportunidade, realizamos uma mística e entoamos a poesia *Margaridas nós somos*, da poetisa Larissa Delfante, que evidencia nossas identidades e nossas razões para a luta.

## MARGARIDAS SOMOS NÓS!

Mulheres da classe  
trabalhadora

Camponesas

Urbanas

Indígenas

**Negras em sua maioria!**

Agricultoras familiares

Rurais

Quilombolas

Assentadas

**Moradoras de periferias.**

Acampadas

Sem-terra

Assalariadas

Extrativistas

**Suor e luta todo dia!**

Catadoras de mangaba

Sertanejas

Vazanteiras

Caatingueiras

**Saberes populares como um  
legado, uma dinastia!**

Quebradeiras de coco

Raizeiras

Benzedeiras

Geraizeiras

**Ancestralidade vivência.**

Ribeirinhas

Pescadoras

Marisqueiras

Caiçaras

**Mulheres das águas e sua  
sabedoria**

**Guardiãs dos territórios  
e da agroecologia**

**Somos margaridas de raiz e fibra!**



Larissa Delfante  
(LariLuta)

## 1ª Marcha das Mulheres Indígenas.



Foto: Bruno Barreto

### MARCHA DAS MULHERES INDÍGENAS

Esplanada dos Ministérios

Um dia histórico para **as mulheres dos povos originários deste território** que chamamos Brasil. No dia 13 de agosto, foi realizada a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, iniciativa importante para marcar as demandas específicas dessas fortes guerreiras. Com o mote ***Território: nosso corpo, nosso espírito***, a mobilização reuniu cerca de 2.500 mulheres representantes de mais de 130 povos indígenas.

As mulheres indígenas estiveram acampadas e mobilizadas em Brasília, no período de 10 a 14 de agosto de 2019 e, durante os cinco dias, buscaram dar visibilidade às suas ações, discutindo questões inerentes às suas diversas realidades, reconhecendo e fortalecendo os seus protagonismos e capacidades na defesa e na garantia dos direitos dos povos indígenas. Centenas de Margaridas se somaram à Marcha das Mulheres Indígenas no dia 13.

**A Marcha das Indígenas se uniu à Marcha das Margaridas para demarcar a resistência aos retrocessos de direitos conquistados e a luta por uma sociedade mais justa e sem violência.**



Foto: Arquivo CONTAG

### ATIVIDADES SIMULTÂNEAS

Por onde se andasse, havia enormes grupos de mulheres reunidas em intensos debates, compartilhando experiências e histórias, construindo conhecimentos e reconhecimentos a cada intervenção: na tarde do dia 13 de agosto, foram realizadas 15 atividades simultaneamente, nas quais foi possível debater desde o enfrentamento à violência contra mulheres até previdência pública, passando por soberania alimentar, agroecologia e sexualidade. Também houve oficinas de teatro político, de batucada e de confecção de materiais para a marcha, como faixas e cartazes.

As participantes de cada momento tiveram a oportunidade de tecer uma rede de solidariedade mais forte a cada abraço, a cada risada e a cada choro proporcionados nestes espaços de diálogo e reflexão (Revista da Marcha das Margaridas 2019, págs. 17, 18 e 19).

Outra manifestação de grande importância realizada no mesmo dia foi a de professoras/professores em defesa da educação pública e contra os cortes nos orçamentos de Universidades e Institutos Federais. Nessas lutas convergentes por um Brasil justo para todas e todos, as mulheres rurais demonstraram unidade nas pautas e na resistência.

No dia 14, a Marcha das Mulheres Indígenas se juntou à Marcha das Margaridas seguindo até a Esplanada dos Ministérios, marcando um momento potente e de muita representatividade.



## PAINÉIS TEMÁTICOS

### PAINEL TEMÁTICO 1: TERRA, TERRITÓRIOS, MARETÓRIOS E BENS COMUNS

Local: Arquibancadas (próximo ao refeitório)

Responsáveis: CONTAG, ANA, APIB, CNS, CONFREM, CONAQ

Foto: Rafael Fernandes



### PAINEL TEMÁTICO 2: ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Local: Box 5A

Responsáveis: CONTAG, MMM, AMB, UBM, OAB-DF

É com esse sentimento de fortalecer e unir a luta das mulheres que os painéis trouxeram dois debates pertinentes para a vida delas: o Painel 1 – Terra, Território, Maretórios e Bens e o Painel 2 – Enfrentamento da Violência contra as Mulheres.

Os painéis que aconteceram de forma simultânea foram introduzidos com falas relativas ao tema que se relaciona ao cotidiano das agricultoras, quilombolas, indígenas, mães, filhas e às mulheres.

Foto: Rafael Fernandes



Falar da terra está intimamente ligada à origem dessas mulheres, à sua produção e atividade profissional. O território e o maretório acolhem a diversidade cultural do país e há uma vinculação entre os bens comuns e a agricultura agroecológica e tradicional. Tudo isso é história de um povo que se constrói todos os dias, e as mulheres, por muitas vezes, protagonizaram essa história enfrentando o preconceito, a discriminação, o machismo, o patriarcado e principalmente a disputa de terras, a desapropriação indevida do seu lugar de moradia.

Sobre esse tema, há depoimentos importantes que mostraram o despertar de um sentimento de justiça e luta como na fala da Sônia Guajajara: *Há muito tempo a luta indígena deixou de ser só nossa (povo indígena) – é de todos e todas. Não aceitamos ter nosso povo violentado. A conjuntura exige de nós uma ação forte e resistente. Precisamos fortalecer nossa unidade. Juntas!*

O painel dois estava interligado ao um, pois o campo, aqui figurado pela terra, território, maretório, é palco de inúmeras agressões e violência contra as mulheres em todos os sentidos, imposta pela cultura de exploração, dominação e opressão. Ainda se faz necessário continuar a luta por educação, saúde, políticas públicas de investimento na produção e comercialização da agricultura familiar.

Trabalhar e produzir na terra de forma tradicional é comum para as trabalhadoras rurais, bem como aceitar o que foi imposto de geração em geração, a mulher como propriedade da figura masculina representada pelo seu pai, irmão ou marido. Isso gerou um sentimento na sociedade de que as mulheres nasceram para reproduzir e servir aos homens. Esse painel despertou nas mulheres a consciência de que seu corpo é seu e que a sua sexualidade pode ser vivida sem medo com os seus pares, sem agressões.

***Nosso principal território está em disputa, nosso corpo, numa sociedade que reproduz a dominação. Nossa luta como mulher começa pela liberdade do nosso corpo. Somos as vozes de muitas que não estão aqui. Fomos educadas para silenciar. Precisamos gritar, defender nosso território, para que seja acolhido pelas futuras gerações.***

## MARGARIDAS FALAM

O enfrentamento à violência contra as mulheres é um tema que precisa ser debatido em todos os espaços. Inúmeras mulheres são agredidas e espancadas todos os dias, são vistas como propriedades, como mostra a fala da Aires (FETASE):

*[...] no dia em que entendermos que a luta de uma mulher é a luta da outra, nós vamos avançar mais ainda na unidade [...].*

## TRIBUNAL DAS MULHERES: POR PREVIDÊNCIA PÚBLICA, UNIVERSAL E SOLIDÁRIA

Local: Box 6 A

Responsáveis: CONTAG, MMC, AMB, MMM, UBM, MMTR-NE

O tribunal das mulheres em defesa da previdência pública, universal e solidária teve como destaque a discussão sobre a reforma da previdência e seus impactos para as mulheres do campo, da floresta, das águas e da cidade. Diversos depoimentos reafirmaram a luta contra a destruição da saúde e da educação.

O Tribunal Popular das Margaridas discutiu, analisou, julgou e condenou, por unanimidade, a reforma da previdência proposta pelo governo. Para as mulheres, “essa reforma vai levar à indignação e contra ela vai a nossa resistência”.

Fotos: César Ramos



## OFICINAS TEMÁTICAS

### OFICINA TEMÁTICA 1: SOBERANIA ALIMENTAR E AGROECOLOGIA

Local: Box 7A

Responsáveis: CONTAG, FBSSAN, GT Mulheres da ANA

Foi relatado que as mulheres que passaram a produzir nos seus próprios quintais tiveram a experiência de doar alimentos agroecológicos a outras mulheres e destacaram a importância de produzir e consumir alimentos sem agrotóxicos.

Apresentaram um trabalho realizado com sementes crioulas e reafirmaram a necessidade de incentivar outras mulheres a darem continuidade ao trabalho de resgate das sementes crioulas e utilizarem as cadernetas agroecológicas.

Outra questão destacada foi o papel da educação do campo no incentivo à produção natural. É preciso criar oportunidades para que as mulheres do campo e da cidade se conscientizem sobre a importância da soberania alimentar e da agroecologia.



Foto: Rafael Fernandes

#### **Margaridas falam:**

*“O feminismo na agroecologia empodera as mulheres, traz alimento de qualidade para a mesa e a agroecologia exercida pelas mulheres fortalece o feminismo.”*

## OFICINA TEMÁTICA 2: CORPO E SEXUALIDADE

Local: Box 9 A

Responsáveis: CONTAG, AMB, MMM

As mulheres falaram que o que motivou a participação na oficina foi a questão do tabu em torno da sexualidade e do corpo, e saber como trabalhar essa temática com outras mulheres jovens, aprender e partilhar.

Existem barreiras para lidar com o tema da sexualidade. Grande parte das mulheres afirmou que a questão da sexualidade ainda é um tabu em suas comunidades.

Falaram das dificuldades de discutir esse tema nas escolas, casas e grupos. Especialmente entre as mulheres, há o desejo de aprender sobre o tema e poder assim compartilhar com seus grupos.

Discutiu-se também os temas da reprodução, gravidez, direito de interromper a gestação e a necessidade de enfrentar o conservadorismo, desmitificar a falsa moralidade e combater todas as formas de violência, assédio moral e sexual contra as mulheres.

### **Margaridas falam:**

*“Meu corpo sou eu e nós não devemos estar com quem não queremos. O corpo é nosso. É nossa escolha. É pela vida das mulheres.”*





Foto: Arquivo CONTAG

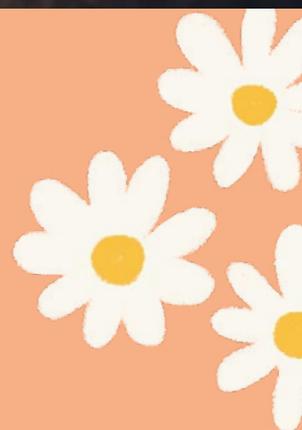
## OFICINAS LÚDICAS

As Margaridas constroem muitos espaços de convivência e expressão cultural durante a Marcha. A produção de cartazes, acessórios e ornamentos diversos fica por conta das Oficinas ou Espaço Lúdico, onde as mulheres do campo e da cidade, adultas, jovens e idosas trocam saberes enquanto trabalham.

As Margaridas puderam participar das oficinas de confecção de materiais para a Marcha, Teatro Político e de Batucada. Com isso, mostraram que as linguagens artísticas e culturais são caminhos de resistência.

A sensação de pertencimento cresce nos momentos de convívio, como por exemplo, a produção de instrumentos de batucada para a Oficina de Tambores ou Orquestras de Latas. Foram recolhidas, com antecedência, latas, cintas e confeccionadas baquetas com pedaços de bambu.

E como foi a Oficina de Tambores de Lata ou da Batucada? O batuque das mulheres é um instrumento para entoar cantos, ritmos e palavras de ordem a partir do cotidiano da vida e da luta das mulheres. A Marcha das Margaridas tem um cancioneiro (conjunto de canções) que é renovado com a conjuntura política. O batuque animava as mulheres e construía uma lógica cultural e política, de fazer a música e tocar as pessoas, sensibilizando-as pela cultura e ludicidade.



Rufando a batucada feminista, com palavras de ordem em sons bem altos, as participantes pintaram suas latas e tambores e fizeram ensaios, parte dos preparativos para ocupar as ruas de Brasília no outro dia, com garra e ousadia! A luta se fortalece!

As mulheres organizadas mudam o mundo todos os dias! Como diz a chamada oficial da Marcha das Margaridas: “[...] estão chegando as decididas, é o querer das Margaridas” Além das oficinas lúdicas programadas, surgiram iniciativas espontâneas, como a de produção de cartinhas. Durante a atividade, foi proposta uma troca de mensagens entre todas as participantes, deixando mensagens de cuidado e força para as companheiras que estavam caminhando lado a lado na luta. Muitas dessas mensagens foram ainda mais longe, voltando como presentes para outras mulheres que não puderam vir desta vez e/ou que estavam cuidando de familiares para que outras fossem adiante e chegassem até Brasília.

**Margaridas falam:**

*“Nós estamos aqui, seu moço fascista, estamos sempre em Marcha, com solidariedade, afirmando também uma luta de resistência”.*

*“É um privilégio compartilhar os espaços e vivências com cada uma das mulheres que estiveram conosco nessa confecção de amor e carinho para aquecer corações. Estamos juntas na luta contínua por um país com dignidade, mais amor e menos ódio.”*

*“Me sinto acolhida e integrada no processo. Trocar experiências de diversos cantos, fazer uma ciranda ao final com mulheres de outros estados, de organizações e partidos é algo que transforma o pessoal.*

## OFICINA LÚDICA 1: CONFECÇÃO DE MATERIAIS PARA A MARCHA

Local: Box 4B

Responsável: Comitê DF da Marcha das Margaridas



Fotos: Arquivo CONTAG



## OFICINA LÚDICA 2: TEATRO POLÍTICO

Local: ao ar livre (embaixo das árvores perto do estacionamento 1)  
Responsável: Madalenas Teatro das Oprimidas

Esse momento foi ocupado por artistas “*do palco e da vida*” que, mediante a metodologia do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, promoveram discussões sobre as opressões enfrentadas pelas mulheres. E, junto com as Margaridas, dialogaram sobre os desafios para superar as opressões e para a luta pela igualdade de gênero.



## OFICINA LÚDICA 3: BATUCADA

Local: ao ar livre (embaixo das árvores perto do estacionamento 2)  
Responsável: Comitê DF da Marcha das Margaridas



## OFICINAS AUTOGESTIONADAS

Nessa última edição da Marcha das Margaridas, foi visto e vivido temas fundamentais para o aprimoramento do conhecimento das participantes, por meio das oficinas autogestionadas.

Foram sete no total: Fundamentalismo: a pedra no caminho da nossa liberdade e autonomia; Sociobiodiversidade na Panamazônica; Violação dos Direitos Humanos das mulheres atingidas por barragens e a luta pela redução da tarifa de energia; **Não queremos esmola, queremos escola e aposentadoria**; Mulheres quilombolas contra o racismo e a violência, pelo bem-viver; Mobilização e Segurança para ativistas; Cuidado e autocuidado entre ativistas.

O ambiente era decorado e organizado conforme cada tema, para proporcionar às mulheres um sentimento de conforto e acolhida. Cada oficina era conduzida com metodologias atrativas e adequadas ao tema e que oportunizasse às mulheres o despertar da fala, do sentimento da troca de suas vivências e seus ideais. Houve oficina que iniciou com fala relacionada ao tema, outras com apresentação das colaboradoras e das participantes, algumas usaram músicas, outras textos e poemas.

Houve também um breve relato das coordenadoras, explicando sobre o funcionamento da organização da qual fazem parte, qual a sua essência e objetivos e coerência com temas centrais da Marcha das Margaridas. Logo em seguida, o desenrolar do tema e momentos de escuta, as falas eram interligadas com a conjuntura atual como: “Nós esperamos que este governo, ainda que obtuso, aprenda com as mulheres; não há como se falar do desenvolvimento do país, deixando de fora as mulheres”.

O sentimento desse depoimento revela que as mulheres são fundamentais para a construção de políticas públicas e para o desenvolvimento do país. E isso está interligado e correlacionado a outros temas, bem como à infância, divisão sexual do trabalho, educação, participação das mulheres na política. Tudo isso saiu das falas das participantes das oficinas. São falas tão lindas e inesperadas, de mulheres simples, mas com uma sabedoria nata adquirida com a vida e o trabalho na agricultura.

Mas o melhor foi escutar que a Marcha das Margaridas é um lugar de encontro e conhecimento, o que elas estavam aprendendo ali ia servir para reproduzir em suas comunidades como mostra o relato de uma margarida, afirmando que vieram para a Marcha porque se sentem representadas aqui, e veem esse espaço como um lugar de fortalecimento. Disse que, como vivem na área rural e não têm tantos espaços de interlocução com outras companheiras, veem a Marcha como um espaço de discussão política sobre a situação que estamos vivendo e de propostas.

Algumas oficinas fizeram, no final, uma avaliação e pediram sugestão para a próxima Marcha das Margaridas.

**Margaridas falam:**

*Estamos gostando muito de estar aqui.*

*Queremos ser respeitadas por toda a sociedade. Nossas pautas são muito comuns com as pautas das Margaridas. Defendemos também os direitos humanos e conectar com as Margaridas é muito importante para nós. Estamos aqui por todas que não vieram.*



Foto: Arquivo CONTAG

**FUNDAMENTALISMO: A PEDRA NO CAMINHO DA NOSSA LIBERDADE E AUTONOMIA**



**SOCIOBIODIVERSIDADE NA PANAMAZÔNIA**

**MULHERES QUILOMBOLAS CONTRA O RACISMO E A VIOLÊNCIA, PELO BEM VIVER**



## ESPAÇO EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Local: Box 14

Em meio ao intenso burburinho, centenas de mulheres cuidaram de seu bem-estar no Espaço Saúde, conhecido como Tenda Paulo Freire. Lá, as práticas integrativas resgataram os benefícios das ervas medicinais, dos chás, das massagens e, claro, do diálogo franco e aberto.

Os cuidados da medicina tradicional também estavam presentes e quem precisou pôde auferir a pressão, temperatura, frequência cardíaca; pôde fazer exame de glicemia, além de contar com uma equipe de enfermeiros, três médicos, mais 15 brigadistas, duas ambulâncias UTIs e dois carros com motoristas (Revista da Marcha das Margaridas, 2019, p. 15-16).

Pela primeira vez, tivemos um volume significativo de profissionais que voluntariamente apoiaram este espaço de saúde e cuidados. A concepção do espaço de saúde foi uma das maiores inovações dessa Marcha. A vivência integrada das dimensões de assistência, cuidados, práticas integrativas e debates problematizou, na prática, o modelo de saúde que as Margaridas querem, valorizando os saberes e realidades reunidos nos territórios. Foi construído em rede com a CONTAG, Fiocruz, Rede Nacional de Médicas e Médicos Populares DF (RNMPDF), Sindicatos dos/as Trabalhadores/as da Fiocruz (ASFOC) e Parteiras do DF, Agricultores/as Familiares e Conselho Nacional de Saúde. O Espaço Saúde se subdividiu em dois espaços que aconteciam simultaneamente:

### ESPAÇO CUIDADO DO CORPO E DA ALMA

Um momento de escuta, saber o que se está sentindo e indicar práticas integrativas.

Neste espaço, havia o médico, as benzedeadas, pessoas qualificadas para fazer a escuta e conversar com as mulheres e os homens que buscavam atendimento.



Foto: Arquivo CONTAG

## ESPAÇO EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Foram realizadas cinco rodas de conversas, que trataram sobre Saúde Mental: Pensamento Positivo – paz na mente e saúde no corpo; Ecofeminismo; Corpo, Sexualidade e Prazer; Terapia Comunitária Integrativa – Práticas Integrativas Complementares; e Saúde e Democracia – Defesa do Sistema Único de Saúde (SUS).

Quem passou por esses espaços se sentiu muito acolhida. Ver e sentir as pessoas cuidando umas das outras é bem interessante. Muitas pessoas saíram com outro sentimento, muitas lembrando seus pais, avós, a infância e adolescência, quando os medicamentos naturais eram usados para curar as doenças. Teve um relato muito interessante: uma senhora de quase 70 anos, ao ser perguntada quando foi que perdeu o contato com as ervas, lembrou que a avó ensinava sobre as ervas quando era mais nova.



Fotos: Arquivo CONTAG



Foto: Arquivo CONTAG

## ESPAÇO: MOSTRA DE SABORES E SABERES DAS MARGARIDAS

### MONTAGEM

Local: área de entrada do Pavilhão do Parque da Cidade

Enquanto tudo isso acontecia, o Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade estava completamente tomado pelas várias caravanas de todas as partes do país que vieram participar da Marcha. Havia muitas mulheres com disposição e criatividade, dando andamento à montagem da “Mostra de Saberes e Sabores das Margaridas”, espaço de identidade e identificação das mulheres mobilizadas em Marcha.

Esse foi um espaço destinado à exposição do trabalho realizado pelas mulheres na base, a exemplo a produção de alimentos (queijo, mel, doces, chocolates, ovos de galinha caipira, etc.) e artesanato (crochê, artesanato de palha, bijuterias fabricadas com sementes, pinturas e outros). Além de ser um espaço de feira no qual as mulheres vendem, trocam ou expõem o que produzem. Na proporção em que elas estão comercializando, falam da sua produção, o lugar onde moram, como é todo o processo de fabricação que aprenderam com as mães, as avós, as mais antigas e que foi passando de geração para geração, e assim



Fotos: Arquivo CONTAG

elas vão ensinando e aprendendo outras maneiras de produzir e percebem que a mesma produção pode acontecer de forma diferente, dependendo da região do país. Sem falar na degustação dos alimentos, sentir o sabor natural do alimento fabricado pela agricultura familiar, por isso leva esse nome: Mostra de Saberes e Sabores.

A Mostra de Saberes e Sabores das Margaridas reuniu dezenas de expositoras de todos os estados, e foi palco para rodas de conversa sobre tecnologias sociais, saberes (roda de conversa 1) e histórias das mulheres rurais e a Marcha das Margaridas (roda de conversa 2). Fortalecendo a emancipação feminina e os laços culturais, a Mostra trouxe grande movimento e oportunidades de trocas reais e simbólicas entre milhares de Margaridas que passaram por seus estandes.



Foto: Arquivo CONTAG

No espaço da **Mostra de Saberes e Sabores das Margaridas**, aconteceu também um momento livre em que as mulheres eram convidadas a falar – de onde veio, o nome, de qual entidade fazia parte, se era agricultora, como era a produção, se de regime de agricultura familiar, individual, cooperativa, e em associações de mulheres, quem trabalhava em outro ramo, se era técnico agrícola, agrônomo, se tinha alguém que trabalhasse com assistência técnica voltada especificamente para as mulheres, quem estava vindo pela primeira vez, quem era veterana – e foi um momento riquíssimo, de muito conhecimento, e as impressões se deram com a participação das mulheres, o entrosamento e envolvimento das pessoas, a curiosidade de quem estava escutando as experiências diversas e de todo o país. Descobrir na fala delas que muitas estavam ali porque, de alguma maneira, foram beneficiadas com políticas públicas reivindicadas pela Marcha das Margaridas, que as tecnologias sociais facilitaram a vida e o aumento da produção das mulheres.

## LANÇAMENTO DA CARTILHA DA MULHER TRABALHADORA RURAL, COM A PARTICIPAÇÃO DA DEPUTADA DISTRITAL ARLETE SAMPAIO

Oficinas, atos políticos, lançamentos de cartilhas e muitas trocas de saberes permearam cada cantinho do pavilhão! Ah! O espaço da Mostra de Saberes e Sabores ficou na história e na memória de cada margarida do campo e da cidade. Teve até o lançamento da *Cartilha da Trabalhadora Rural – Fique atenta aos seus direitos*, como ação propositiva do mandato da Deputada Distrital Arlete Sampaio, em virtude da Lei nº. 6.291 de 23 de abril de 2019, de sua autoria, que cria a Semana da Trabalhadora Rural no Distrito Federal.



Fotos: Arquivo CONTAG

## ESPETÁCULO TEATRAL - VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E SEXUALIDADE FEMININA

Local: Concha Acústica

Esse foi mais um momento de interação e reflexão coletiva sobre o enfrentamento da violência contra as mulheres e a sexualidade feminina por meio do teatro, envolvendo as Margaridas, acolhendo suas vivências, superações, e potencializando os aprendizados.



## ABERTURA POLÍTICA E CULTURAL DA 6ª MARCHA DAS MARGARIDAS

Local: Palco Principal do Pavilhão do Parque da Cidade

A vibração dos tambores do Grupo de Percussão Batalá, formado só por mulheres, anunciou a abertura oficial da Marcha das Margaridas. Era o início de um ato político-cultural, no qual as falas das lideranças eram alternadas com intervenções culturais. (Revista da Marcha das Margaridas, 2019, p. 18-19). Houve um grande cortejo em que as mulheres com bandeiras, estandartes, pirulitos traziam mensagens como: “as mulheres são como água, crescem quando se juntam”; “a nossa chama é o fogo da revolução”; “semear o sonho é transformação, é desafio bom”; “semear a terra para o bem viver” e outras. Foi um momento contagiante!

Fotos: Arquivo CONTAG



Foto: Janes P. Souza



**A coordenadora geral da Marcha das Margaridas, Mazé Morais, diante das milhares de mulheres que, depois de quilômetros de viagem e de participarem de dezenas de atividades ao longo do dia e que ainda demonstravam muita energia diante dos discursos e das apresentações, afirmou que “não foi fácil para nenhuma de nós chegar até aqui, o que faz esse momento grandioso”. A poetisa e militante LariLuta (Larissa Delfante) declamou uma poesia autoral sobre a Marcha das Margaridas, e a artista Luz Bárbara performou um dos mais simbólicos discursos de Margarida Maria Alves.**

O Hino Nacional foi cantado pela indígena Adne Terena, em sua própria língua, acompanhada ao violão por Carol Voigh e Elen. A mesa foi composta pela Diretoria da CONTAG e pela Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, assim como por representantes de diversas entidades nacionais e internacionais e lideranças políticas (governadora, ex-ministra, deputadas).

Falas importantes aconteceram, referenciando pontos centrais para a construção da Marcha das Margaridas, acordados entre representantes de várias organizações e movimentos sociais que compõem a Coordenação Política Ampliada da Marcha, em âmbito nacional. Foram pontuados também aspectos da conjuntura de um Brasil em pleno retrocesso democrático e de retirada sistemática de direitos, principalmente das mulheres, direitos conquistados historicamente pela classe trabalhadora. Foi um momento muito expressivo, as falas mostraram sentimentos de alegria, indignação, resistência e, principalmente, de dever cumprido.

A abertura política deixou uma mensagem do querer das margaridas, tanto para o MSTTR quanto para a sociedade. Suas vozes ecoam em muitas mentes. Cultura e resistência marcaram o ato de abertura da Marcha das Margaridas 2019.

Fotos: Arquivo CONTAG



## ATIVIDADES CULTURAIS

### APRESENTAÇÕES MUSICAIS E LANÇAMENTO DO 4º FESTIVAL DA JUVENTUDE RURAL

Local: Palco principal



Um grande cortejo e uma batucada contagiante: jovens do campo, da floresta e das águas iniciaram, na Marcha das Margaridas, a sua caminhada rumo ao 4º Festival Nacional da Juventude Rural, previsto para abril de 2020, contando com o apoio e união das mulheres trabalhadoras rurais. Em um momento cheio de simbolismo e parceria, a secretária de Jovens da CONTAG, Mônica Bufon, e a secretária de Mulheres da CONTAG, Mazé Moraes, trocaram as camisetas da Marcha e do Festival (Revista da Marcha das Margaridas, 2019, p. 19-20).

Ainda na noite do dia 13, um grande evento foi anunciado pelos movimentos feministas articulados nacionalmente: a realização de um Encontro Nacional dos Movimentos Feministas para 2020. Foi lido o manifesto que anuncia e anima os processos de preparação deste Encontro que ocorrerá em Pernambuco, e já se coloca como momento estratégico de fortalecimento das nossas lutas, capaz de expressar a força política feminista.



*Um encontro capaz de reunir todas as forças coletivas que constroem o feminismo antipatriarcal, antirracista e anticapitalista. Um encontro capaz de mobilizar e ampliar a força política das mulheres para enfrentar o desmonte do Estado, a criminalização das nossas lutas, a violência sistêmica, o controle sobre nossos corpos<sup>4</sup>.*

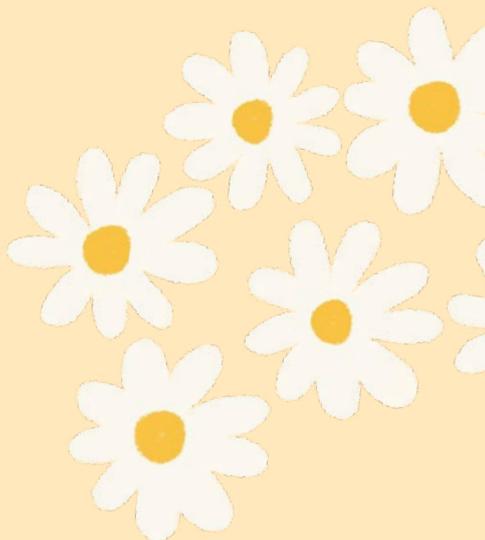


Foto: Arquivo CONTAG

Foi com voz, violão, chapéu de palha, camisa das Margaridas e com muito respeito e admiração que Leticia Sabatella abriu a noite cultural no dia 13 de agosto. Iniciando seu repertório com *Lamento sertanejo*, de Gilberto Gil, a atriz e cantora cativou sua audiência por quase 40 minutos, até encerrar sua participação com uma música composta especialmente para a marcha, *As vozes das Margaridas*. Mais do que grande destaque das atrações culturais, Leticia colaborou ativamente na Campanha de Financiamento Coletivo para a realização da Marcha, reforçando seu engajamento com a luta das mulheres.

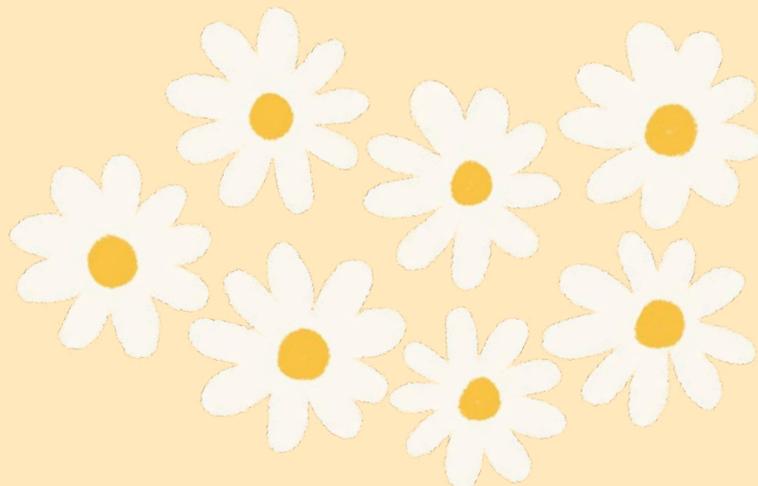
.....

<sup>4</sup> Trecho da carta *Por um Encontro Nacional do Movimento Feminista*, Marcha das Margaridas, 2019.



Foto: Arquivo CONTAG

**A batucada do Fórum das Mulheres de Pernambuco, assim como a música e a dança do grupo Cangaceiras de Lampião, de João Pessoa (PB), mostraram a alegria e o colorido da cultura popular nordestina. A cantora Dany Kryola, de São Paulo, deu o recado do feminismo negro, e a artista brasileira Lívyan Sena, da Cia. Burlesca, também mandaram seus recados às participantes. Foram momentos inesquecíveis para as Margaridas e representantes de organizações parceiras brasileiras e internacionais que juntas celebraram a força e o poder de resistência das mulheres (Revista da Marcha das Margaridas 2019, p. 19-20).**



## 14 DE AGOSTO - É MELHOR MORRER NA LUTA DO QUE MORRER DE FOME!

O céu azul, o esplendor do sol e a amplidão de um espaço matizado por verdes vivos da vegetação do Cerrado que contracenava com as edificações ali implantadas, para abrigar os poderes institucionais brasileiros, constituíram o pano de fundo que recebeu a celebração das Margaridas, 100 mil mulheres em Marcha, mobilizadas em torno do legado de Margarida Alves: **É melhor morrer na luta do que morrer de fome!**

Denúncias e anúncios deram conteúdo à estética possibilitada por corpos livres, recobertos de cores e animados por sons de tambores e vozes. Enquanto se reuniam e se organizavam para atravessar os quilômetros que ligam o Pavilhão do Parque da Cidade à Esplanada dos Ministérios, as mulheres cantavam, dançavam, falavam palavras de (des)ordem, agitavam bandeiras, faixas, cartazes, juntas, em movimento, dando leveza ao ato de marchar.

### MARCHAMOS JUNTAS, RESISTINDO PARA TRANSFORMAR!

Desde o dia anterior, o grande espaço do Pavilhão do Parque da Cidade, além de abrigar atividades diversas e muitas delas simultâneas, armazenava cartazes, alegorias, faixas e estandartes, vindos de todos os estados do país e os confeccionados no DF. Da mesma forma, oferecia seus cantos e recantos para “fazeres” das Margaridas, que reuniam panos, papéis, tintas, pincéis, lápis, colas e bastões e os transformavam em suas artes, as que exibiriam no dia seguinte, juntamente com as vindas de fora, ao marchar e ao falar no 14 de agosto. Grandes momentos, intensas vivências! São Margaridas no Planalto Central.

Na Marcha, podia ser visto o grupo “Abre Alas”. A alegoria feita em chita florida era sustentada por mulheres representando todas as regiões do Brasil que, com seus chapéus de palha e passos firmes, mostravam o campo pisando o asfalto.

Foto: Divulgação



Os ensinamentos, as aprendizagens, tanto no campo da ética como no da política acompanham as Margaridas no espaço público, como atitude de luta, a envolver quem as vê, quem as ouve, quem as acolhe.

**MARGARIDAS NA LUTA POR UM BRASIL  
COM SOBERANIA POPULAR, DEMOCRACIA,  
JUSTIÇA, IGUALDADE E LIVRE DE VIOLÊNCIA!**



Foto: Arquivo CONTAG

A pedagogia construída historicamente na Marcha das Margaridas, por sua vez, revela que a resistência à agressão e a vitória da coragem sobre o medo criam solo firme para abrigar a utopia que, ao juntar-se à esperança, vão desaguar em práticas de transformação.

Foto: Arquivo CONTAG



## OLHA, BRASÍLIA ESTÁ FLORIDA! É O QUERER DAS MARGARIDAS!

O conjunto de denúncias e proposições assumidas pelas mulheres do campo, da floresta das águas e da cidade em 20 anos de atuação como Margaridas, que foram sintetizadas na Plataforma Política da Marcha 2019, se apresentaram em 10 alas e deram unidade à diversidade expressa pela Marcha. As alas mostravam as regiões do Brasil e desdobravam o lema da Marcha em eixos que revelavam a singularidade do contexto e da luta prioritária de cada região.

Essas alas representavam, ao mesmo tempo, uma estratégia e uma metodologia de organização de uma luta comum, que é feminista, que é popular, a luta histórica das Margaridas.

## NORDESTE

### EIXOS:

Por Terra, água e agroecologia;

Por autonomia econômica, trabalho e renda;

Por uma vida livre de todas as formas de violência, sem racismo e sexismo;

Por uma educação não sexista e antirracista e pelo direito à educação do campo.





## SUDESTE

Pela autodeterminação dos povos, com soberania alimentar e energética;

EIXOS:

Pela autonomia e liberdade das mulheres sobre seu corpo e sua sexualidade.



## NORTE

Pela proteção e conservação da sociobiodiversidade e acesso aos bens comuns;

EIXOS:

Por democracia com igualdade e fortalecimento da participação política das mulheres.



Fotos: Arquivo CONTAG



Foto: Bruno Barreto

## CENTRO-OESTE E SUL

EIXOS:

Por previdência e assistência social pública, universal e solidária;

Por saúde pública e em defesa do SUS.



Fotos: Lillian Campo





A culminância da Marcha das Margaridas se deu em ato político com a presença de representantes de movimentos sociais e sindicais, organizações feministas, parlamentares que expressaram seu apoio à Marcha, ao reforçar as bandeiras de lutas das Margaridas. Essa inesquecível caminhada revelou o protagonismo das mulheres do campo, da floresta, das águas e da cidade, que, com ousadia e determinação, ocuparam um espaço público simbólico, mostrando sua força social, política e capacidade de mobilização.

E assim, em 2019, mais uma vez as mulheres do campo, da floresta, das águas e da cidade pisaram no asfalto quente de Brasília. Em meio a uma conjuntura complexa, não apenas em nível nacional, em um momento de muitos desafios para os movimentos sociais, essas mulheres, mais do que nunca, mostraram a sua garra, persistência, energia e vontade de mudar o mundo, uma vontade que se expressa nos diferentes rostos, cores, etnias, idades, e se revela nas diferentes experiências de vida, luta e trajetórias. Todas lutando por um mundo melhor, em meio a gestos de afetos, cuidados e alegrias. Sonho, utopia e muita luta, é assim que as Margaridas marcham e seguem marchando...



**E ao retornarem aos seus estados, levaram consigo a esperança e o compromisso coletivo como a preservação da vida, a luta pela democracia, pela justiça e pelo desenvolvimento sustentável e solidário.**

Foto: Site da CONTAG



## **ESTAR EM MARCHA E SER MARGARIDA - SENTIDOS E SIGNIFICADOS**

A Marcha das Margaridas, como experiência coletiva, compartilha um lugar comum de ser “margarida”, um termo mobilizado pelas mulheres como parte de um conjunto de princípios e ideias constitutivas para promover a ação coletiva, por isso as mulheres sempre (re)afirmam: “Margaridas somos todas nós”.

Ao viver a Marcha como experiência coletiva e subjetiva, as mulheres provocam transformações, não apenas social ou política, mas também uma mudança pessoal. A Marcha é uma luta por significado, mas também sobre diferentes modos de ser.

Trechos dos depoimentos das Coletoras de Memórias dão a dimensão dessa experiência:

*De norte a sul, de leste a oeste, juntas, mostramos diferentes culturas, unidas na luta por justiça e igualdade, mostrando que unidas somos mais fortes.*

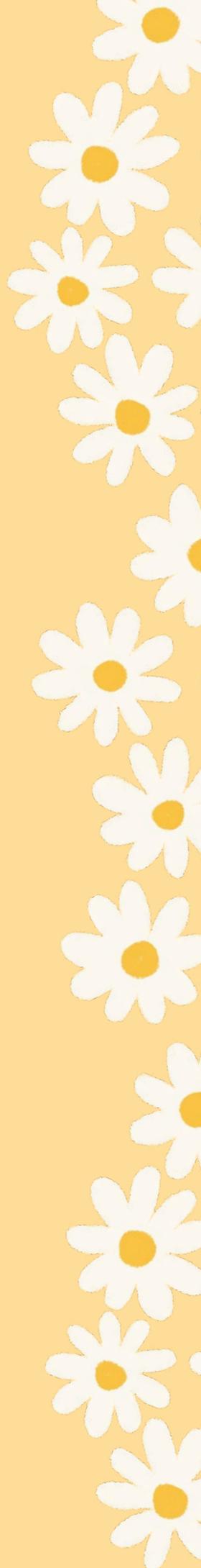
*[...] [A Marcha] une forças que junta a diversidade, solta a voz, tem beleza, poesia, coragem, solidariedade, afeto e, acima de tudo, uma vontade imensa de superar obstáculos e lutar pelo bem viver coletivo.*

*De quatro em quatro anos, juntamos nossas potências nas ruas e, no dia a dia, seguimos em luta construindo resistências.*

*Marcha é um ato de vivência, educação e cultura, oportunidade para trocas.*

*[...] É trocar experiências, escutar quem está à frente da luta, poder coletar cada história.*

*Nessa Marcha cadenciada, vamos ampliando as alianças, vislumbrando horizontes, compartilhando experiências, sonhos, afetos e alegrias.*



***Estar em Marcha é não parar de lutar, seja para conquistar, seja para não perder algo que já conquistamos.***

***[...] ‘em Marcha’ significa atuantes, nas ruas... significa que este movimento não se faz apenas em gabinetes. As negociações são parte do processo, mas elas só têm força porque estamos ‘em Marcha’, nos manifestando nas ruas.***

***Permanecer em Marcha nada mais é que permanecer viva... O grito ensurdecedor que emana da boca das mulheres é: ME DEIXEM VIVER!***

***[Estar em Marcha...]É ter em mãos o bastão da fala e não deixar calar a voz de tantas Margaridas que foram reprimidas ou até perderam suas vidas na luta por direitos.***

***[Marchar é] Quando a fala de uma Margarida chega até outra, dizendo que ela tem o poder de mudar a sua realidade, a sua comunidade, o seu bairro, o espaço em que vive e atua, proporciona emancipação e libertação.***

As mulheres em marcha se anunciam “margaridas”. Ser uma Margarida é algo que identifica a luta, sua luta, a luta por direitos, por cidadania, a luta por espaços de poder e tantas outras lutas.

***Margaridas são todas as mulheres que lutam; que têm coragem pra lutar; que sofrem, são oprimidas, mas que são movidas pelo sonho de construir uma sociedade menos desigual***

***Somos todas Margaridas quando nos reafirmamos nessa luta, seja nos pequenos espaços do lar ou frente à sociedade que insiste em menosprezar a voz das mulheres.***

O nome Margarida tem um significado simbólico fundamental, que é capitalizado no campo político, e remete à ideia de força, coragem, luta e sofrimento. Estas ideias estão presentes tanto nos “discursos políticos” propriamente ditos, quanto nos cantos e nas poesias, expressões utilizadas como forma de denúncia, de encorajamento para animar.

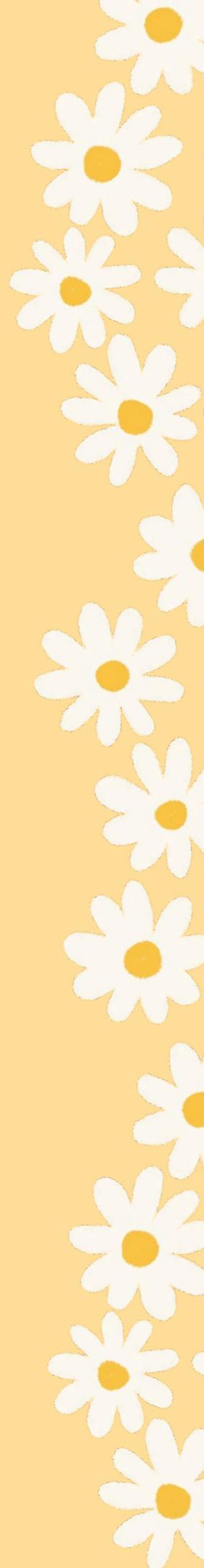
***Ser Margarida significa resistência, coragem, dignidade, humanidade, pensar e lutar pela sociedade como um todo.***

***Ser Margarida é erguer a cabeça e seguir em frente, buscar novos horizontes, sempre atentas aos novos desafios, sem medo de assumir uma identidade e de lutar por objetivos compartilhados.***

***Ser Margarida é ser resistência, é se afirmar classe trabalhadora. É ter na alma a vontade de lutar pela melhoria da vida das mulheres do campo, da floresta e das águas. É mostrar resistência diante das novas gerações.***

***Ser Margarida não é apenas não ter medo, mas é enfrentar o medo com coragem e determinação, é bater de frente com um sistema que desconsidera a vida e a boa relação humana, animal e ambiental, é ir na contramão do capital e fortalecer a produção agroecológica e familiar, a economia solidária, a promoção da saúde alternativa; é criar-se e reinventar-se a cada dia e estender a mão à próxima que enfrenta o mesmo caos, mesmo em situações adversas.***

Mas ser uma “Margarida” é também ter a disposição e coragem para continuar lutando, como era proferido nas ruas os “gritos de desordem”: “Margarida, Margarida, essa marcha tem teu nome, melhor morrer na luta do que morrer de fome”.



Para as Coletoras de Memórias:

***Margarida Alves foi um exemplo para as mulheres do campo, da floresta e das águas, não fugiu da luta e morreu por ela. Sua força e resistência inspiram a luta feminista, mostrando que é possível resistir à exploração, dominação e todas as formas de violência, lutando por igualdade, autonomia e liberdade para as mulheres.***

***Margaridas são Mulheres que lutam... É fazer ressoar a voz de Margarida Alves.***

Margarida Alves é utilizada como referência para justificar a permanência das mulheres na luta, referência que as mobilizam e impulsionam a participarem da Marcha

***Eles tentaram (e ainda tentam nos enterrar), mas não sabiam que nós éramos sementes. E nos espalhamos por todos os cantos desse país e do mundo. E, inspiradas em Margarida e em tantas outras que tombaram e ainda tombam diariamente, nós marchamos. Há 20 anos, respiramos luta! Ser Margarida é nunca desistir. É ter na alma a vontade de lutar.***

Os trechos dos depoimentos das Coletoras de Memórias enunciam falas de mulheres de diferentes movimentos. De diferentes maneiras, elas fazem referência à Margarida Alves, ao falar de sofrimento, opressão, do envolvimento em projetos coletivos de sociedade, de modo que a luta por direitos acaba se traduzindo por direito à vida. As falas sobre essa liderança feminina, morta em decorrência de conflitos com usineiros, são utilizadas para inscrever a sua presença nas práticas e estratégias no interior da organização de mulheres.

***Ser Margarida, após anos de Marcha, significa ser mulher e feminista, comprometida com a luta pelo fim de todas as opressões que acometem as mulheres trabalhadoras, entre essas, as do campo, das águas, das florestas e das cidades.***

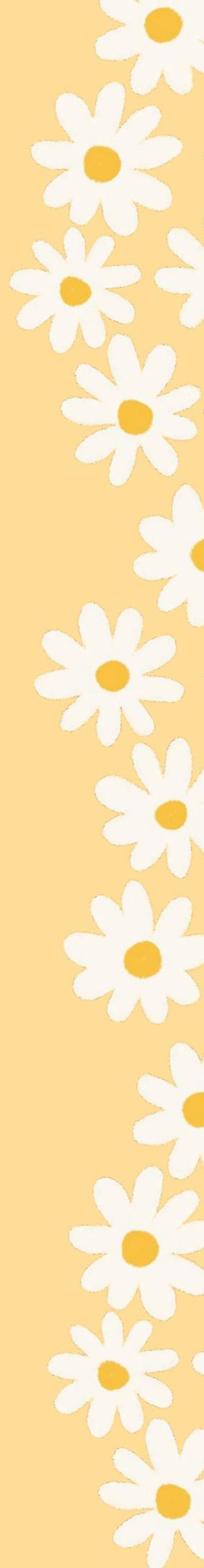
*As mulheres, ao longo da história, sempre foram reprimidas, escravizadas, usadas, submissas. Porém, em cada época, em cada contexto tem uma mulher que desafiou as regras, as normas e as imposições e Margarida Maria Alves foi uma delas. Em meio a uma conjuntura difícil, decidiu buscar autonomia e direitos para si e para aquelas pessoas que representava, se tornou uma mulher de luta e resistência. Sua voz foi silenciada, porém ressurgiu em um grito que ecoou de norte a sul desse país, que fez florir o campo e a cidade, transformou vidas e comunidades.*

Margarida Alves transita pelos tempos e passa a atualizar continuamente os significados e sentidos para a luta das mulheres do campo, da floresta, das águas, e das cidades.

*Somos todas Margaridas quando não aceitamos as mazelas sociais que insistem em nos aprisionar, calar e amedrontar, de seguir em frente na busca constante dos sonhos, de uma utopia ou ideal.*

*Ser Margarida é transformar-se, é ir de encontro ao que oprime, lutar por um mundo melhor, cuidar de si e das/os outras/os. Ser Margarida é uma semente que, plantada, cresce e finca suas raízes para as mudanças de vida, de realidades.*

*Assim, como pétalas de margaridas, vamos ao longo da Marcha nos juntando, resistentes e transformadoras com coragem, pois, juntas, somos fortes; juntas, a voz ressurge e ecoa num único grito que faz florir o campo e a cidade, que transforma vidas e comunidades. Um caminho de despertar, de lutar por uma sociedade igualitária e livre. Nunca desistir. Nunca silenciar. É a resignificação de que somos gente. É ter brilho no olhar. É lutar bravamente pela vida, pelo território, pelo direito de existir e de ser o que quisermos SER.*





## CARTA DAS MARGARIDAS AO LULA

Foi com esse sentimento de nunca desistir, nunca silenciar, que as Mulheres da Marcha das Margaridas resolveram escrever para Lula que se encontrava preso injustamente na carceragem da Polícia Federal em Curitiba, desde 7 de abril de 2018. Lula se preparava para concorrer às eleições a presidente da República em 2018, e as pesquisas já apontavam que ele teria reais chances de vencer. Segue a referida Carta na íntegra, seguida da resposta de Lula às mulheres da Marcha das Margaridas já reunidas em Brasília.

***“Seremos 100 mil mulheres em Brasília nos dias 13 e 14 de agosto, lutando por democracia e justiça. Assim, estaremos nas ruas por sua liberdade e legado, Lula, afinal, como você mesmo nos falou: ‘Eles jamais conseguirão deter a chegada da primavera’.”***

## CARTA DE LULA ÀS MARGARIDAS

*“Queridas Margaridas,*

*Fiquei muito feliz em receber a carta de vocês, e saber que a Marcha das Margaridas segue forte, na luta por mais direitos e um Brasil mais justo para as mulheres do campo, das florestas e das águas.*

*Estávamos começando a construir um país melhor, com inclusão social, um país filho da democracia, da liberdade de pensar, de falar, de se organizar e escolher seus governantes. Um país onde nenhuma mãe teria o sofrimento de não ter o que dar para o seu filho comer. Onde a energia elétrica chegue em todas as casas. Onde quem quer trabalhar no campo tenha terra para plantar, apoio para a colheita e a venda dos frutos do seu trabalho. Onde as famílias tenham casa própria. Onde os jovens tenham oportunidade de estudar, de fazer uma faculdade ou um curso técnico. Onde as pessoas tenham oportunidade de emprego e vida digna. Onde as mulheres estejam protegidas da violência doméstica pela Lei Maria da Penha. Onde as pessoas possam sorrir.*

*Para cada objetivo desse, da dignidade que nossa Constituição promete ao nosso povo, criamos programas sociais, políticas públicas, ouvindo a população, movimentos sociais e especialistas. Bolsa Família, Luz para Todos, Minha Casa Minha Vida, Reforma Agrária, Cisternas, Programa de Aquisição de Alimentos, apoio para cooperativas agrícolas e de extrativismo, Prouni e FIES, Brasil Sorridente, valorização do salário mínimo. Todos no mesmo sentido e objetivo: cuidar e promover a dignidade do povo brasileiro, nossa soberania, solidariedade, dignidade e independência.*

*Simple, não? Mas cuidar de quem precisa parece que incomoda certas pessoas.*

*Procuramos governar com a generosidade de uma mãe, que cuida de todos, protegendo os mais fracos. Agora o Brasil é governado pelo ódio e loucura daqueles que falam fino para os poderosos, mas fingem-se de valentes contra os indefesos.*





*Por isso mesmo eu quero muito cumprimentar a coragem verdadeira dessa marcha que leva as mulheres do campo para verem e serem vistas pelos poderosos de Brasília. Olhem bem para eles. E que eles enxerguem o povo da nossa terra a quem devem respeito, para quem deviam trabalhar e proteger a nossa soberania.*

*Queria estar com vocês mais uma vez na marcha. Será que outros presidentes que não os do PT marcharam com as mulheres do campo? Mas mesmo que eles coloquem paredes para me impedir de estar aí fisicamente, continuamos juntos, lado a lado, nessa marcha.*

*Esse momento difícil de hoje passará. Ele não é fim da nossa caminhada. Ele é apenas uma pausa na construção do Brasil que queremos: justo, com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência.*

*O povo brasileiro voltará a ser tratado com o respeito que merece. As mulheres da nossa terra voltarão a ter o respeito e carinho que merecem. O ódio não vencerá o amor. O medo não vencerá a esperança. A grosseria não vencerá a solidariedade.*

*Obrigado pelo abraço, pelo carinho. Sigamos em frente, sem medo de sermos felizes. As margaridas chegaram e eles não têm como deter a primavera.*

*Viva as Margaridas!  
Viva o Brasil!  
Viva o Povo Brasileiro!*

*Luiz Inácio Lula da Silva”*

# MARGARIDAS FALAM

VIVAS, LIVRES E NA LUTA POR DIREITOS

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NÃO É O MUNDO QUE A GENTE QUER  
A NOSSA ARMA É O AMOR

MEXEU COM UMA, MEXEU COM TODAS

POR UM MUNDO SEM MEDO DE VIVER

MULHERES EM DEFESA DE SEUS TERRITÓRIOS

ÁGUAS PARA A VIDA! MINERAÇÃO É MORTE!

AS MARGARIDAS DA RESISTÊNCIA NASCEM DA LAMA #SomosTodasAtingidas

AS MULHERES SÃO COMO ÁGUA, CRESCEM QUANDO SE JUNTAM!

ÁGUA É PRA PLANTAR, BEBER E LIMPAR, NÃO PRA LUCRAR

MULHER, ÁGUA E ENERGIA NÃO SÃO MERCADORIAS

JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR CONSTRÓI O PODER POPULAR



**A CIDADE É NOSSA! A RUA É NOSSA! O CORPO É MEU!**

**MULHERES NA LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA**

**A NOSSA LUTA É TODO DIA, SOMOS MEMÓRIAS DA AGROECOLOGIA**

**SEM FLORESTA NÃO HÁ VIDA**

**O BRASIL É QUILOMBOLA. NENHUM QUILOMBOLA A MENOS**

**AGROECOLOGIA PROMOVE SAÚDE. AGRONEGÓCIO É VENENO**

**MULHERES QUEREM AUTONOMIA E LIBERDADE**

**LEGALIZAR O ABORTO. DIREITO AO NOSSO CORPO!**

**MEU CORPO! MINHAS REGRAS! NOSSAS ESCOLHAS!**

**AGROTÓXICO MATA**

**NOSSO TRABALHO REPRODUZ A VIDA**

**MULHERES NA LUTA PELA VIDA**



# MARGARIDAS FALAM

CHEGA DE CALAR. QUEREMOS AUTONOMIA E DIREITO A TRABALHAR

NOSSO TRABALHO SUSTENTA A ECONOMIA! NÃO À REFORMA DA PREVIDÊNCIA

MACHISMO MATA TODOS OS DIAS

O FEMINISMO NUNCA MATOU NINGUÉM. FEMINISMO É REVOLUÇÃO

RACISMO MATA

BASTA DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

ESCOLA COM MORDAÇA É DITADURA

MULHERES CONTRA O FASCISMO

EDUCAÇÃO DO CAMPO É DIREITO E NÃO ESMOLA

MARGARIDAS EM DEFESA DO SUS

DEMARCAÇÃO JÁ

AGRICULTORAS FAMILIARES GUARDIÃS DOS SABERES E DAS SEMENTES

SEGUIREMOS EM MARCHA ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES



## CAPÍTULO 6.



**ENTREVISTAR,  
"COLETAR MEMÓRIAS",  
UM ESFORÇO  
RECOMPENSADOR!**

## ENTREVISTAR, "COLETAR MEMÓRIA", UM ESFORÇO RECOMPENSADOR!

**E**ntrevistar, coletar memória, que tarefa complicada, mas que esforço recompensador! “Quando meu celular já não dava mais conta de filmar e gravar, porque a bateria se foi, peguei o do meu companheiro e continuei registrando o que podia” (Beth). As decisões tinham que ser tomadas na hora certa, sem vacilar. “No formulário que usamos, para registro, nem sempre cabia tudo o que queríamos registrar” (Beth). Cada cantinho recebia, então, uma palavra ou frase, registros que considerávamos importantes para a sistematização, complementados pelas gravações.

Às vezes ficava meio confuso, mas fizemos o que pudemos. E tínhamos que nos lembrar que nosso trabalho devia seguir um foco ou eixo temático, com perguntas que nos orientavam. A sistematização demanda isso. Na hora de organizar o que colhemos, o eixo da sistematização e as perguntas devem estar presentes, a orientar nossas produções. Porém, nem sempre foi possível responder a todas as perguntas elaboradas quando traçávamos o projeto da sistematização, porque o movimento da prática social nem sempre é previsível. A dinâmica da sistematização leva, portanto, a ajustes no foco traçado em projeto. Especialmente quando a sistematização acontece em processo.

Isso constatado, ajustamos as perguntas orientadoras e organizamos o conjunto de falas coletadas durante a marcha, falas que compõem este capítulo.



## COMO AS MULHERES SE APRESENTAM E SE CONSTROEM COMO MARGARIDAS, A PARTIR DA MARCHA?



### **Vilma - MG**

*Vim com o pessoal do CTB, Central dos Trabalhadores do Brasil; é a segunda vez que eu venho à Marcha e sempre que tiver um jeito especial pra vir, entrar na luta como na Marcha das Margaridas e em outros eventos, estamos aqui juntas.*



### **Rose Braga - MG**

*Estou aqui em Brasília pela primeira vez, participando da Marcha das Margaridas com a minha amiga, presidente da ASMIG, Mães de Minas, que faz um trabalho social, adorei a Marcha, adorei tudo e, se Deus quiser, estarei aqui de novo.*



### **Vilani Oliveira - DF**

*Sou Presidenta da Confederação Nacional dos Servidores Públicos Municipais e, como servidores municipais, nós estamos naquele território que é o município onde as políticas públicas acontecem ou não acontecem. Mobilizamos toda a nossa base para estarmos aqui fortalecendo a Primeira Marcha das Mulheres Indígenas e a Marcha das Margaridas. Somos Margaridas urbanas. Portanto estarmos aqui é reforçar a importância da demarcação de terras e o respeito às vidas dos povos indígenas e fortalecer a Marcha das Margaridas, que é o maior movimento que existe na América latina.*



**Sandra Silva - São Luiz, MA**

*Eu sou do Fórum Maranhense de Mulheres. As mulheres do Maranhão trazem uma pauta contra a reforma da previdência para denunciar a violência no campo, a violência contra os Quilombolas, contra os Indígenas. O Maranhão está na luta. Vamos unir as mulheres para que nós sejamos Margaridas ouvidas. Margarida vive, Margarida presente.*



**Raimunda Andrade - Bacabal, MA**

*Vim em busca da Marcha das Margaridas, numa viagem maravilhosa, estamos aqui lutando por esse direito de nossas mulheres né, nós vivemos é da lavoura e tá muito difícil. Margarida Alves! Presente!*



**Rosa Amélia - MG**

*Adoro a Marcha das Margaridas porque é uma luta de todas as mulheres, cada uma lutando pela vida da outra e todas lutando por todas, contra a retirada de direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras.*



**Juliana Silva Franco - Jaíba, MG**

*Foi a primeira vez que eu vim aqui e gostei muito, e tive oportunidade de conhecer pessoas, assim, foi muito bom pra mim, não conhecíamos Brasília, só via pelas fotos e hoje tá todo mundo alegre, daqui a quatro anos estaremos aqui novamente, se Deus quiser.*



**Gabriela Comigado - RS**

*Tenho 18 anos, vim com a caravana lá do Rio Grande do Sul, sou da cidade de Ibirapuitã. É importante mostrar que desde os mais novos, desde a criança tem que tá participando de movimentos como esse. A Marcha das Margaridas começou antes d’eu nascer e ela tem uma representatividade tão forte que está mostrando que somos apenas sementes que foram plantadas desde aquela época. Assim como Marielle, que precisou ser morta pra criar uma representatividade no nosso País, Margarida Alves foi morta também e até hoje continua distribuindo as suas sementes. Trará maiores Marchas daqui pra frente, seremos resistência. Margarida Alves! Presente!*



**Graça Costa - CE**

*Sou funcionária pública municipal da cidade de Quixadá e tô aqui, na Marcha das Margaridas mais uma vez, pra reafirmar a força, a energia feminina e feminista das mulheres municipais, das mulheres da Central Única dos Trabalhadores e Trabalhadoras, na defesa da educação, do serviço público de qualidade, da soberania nacional e, principalmente agora, na defesa da democracia em risco nesse momento com todas as ameaças colocadas por esse governo golpista. Nós mulheres estamos sendo protagonistas da primeira Marcha das Mulheres Indígenas, mulheres do campo, das águas, da floresta, das cidades e as mulheres indígenas aqui em Brasília, em defesa do nosso País e dos nossos direitos. Beijo no coração de todas.*



**Eliana Silva - Franco, MG**

*Nós somos da cidade, de Jaíba, MG. É a primeira vez que participamos da Marcha das Margaridas. Nós gostamos muito, a viagem teve um probleminha no ônibus, mas resolveu. Se Deus quiser, daqui a quatro anos estaremos aqui novamente.*



**Eliete - Ibirapuitã, RS**

*É a primeira vez que viemos pra Marcha das Margaridas, achei muito bom, maravilhoso, por mais que deixei minha família, deixei meu marido, minhas filhas que ficaram batalhando pela agricultura. Ter nossa convivência, eu adorei muito vir pra cá. Margarida Alves! Presente!*



**Eliene - Pompeu, MG**

*Eu vim pra Marcha das Margaridas porque eu já estou na luta do movimento de Pompeu. Sou do Movimento Negro e achei que é uma luta bacana e que a gente não pode deixar morrer a luta da igualdade racial. Veio nos apoiar o organizador da viagem, o Augusto, diretor dos jovens e mulheres no Sindicato de Pompeu.*



**Fátima -  
Presidente Médice, MA**

*É a primeira vez que estou participando da Marcha das Margaridas, pra mim foi muito gratificante, apesar do cansaço, agora estamos aqui, de pé, mas se tiver no outro ano estarei aqui de novo, para representar minha categoria de Agente Comunitária de Saúde.*



**Aline - Nova Devas, PR**

*Sou assistente social, estou participando pela primeira vez da Marcha das Margaridas e estou achando sensacional todo o movimento de luta, de resistência das mulheres. Eu acredito que em uma sociedade o que é mais importante mesmo é a luta das mulheres. Nós somos maioria, uma maioria de guerreiras, uma maioria de forças, então a Marcha das Margaridas está sendo muito importante pra aprendizado, pra luta mesmo, e eu acredito que vou sair daqui muito mais forte, mais resistente. Margarida Alves! Presente!*



**Carmem - Ceará**

*Estamos aqui nessa audiência para fortalecer a Marcha das Margaridas e também para dizer que cada dia é uma resistência a esse governo e à política do governo e que nós queremos é soberania, é o mundo sem violência, então é importante a Marcha, tanto das Indígenas, que demarca territórios, que determina suas vidas, que determina inclusive seu local de sobrevivência, como também a Marcha das Margaridas. Como mulher urbana, a gente vem pra fortalecer, porque também somos parte dessa grande Marcha que é a maior representação de mulheres aqui da América Latina. É dever nosso estar aqui embarcando na luta, estar fortalecendo e fazendo inclusive esse espaço, um espaço de fala das mulheres porque é resistência, fortalecedor, fazer parte desse momento histórico. Um forte abraço a todos e todas.*



**Celina - Belo Horizonte, MG**

*Sou secretária Nacional de Mulheres da CTB, uma das parceiras dessa Marcha. Desde que começou, nós estamos construindo juntas com muito estresse, com muita angústia, mas chegamos ao final dela com o dever cumprido. Uma bela Marcha, mais de 80 mil mulheres nas ruas, lutando por seus direitos, contra a violência e contra essa conjuntura tão difícil que nós estamos vivendo, homens e mulheres. O presidente do Brasil está retirando nossos direitos mas, com certeza, nós, Margaridas, não sairemos da luta enquanto nossos direitos não forem aprovados. Margarida Alves! Presente!*



**Leocádia - Bacabal, MA**

*Sou quebradeira de coco, trabalho na roça, cuidado dos filhos, dos netos e de minha mãe. Minha vida foi difícil, quebrando coco pelos matos e no trabalho na roça pra criar meus filhos. Deixava os meninos em casa só com feijão aferventado e, quando dava hora de comerem, eles colocavam nos pratos e comiam. Eu quando chegava em casa, ia pisar arroz pra fazer a janta e comer com quiabo frito que meu marido pegava. Foi difícil, mas enfrentei até agora, e criei meus 5 filhos na maior dificuldade e hoje estou aqui contando a minha história. Esta viagem pra Marcha das Margaridas foi através do sindicato das quebradeiras de coco, escolheram as pessoas de cada lugar, aí me colocaram, e pra chegar até Bacabal, onde ficam os ônibus, temos que ir de moto. Chegar até aqui foi cansativo, mas eu adorei. Chegando aqui foi bem complicado, até que conseguimos organizar lá dentro do pavilhão, demorou, mas ficou tudo muito bom e pretendo voltar aqui muitas vezes ainda. Já vim aqui por duas vezes e desejo ainda vir mais.*

## O QUE SIGNIFICA A MARCHA DAS MARGARIDAS, COMO AFETA AS VIDAS DAS MULHERES QUE DELA PARTICIPAM E OS ESPAÇOS ONDE ATUAM?



### **Virginia - RJ**

*Sou da Executiva Nacional da CUT do Rio de Janeiro, estou aqui em solidariedade às Margaridas, as Margaridas do campo, das cidades, as ribeirinhas das águas pra esta grande Marcha mudar a vida das mulheres, pra dizer às mulheres que nós queremos um trabalho digno e decente. É isso, viva as Margaridas!*



### **Raíssa - PE**

*As impressões da Marcha é que a causa é muito justa e é uma luta realmente diária. Em outros tempos, a gente pode reivindicar outras pautas, mas precisa de um evento tão grandioso, que se torna muito cansativo, fisicamente e emocionalmente, porque são muitas atividades, mas é importante, acho que deve acontecer, porque é uma pauta necessária. Marielle Vive! Lula Livre.*



### **Ozena - AP**

*A Marcha das Margaridas significa tudo nas nossas vidas, porque é um símbolo de resistência. A Margarida foi uma sindicalista, eu sou sindicalista, nós moramos na capital, mas nós sabemos da importância da luta que é de uma mulher trabalhadora rural, aquela que é a grande mulher, que vive lá na roça, que acorda cedo, que amamenta os filhos e faz de tudo. Então pra nós a Marcha é tudo. Margarida Alves vive!*



**Maria Mirtes - MA**

*Moro no interior do Maranhão, em uma comunidade de 60 famílias, a 22Km de Bacabal. Viemos em Marcha, em um ônibus com 48 mulheres e mais de quatro mil mulheres do Maranhão, em 78 ônibus. Eu moro em uma comunidade, sou camponesa, mas também vivo em uma pequena cidade que vou todos os dias e volto porque eu trabalho com idosos, na defesa do social com essas pessoas. Estamos aqui, em busca de melhorias, de respostas pro nosso futuro porque literalmente a mulher é maioria, ela é superação, ela é força muito grande e nós buscamos muitos direitos. Se nós não ganharmos todos hoje, nós vamos buscar pra o amanhã, então, a gente vem. Já tinha vontade de participar e pretendo não parar enquanto viver, enquanto a Marcha continua, eu acredito. Eu sou Maria Mirtes Alves Margarida Presente do Maranhão!!!*



**Elza - Piabirú, PR**

*Tô muito feliz de poder participar desse evento da Marcha das Margaridas. É um modo de a gente preservar a memória de Margarida Alves, ela que começou essa luta e do sangue dela, derramado no chão, brotou esses milhares de Margaridas que aqui estão, e pra gente dizer que a luta continua, somos da roça, somos guerreiras, e queremos reivindicar nossos direitos e poder continuar na lavoura produzir alimentos, com apoio das nossas lideranças políticas e para que sejamos apoiadas em nossos projetos. Margarida Alves! Presente! UHU!!!!!!!!, UHU!!!!!!!!*



**Edilene - Maceió, AL**

*Faço parte da Marcha Mundial, e hoje nós estamos na batucada da Marcha. Foi impressionante porque o Nordeste veio em peso e mostrou pra esse governo que aqui está que ele não é governo, ele está e vai sair e que a gente não aceita ele como governo e que é preconceituoso e fala mal de nós nordestinos. Gostei muito da Marcha e daqui a quatro anos estamos aqui de novo.*



**Vânia - Maracanã, PA**

*Eu participei da Marcha das Margaridas em 2015 e agora, em 2019. Foi muito importante pra nós, de Maracanã, a viagem foi muito proveitosa, cansativa, mas gratificante porque nós conhecemos várias Margaridas representantes de associações, então, quando chegamos aqui em Brasília, fomos nos comunicando com várias pessoas de outros lugares, tanto nacionais quanto internacionais e conhecemos as dificuldades e os deveres de cada uma e os direitos. Então apresentamos a nossa faixa em busca dos direitos e deveres dos nossos deficientes, e entregamos os panfletos que nós trouxemos. Foi uma Marcha muito importante pra nós porque conhecemos nossos direitos como mulher, como Margarida, porque a Margarida foi uma mulher muito determinada, uma mulher de projetos, morreu, mas venceu guerreando pelos direitos e deveres daquelas mulheres trabalhadoras. Hoje nós estamos aqui juntas, unidas em busca de melhoria para nossos municípios. Quando chegamos, fomos bem recebidas pela coordenação e a federação, aprendemos através das oficinas e das palestras. Nós que fazemos parte das associações e dos movimentos, aprendemos muito com as outras e também nós repassamos a nossa cultura lá de Maracanã no Pará. Eu quero dizer que nós, mulheres, temos que buscar nosso direito, não deixar se abater por qualquer coisa, não deixar se levar por besteira que muitas das vezes nós deixamos porque somos frágeis. Agradeço a senhora, dona Elisabete, por essa oportunidade de contar nossa história.*



**Edsoneide - Imperatriz, MA**

*Sou Assessora Regional das Quebradeiras de Coco Babaçú em Mearim e Cocais, um dos maiores movimentos da América Latina. Tivemos vários desafios. Primeiro, fazer as articulações com as agricultoras e depois juntar todo esse povo de suas comunidades até o ônibus. Outro desafio foi conseguir levar essas mulheres, as dificuldades pra deixarem seus familiares. Mulheres sem ter o costume de participar desses espaços grandes, sem condições financeiras pra viajar, enfrentando o frio e a distância, mas o nosso movimento juntou recurso pra alimentação de todas. Outro desafio grande foi enfrentar o medo dessas mulheres adoecerem, medo de elas morrerem, como já aconteceu, medo de elas sumirem, de acontecer alguma coisa. Coordenar todo esse povo, pra mim como assessora, é difícil mas muito prazeroso. Eu participei de outras Marchas, mas essa de 2019 pra mim é de fundamental importância, experiência de estar conhecendo novas pessoas, estar vivenciando o novo, e vendo essas mulheres, que estão vivenciando pela primeira vez, felizes. Quero voltar com elas em paz. Ter convivido com elas, conhecer outras vidas, foram momentos inesquecíveis, participar e conhecer mais outros movimentos e também levar coisas novas pra nosso movimento, o MIQCB.*

## COMO SE EXPRESSA A LUTA DAS MARGARIDAS NA MARCHA 2019, NA RELAÇÃO COM AS DIMENSÕES TRAZIDAS NOS SEUS 10 EIXOS POLÍTICOS? E SUAS UTOPIAS?

### EIXOS TEMÁTICOS DA MARCHA 2019:

01. **Por terra, água e agroecologia;**
02. **Pela autodeterminação dos povos, com soberania alimentar energética;**
03. **Pela proteção e conservação da sociobiodiversidade e acesso aos bens comuns;**
04. **Por autonomia econômica, trabalho e renda;**
05. **Por previdência e pela assistência social pública, universal e solidária;**
06. **Por saúde pública e em defesa do SUS;**
07. **Por uma educação não-sexista e antirracista e pelo direito à educação;**
08. **Pela autonomia e liberdade das mulheres sobre o seu corpo e a sua sexualidade;**
09. **Por uma vida livre de todas as formas de violência, sem racismo e sem sexismo;**
10. **Por democracia com igualdade e fortalecimento da participação política das mulheres.**



**Senhora - RS**

*A gente veio ver a realidade, junto com as companheiras, pra ver se juntas a gente tem mais força pra conseguir segurar pelos menos os direitos que a gente tem, porque a gente trabalha uma vida toda e alimenta o país inteiro, nossos direitos têm que ser respeitados. Margarida Alves! Presente!*



**Maria Luísa - Bacabal, MA**

*Estamos aqui na Marcha das Margaridas pra defender nossos direitos contra esse boçal, criado pra atrapalhar a vida do ser humano, dos trabalhadores e das trabalhadoras. Esse tipo de gente nós não queremos que tome decisão, queremos que seja um povo que tenha consciência, queremos fazer com que os deputados e os senadores tomem consciência do que estão assinando.*



**Tamara - AL**

*Faço parte da Marcha Mundial de Mulheres, e esta foi a minha primeira na Marcha das Margaridas. A gente já tinha vontade de vir desde 2015, mas não teve como se organizar. Este ano, como a gente tava organizada dentro da Marcha Mundial, então a gente teve a nossa delegação que trouxe 02 ônibus pela Marcha Mundial. Foram 11 ônibus de Alagoas, e assim foi super, a FETAG de Alagoas fez um trabalho excelente com muito empenho e dedicação. Daqui a quatro anos, estaremos aqui novamente, estaremos sempre em Marcha pela nossa sobrevivência e pela soberania nacional, porque estão destruindo nossas riquezas, vendendo para os estrangeiros.*



**Nara - Maracanaú, CE**

*Participo do Movimento dos Atingidos por Barragens, moro em São Gonçalo do Amarante, estado do Ceará. Nós, mulheres atingidas, esse ano estamos nos somando à Marcha das Margaridas tendo em vista a onda de retrocesso depois do golpe no país e a necessidade do protagonismo das mulheres nesse momento, e a expectativa de que a Marcha nos fortaleça e que denuncie a retirada de direitos e a violência contra a mulher. Que a gente possa fortalecer mais as lutas do povo e das mulheres tomarem as ruas pra reverter um pouco as ondas de retrocesso no país.*



**Mulheres do Axé - RN**

*Estou vindo do Rio Grande do Norte, é o único estado que elegeu a única governadora de esquerda, Fátima Bezerra, e lá nós temos as Mulheres de Axé. A questão do Axé é muito importante nos alimentos. Os alimentos com agrotóxicos interferem nas questões dos nossos Orixás e aí então nós viemos nos juntar à Marcha das Margaridas. Já estamos na quarta edição e justamente pra gritar “Ele não”. Ele não vai nos matar através dos agrotóxicos. O que ele tá fazendo na previdência com as mulheres de axé, as mulheres negras, que são mulheres de periferia, são as mais atingidas. ELE NÃO.*



**Lucia Helena - MG**

*Sou presidente da ASMIG, Associação das Mães Chefes de Famílias do estado de Minas Gerais, já vim várias vezes, em vários movimentos e vim também agora pela primeira vez com as Margaridas, mas participei no Dia Internacional da Mulher. Já participei desde o tempo do Itamar Franco, do Ulisses Guimarães, os caras pintadas. Sou de muitos anos da luta, vivo lutando para o bem-estar de nossa nação, muito obrigada.*



**Maria José - PR**

*Sou de Guarapuava, Paraná, sou produtora rural, lido com leite, e tamo pedindo mais ajuda do governo pra nós, porque, principalmente os produtores de leite estão esquecidos, desde estradas, assim, acesso, mais transporte pra aluno, é o que nós pedimos, né? Produtores de leite que não têm sábado, não têm domingo, não têm feriado, nem sol, não têm neve, não têm nada. Chegou aquela hora, você passa a ser empregada de suas vacas, pra você ganhar muito pouquinho sabe, e quando chove demais, o caminhão não vai, daí a gente perde todo leite. Eu não perco porque faço queijo, daí seco, vendo, né? Margarida Alves! Presente!*



**Malú - SP**

*Sou trabalhadora bancária, estou aqui representando a Federação de Bancários e Bancárias de São Paulo, é muito importante a nossa participação nessa Marcha porque nossa unidade com todas as mulheres brasileiras sejam do campo ou da cidade, e também juntos aos companheiros. Estamos na luta contra toda forma de preconceito, discriminação. Ainda em 2019, no século 21, mulheres morrem vítimas de violência doméstica e nas ruas, e nós estamos aqui pra dizer não a toda forma de violência. Nenhum direito a menos, não permitiremos que tirem nossos direitos. Somos contra a reforma da previdência Axé “Margarida Alves!” Presente sempre!*



**Mariza - Ibiraputã, RS**

*Por que da importância de fazer a Marcha da caminhada das Margaridas? É a primeira vez que eu participo, já estou achando maravilhoso todos os atos preparatórios como as oficinas e tudo mais. Este movimento, que foi iniciado pela mulher do campo, bandeira mais forte do movimento, que tenha a recepção de outras mulheres. Estamos aqui para que se mantenha o SUS, para que se mantenha a Previdência e pra que se mantenham todos os direitos da mulher. Agora vieram com uma história de querer acabar com o auxílio pra mulher que tem os filhos, pra maternidade das mulheres. A mulher que deixa de trabalhar no campo ela também precisa de amparo. Margarida Alves! Presente!*



**Juneia Batista**

*Secretária Nacional da Mulher Trabalhadora da CUT, acabamos a Sessão Solene de abertura da 6ª Marcha das Margaridas, Margaridas que estão nas ruas de Brasília, que vieram de todos os estados brasileiros brigando pela soberania, pelo direito à vida, pelo direito à terra, pelo direito a sementes, contra os agrotóxicos, contra o desmatamento, contra as armas e o que esse governo prega e difunde, o fascismo, mas nós mulheres venceremos. Hoje foi a abertura com a Marcha das Mulheres Indígenas, foi lindo e maravilhoso, e seguiremos aqui amanhã quando essa cidade toda estará ocupada em nome da paz, em nome da vida, em nome do amor. “Margarida Alves” presente! Lula Livre!*



**Irene - Canta Galo, PR**

*A viagem foi bastante cansativa, mas foi legal. É bom a gente participar e conhecer novas Margaridas, é uma contribuição para mais adiante, né? Na idade da gente também vai ajudar em alguma coisa, né? Estão retirando todos nossos direitos, e nós, trabalhadoras/es rurais, estamos sofrendo muito, nosso trabalho não tem valor, mas vamos continuar lutando para o governo não arrancar de nós os direitos que já conquistamos. Margarida Alves! Presente!*



**Helena - Pompeu, MG**

*Sou do assentamento 26 de Outubro. A gente está lutando com muita dificuldade por muitas coisas que a gente podia ter lá e não estamos conseguindo nada, então a gente tá passando dificuldades, faltando muitas coisas pra o nosso plantio. Então assim é uma luta muito difícil, foi cortada muitas coisas que a gente tinha direito e a gente não tá tendo mais. Essa Marcha eu espero que venha melhorar alguma coisa que sirva pra gente, quer dizer, pra melhorar nossas condições não só do campo, mas da cidade também. Até os remédios estão faltando. Obrigada.*



**Elizete - RS**

*É a primeira vez que tô participando da Marcha das Margaridas, tô gostando muito, gostei muito da viagem. E a gente veio aqui pra conhecer a realidade de todas, e defender também os direitos nossos das mulheres contra a violência, contra a reforma da previdência e que o governo olhe também pelas mulheres, né? As mulheres agricultoras sofrem muito. Então a gente precisa ter apoio, mais incentivo pra classe nossa, pra seguirmos em frente e manter a juventude na agricultura.*



**Marineide - BA**

*Sou graduada em Ciências Sociais e estudante de Antropologia na UFBA, atualmente moro em Salvador- BA, mas sou de uma pequena cidade do interior da Bahia chamada Macaúbas e sou filha de agricultor. É a primeira vez que participo da Marcha das Margaridas, sempre tive um encantamento pela Marcha e sei que ela é de total importância para nós, mulheres de todos os cantos, pois se espelhar na luta da Margarida Alves é o mesmo que continuar a luta dela. A Marcha deixa nas pessoas uma marca que jamais se apagará, deixa uma certeza que nos fortalece e nos motiva a continuarmos lutando e podermos ir em busca dos nossos direitos, e que a luta é contínua e que a união sempre faz a força para se conquistar o que se deseja. Nós, mulheres, teremos que estar sempre em luta para podermos conseguir e conquistar o nosso espaço na sociedade, pois vivemos numa sociedade extremamente machista, racista e seletiva, e em tempos difíceis com um desgoverno Federal fascista e antidemocrático, retirando os direitos dos trabalhadores, das universidades, portanto continuaremos em Marcha pelas nossas vidas e pelas futuras gerações.*



**Kenis Brasília - DF**

*Sou Assessora da Liderança do PT desde 2013, e a Marcha das Margaridas é muito significativa para nós, mulheres brasileiras. Eu tive a felicidade de acompanhar esse tema da Marcha das Margaridas desde 2003, que foi a primeira Marcha ainda no governo do Presidente Lula. Nós recebíamos a pauta da Marcha das Margaridas e passávamos ela por todos os órgãos federais. Eles, assim, nos respondiam, entendiam que era demanda das mulheres rurais na formação de políticas públicas, e depois que elas iam embora, tinha uma resposta do governo para elas de como nós íamos estruturar as políticas públicas para atender as mulheres rurais. Então, tenho muito orgulho disso, muitos programas foram consolidados e as Margaridas sabem disso. Hoje foi um dia lindo aqui, demonstra que as mulheres rurais continuam com força, que não têm medo desse momento difícil que nosso país está passando e que tá nas mãos delas essa transformação. Nós vamos voltar, vamos continuar consolidando políticas públicas que atendam as mulheres rurais, as mulheres indígenas e todas as mulheres do nosso Brasil. Parabéns, Margaridas, pela garra e pela coragem de vocês. “Margarida Alves”! Presente!*



**Eunice - MA**

*Sou Coordenadora Executiva do Movimento das Quebradeiras de Coco Babaçu e moro na região de Imperatriz. Para mim, a Marcha significa uma coisa muito importante porque é onde a gente consegue as nossas conquistas, os nossos direitos porque, se nós não lutar, nós não vamos conseguir nossos direitos. A Marcha é uma coisa muito importante para todas as quebradeiras, todas as Margaridas que faz parte dessa Marcha, toda a organização porque é onde a gente tá reivindicando nossos direitos e buscando forma do bem-viver pra nossas companheiras.*



### **Elaine**

*Sou secretária da Mulher da Contrave/CUT, que é a Confederação dos Bancários, e mais um ano nos somamos a essa grande e importante luta das mulheres do campo, da floresta e das águas, porque acreditamos que somente juntas nessa luta conseguiremos transformar esse país num país mais justo, mais igualitário. Lutamos pelo fim de qualquer forma de violência contra a mulher, pela agroecologia, por soberania, pela democracia, por uma sociedade livre de toda forma de preconceito. Estou grata por nos juntar a essas mulheres em Brasília. Esperamos sair vitoriosas, ninguém larga a mão de ninguém, todas de mãos dadas vamos lutar. Não a qualquer forma de retrocesso, não à violência e estejamos juntas nessa luta e sempre. Margarida Alves! Presente!*



### **Ana Carolina - PE**

*Em momentos difíceis como esses, ter um ato tão grande, reunindo tantas mulheres, do campo, das águas, das cidades, das terras indígenas, tantas gente de todos os pedaços desse País é muito bom e é revigorante. A gente sofre porque vive agora num momento que é parecido com aquele em que iniciou a Marcha das Margaridas, quando Margarida foi assassinada. Mas, ao mesmo tempo, é muito fortalecedor, muito importante estar lutando para a retomada da democracia. Então obrigada a todas as mulheres. Margarida Alves, presente!*

## QUE FEMINISMO É ESSE QUE BROTA DA MARCHA DAS MARGARIDAS?

**Essa cidade toda estará ocupada em nome da paz, em nome da vida, em nome do amor. Margarida Alves, presente!**

**Continuaremos em Marcha pelas nossas vidas e pelas futuras gerações.**

A cada passo dado ao construirmos a Marcha, ficava mais claro o seu poder como espaço de formação, de tomada de consciência sobre o que é ser Margarida e as condições que ela reúne para nossa construção como Margaridas. O convívio que possibilita é contagiante, nos fortalece até fisicamente e mostra que já fizemos muito ao nos assumirmos como Margaridas, mas precisamos e podemos fazer mais. O contexto, cheio de problemas, exige. A Marcha ensina que o pessoal e o político não se excluem, são espaços que estão contidos um no outro. Esta é uma das razões pelas quais as Margaridas consideram seus corpos como territórios.

Territórios mergulhados no campo, na floresta, nas águas e nas cidades, espaços de onde estão produzindo a subsistência e reproduzindo suas vidas, as de suas famílias, de suas comunidades. Corpos/territórios que fazem parte de uma realidade que precisa ser transformada para que possam viver bem e estar onde querem se fazer presentes. De uma realidade que revela que muitos direitos foram conquistados pelas mulheres – direitos à produção, educação, saúde, a manter sua sexualidade – direitos quanto à proteção e combate à violência, mas há muito que conquistar. Até porque muitas das nossas conquistas foram roubadas, dizem, quando um governo neofascista se instalou em nosso país.

Os depoimentos dessas 40 mulheres, em meio a cerca das 100 mil mulheres que estiveram em marcha apontaram isso.

Mazé Moraes, secretária de Mulheres da Contag, nos eventos preparatórios à Marcha, falou sobre nossos direitos, sobre nossa militância, e nos chamou a atenção para o feminismo que brota e se expressa em nosso agir e em nosso fazer.



**A Marcha vem dando novo significado ao espaço e à política do cotidiano e, concomitantemente, direção política à ação. Cria possibilidades para as mulheres se movimentarem entre o espaço privado e o público, vivenciando no primeiro o que desejam para o segundo.**

A Marcha vem mostrando que o apoio mútuo entre as Margaridas tem sido fundamental para a manutenção de uma atitude permanente de luta, acreditando que o enfrentamento aos retrocessos pode fazer brotar a disposição para a luta, pois “nós temos medo, mas não usa!” Faz do movimento entre o “ser menos” e o “ser mais”, a criação de possibilidade política de realização da “vocação para a humanização” (FREIRE, 2018) de mulheres e homens, o que implica em reforçar a coragem de cada uma e cada um e também de nossos coletivos, para um “refazer-se” permanente.

Cabem ainda algumas considerações sobre o feminismo que nasce em nosso caminhar, iniciado há mais de 20 anos, revelado no tempo presente pelas falas de tantas mulheres, que tem no legado de Margarida Alves uma fonte de coragem, determinação e de luta.

É um feminismo engajado, de resistência e de proposição. Por isso, é que estamos sempre em marcha, e marchar é lutar! Lutar para transformar nosso Brasil, em um país mais justo, mais igualitário. É missão que assumimos e esperança que nos aponta rumos e nos faz solidárias com mulheres da América Latina e do mundo inteiro. Lutamos pelo fim de qualquer forma de violência contra a mulher, pela agroecologia, pela soberania de nossos países, pela democracia, por uma sociedade livre de toda forma de preconceito e opressão, pela autonomia e liberdade das mulheres sobre sua sexualidade e seu corpo.

Nossa luta e organização nos espaços do cotidiano dá força e inspira a luta política. Queremos um novo país, uma nova sociedade, um saber viver em harmonia e equilíbrio com a vida, a história e com toda forma de existência, o que expressamos como “bem viver”. Mobilizar tanta gente de todos os cantos desse país é desafio bom, revigorante e transformador, pois nos dá força para nos mantermos em luta pela democracia, esperançando, onde quer que estejamos.



O nosso convite é que, nessa memória compartilhada, possamos compreender o feminismo que se expressa da luta construída a partir da Marcha das Margaridas. Feminismo na luta pela vida! Um feminismo anticapitalista, antirracista e antipatriarcal.

Um feminismo que pauta a igualdade de gênero, a orientação sexual e a autonomia das mulheres. Um feminismo que defende o direito de decidir sobre o próprio corpo, de exercer os direitos sexuais e reprodutivos e que questiona a centralidade do mercado sobre a vida das mulheres.

Um feminismo que fortalece a auto-organização e participação política das mulheres como condição para a superação da violência; um feminismo que valoriza a vida, a defesa da agroecologia, dos territórios, dos bens comuns, da soberania e autodeterminação dos povos.

Um feminismo que reflete realidades e afirma identidades; um feminismo que constrói reflexão crítica, que reconhece e valoriza os saberes das mulheres do campo, da floresta, das águas e da cidade.





**CAPÍTULO 7.  
MARGARIDAS  
EM MARCHA.  
SEMPRE!**

Para colorir como quiser!

# MARGARIDAS EM MARCHA. SEMPRE!

MARCHA DAS MARGARIDAS 2019



**N**ós, coletoras de memórias, somos margaridas em marcha. Nessa trajetória, aguçamos nossos olhares com racionalidade, afeto e compromisso coletivo. Fomos convidadas e desafiadas, a partir de um compromisso ético com a humanização e do lugar que ocupamos no mundo e na história, a desbravar, contar e aprender com os caminhos que vêm sendo orientados pela esperança construída no âmbito da Marcha das Margaridas, desde sua criação. Seguimos por uma trajetória que já se apresenta como história viva, pulsante, um fazer de milhares de mentes/corpos e sentires/pensares.

Marchar é caminhar com e “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se põs a caminhar” (FREIRE, 2018, p. 213).

Assim somos, são e se mostram as mulheres que fazem a Marcha das Margaridas, um ato político de mobilização, que revela a ousadia de lutar coletivamente, expõe a determinação de mulheres que transformam realidades, esperanças por outro mundo possível e, como isso, fortalecem suas raízes.

Trazemos para cá a representação do pássaro mítico – Sankofa<sup>5</sup>, um símbolo de resistência e expressa a sabedoria do retorno ao passado, para ressignificar o presente e construir um futuro melhor.

• • • • •

<sup>5</sup> Disponível em [www.dicionariodesimbolos.com.br](http://www.dicionariodesimbolos.com.br). Acesso em 25/07/2021.



O tempo presente exige reinvenção, recriação, novas formas de lutas para construir um mundo mais humanizado e justo. O fazer coletivo de sistematizar a Marcha das Margaridas 2019, em tempos da pandemia, decorrente da expansão da Covid-19 pelo mundo (que, no caso brasileiro, foi acentuada pelo descaso de um governo/desgoverno com as vidas do povo brasileiro), nos fez pensar, sentir e aprender com nossas lutas e fazer de nossas reflexões, aprendizados, lições de vida e desafios. Vamos dialogar sobre isso? Refletir é preciso! Sempre!

## **MARCHAR É CONSTRUIR COLETIVAMENTE. É SER OUSADA E DECIDIDA**

A Marcha revelou o poder mobilizador das mulheres, assim como a capacidade do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) brasileiro de unir organizações de diversas categorias em prol de uma luta comum. Constituiu-se também como uma forma de compartilhar anseios comuns e reforçar o horizonte da luta popular, fortalecendo a construção de um feminismo popular e contribuindo para articular campo e cidade.

Quando o conhecimento enriquece a vida exercemos a aprendizagem. E, ao aprender, criamos capacidade para observar, agir, decidir, criar e compreender a realidade. Para Freire (1996, p. 77), aprender é construir, reconstruir, constatar para mudar.

A Marcha, em sua capilaridade, constrói um processo potente de formação nos territórios rurais para fortalecer a resistência em defesa da democracia, dos direitos, do projeto de sociedade feminista, antirracista e agroecológica. Esse processo permite disputar as narrativas sobre a realidade do país, aprofundar temas e debater os desafios do fazer sindical diante dos retrocessos atuais.

A formação político-sindical se apresentou como uma das estratégias fundamentais na organização e luta das mulheres trabalhadoras rurais agricultoras familiares e possibilitou a construção de ações estratégicas que integraram o processo de mobilização da Marcha das Margaridas 2019.

**“Experimentamos, é certo, na travessia que fizemos, um alvoroço na alma” (FREIRE, 2018a, p. 45).**

Os aprendizados estão também na superação dos desafios encontrados, sejam relacionados à conjuntura política e social adversa, seja no esforço de vencer as situações-limite quanto à organização, preparação, mobilização da Marcha das Margaridas. Superar as situações-limite também faz parte dos inúmeros aprendizados dessa vivência. Para Freire (2018b, p. 277-278), as situações-limite envolvem os obstáculos que precisam ser discutidos e superados da melhor maneira possível, com uma postura decidida frente ao mundo. E, quando os sujeitos conscientes refletem e agem para derrubar tais situações, o sonho possível e a esperança podem tornar-se realidade para a humanização e a concretização do SER MAIS.

As Margaridas, em seus depoimentos, revelaram que, mesmo se deparando com diversos desafios, agiram coletivamente e buscaram soluções para os entraves de ordem familiar, política e sindical, fazendo dessa vivência um espaço de fala das mulheres, de resistência, de defesa da democracia e dos direitos conquistados, de luta contra a violência, por igualdade, soberania, pelo direito à vida, à terra, pelo direito a sementes, contra os agrotóxicos, o desmatamento, contra as armas e o fascismo presentes no país.

Destacaram também a importância de fazer parte desse momento histórico, reafirmando a participação efetiva nas Marchas que virão e que serão reencontros com a luta e a “boniteza da briga” (FREIRE, 2018, p. 71).

**Ousadas e decididas**, mesmo diante dos percalços, para as mulheres do campo, da floresta, das águas e da cidade não houve e nem há lugar para a desesperança. Há múltiplas razões para seguir em Marcha, para viver intensamente essa prática social coletiva, para manter acesa a chama da esperança de outro mundo possível.



## MARCHAR É APRENDER

A sistematização da Marcha evidenciou muitas coisas mais que são importantes. Quando uma prática social se torna objeto de reflexão e produção de conhecimentos, ela ganha novas luzes, pois não vamos vivenciá-la, apenas. Vamos recobri-la com nossas percepções sobre o vivido e destacar alguns pontos que podemos considerar como conhecimentos novos, aprendizagens e desafios para as novas jornadas. E essas novas jornadas são as Marchas que estão por vir, como também nossa militância que acontece em paralelo à organização e realização da nossa aventura que é marchar como Margarida.

Margarida Alves, nossa companheira, é testemunho de vida, cuja morte produziu a indignação, a justa ira que vem aglutinando, cada vez mais, mulheres trabalhadoras que passaram a ter sua vida como inspiração para constituírem-se como pessoas com autonomia de dizer quem são. Somos Margaridas. Somos trabalhadoras. Somos feministas. Nosso feminismo se alimenta em princípios da Educação Popular, nos leva a aprender com a história, a respeitar nossa ancestralidade.

Nosso feminismo brotou de nossas práticas refletidas à luz de outros feminismos com os quais dialogamos constantemente ao marchar. Ele sai do cotidiano para o espaço público, brota na singularidade de nossas vivências, em casa, no trabalho, nas festas, nas orações, nos estudos e vai para a sociedade mostrando que denunciar a violência, lutar por direitos e humanizar o mundo podem acontecer desde qualquer lugar e em qualquer lugar: no campo, na floresta, nas águas, na cidade.

A sistematização da Marcha nos mostrou que as Margaridas estão e estarão onde elas bem quiserem, contaminando o mundo com um “Ser Margarida”, um processo de construção de pessoas que, se não são livres e autônomas, buscam a liberdade, a autonomia para cuidar da vida. E assim, podem cantar, podem dançar, podem marchar... e podem se libertar das opressões.

*Água limpa sem privar  
Sede de todos acalmar  
Casa justa pra crescer,  
Casa justa pra crescer.  
Saúde antes de adoecer  
Terra sadia pra lucrar  
Canja na mesa no jantar  
Um mínimo para se ter.  
Direito à paz e ao prazer  
E dentro e fora punição  
Pra quem abusa do bastão  
Do ser patrão, do ser machão.  
É este o querer das Margaridas*



## **MARCHAR É ESPERANÇAR**

Outras repercussões do processo da Marcha/2019 podem ser contadas por você, Margarida que participou e pelas Margaridas que não estiveram na Marcha, mas que puderam vivenciá-la por meio deste texto da sistematização.

Sabemos que você, Margarida, tem outras muitas histórias para contar... Que tal iniciar?!

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. P. *Somos todas Margaridas: um estudo sobre o processo de constituição das mulheres do campo e da floresta como sujeito político*. 2015. 519 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas/SP, 2015.
- BOUFLEUER, José Pedro. Conhecer/Conhecimento (verbetes). In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire* 2. ed. revista e ampliada. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria –. *Impunidade no caso Margarida Alves*. 2001. Disponível em: [https://www.cfemea.org.br/index.php?option=com\\_content &view=article&id=451:impunidade-no-caso-margarida-alves&catid=85:numero-102-ju lho-de-2001&Itemid=129](https://www.cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=451:impunidade-no-caso-margarida-alves&catid=85:numero-102-ju lho-de-2001&Itemid=129). Acesso em: 12 mar./2022.
- CONTAG. *Política Nacional de Formação do MSTTR*. Brasília: CONTAG, 2022.
- CONTAG. *Texto para Debate – 7ª Plenária Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais Agricultoras Familiares*. Brasília: Contag, 2020.
- CONTAG. *Plataforma Política da Marcha das Margaridas*. Brasília: Contag, 2019a.
- CONTAG – SECRETARIA DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS AGRICULTORAS FAMILIARES. *Revista da Marcha das Margaridas 2019*. Brasília: Contag, 2019b.
- COORDENAÇÃO NACIONAL DA MARCHA DAS MARGARIDAS. *Marcha das Margaridas*. 2003 razões para marchar. Texto-base para debates. Brasília: Contag, 2003.
- COORDENAÇÃO NACIONAL DA MARCHA DAS MARGARIDAS. *Pauta de reivindicações da marcha das margaridas – 2003 razões para marchar*. Brasília: Contag, 2003.
- DELFANTE, Larissa. *Margaridas em luta* (poema). In: *Revista da Marcha das Margaridas, 2019*. Brasília: Contag, 2019.
- ENFOC. *Encontro Nacional de Formação – ENAFOR – Um conto que encanta*, 10 a 14 de novembro de 2014. Formação de base para quê? Organizadores Juraci Souto, Iara Lins, Elza Falkembach. Brasília: Ed. Escola Nacional de Formação da CONTAG, 2015. 120 p. (Série Organização e Prática Sindical).
- FALKEMBACH, Elza. Sistematização – uma arte de ampliar cabeças. In: VILAR, J. C.; ALMEIDA, S. G. e PEDERIVA, P. M. L. (Orgs.). *Leituras Freirianas: diálogos que permanecem*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- FALKEMBACH, Elza M. F. Sistematização, uma arte de ampliar cabeças. In: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA/PDA. *Arte de ampliar cabeças: uma leitura transversal*. Brasília: MMM/PDA, 2006. (Série Sistematização 11).

FIGUEIREDO, Daniel Augusto. História da Educação Popular: uma leitura crítica. In: ASSUMPÇÃO, Raiane. *Educação Popular na perspectiva freiriana*. São Paulo: Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 24. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018a.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018b.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez, 1980.

MORAES, Verena D. *Políticas de Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil: as instâncias de coordenação intersetorial e de participação social*. 2019. 264 fls. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. *Por um encontro nacional pelo movimento feminista*. São Paulo, PT, 2022. Disponível em: <https://pt.org.br/movimentos-de-mulheres-conclamam-para-construcao-de-encontro-nacional/>. Acesso em: 20 mar./2021.

STRECK, D. R.; ADAMS, T. *Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade*. Curitiba: Editora CRV, 2014.



Margaridas em Marcha é o que esta sistematização expressa! Margaridas que carregam bandeiras, movimentando a luta por democracia sobre o chão que pisam, sobre os lugares que habitam e as tribunas que ocupam para reivindicar políticas e direitos, e comunicar seus fazeres e querereres!

Narrar práticas sociais vividas, refletir e aprender com elas para torná-las mais próximas aos objetivos, em coerência com a Educação Popular, é o que desejamos atingir. É o grande desafio que assumimos em processos de sistematização e cuidamos para dele não nos afastarmos. “Desafio bom”! Especialmente, práticas como as da Marcha das Margaridas que intencionam enfrentar a injustiça, a desigualdade social, o desrespeito aos direitos humanos e reafirmam a importância das lutas em defesa de uma sociedade soberana, igualitária e livre de todas as formas de violência e negação à vida!

Sistematização é produção coletiva de conhecimentos que enlaça vida cotidiana e política! Seus produtos semeiam, portanto, a força das vivências e a organização para os embates que elas demandam.

